



Julian Barnes



VENCEDOR DO PRÊMIO
MAN BOOKER PRIZE 2011



Ó
sentido
1



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



JULIAN BARNES
O SENTIDO DE UM FIM

Tradução de
Léa Viveiros de Castro

Rocco

Para Pat

Sumário

[Um](#)

[Dois](#)

[Créditos](#)

UM

Eu me lembro, em ordem aleatória: — do brilho da face interna de um pulso; — do vapor subindo de uma pia molhada quando se joga alegremente uma frigideira quente lá dentro; — de gotas de esperma girando em volta de um ralo, antes de serem tragadas e descerem pelo cano de uma casa alta; — de um rio correndo sem sentido contra a corrente, o movimento das águas iluminado por meia dúzia de lanternas em perseguição; — de outro rio, largo e cinzento, a direção da sua corrente disfarçada por um vento forte agitando a superfície; — da água do banho já fria por trás de uma porta trancada.

Este último não é algo que eu vi de verdade, mas o que você acaba lembrando nem sempre é a mesma coisa que viu.

Nós vivemos no tempo — ele nos prende e nos molda —, mas eu nunca achei que entendia isso muito bem. E não me refiro a teorias de como ele se dobra e volta para trás, ou se pode existir em outro lugar em versões paralelas. Não, eu me refiro ao tempo comum, rotineiro, que os relógios nos mostram que passa regularmente: tique-taque, clique-claque. Existe algo mais plausível do que um segundo ponteiro? E, no entanto, basta o menor prazer ou dor para nos ensinar a maleabilidade do tempo. Algumas emoções o aceleram, outras o retardam; às vezes, ele parece desaparecer — até o ponto final em que ele realmente desaparece, para nunca mais voltar. Não estou muito interessado nos meus tempos de colégio, não sinto nenhuma saudade deles. Mas foi na escola que tudo começou, então eu preciso voltar brevemente a alguns incidentes que viraram anedotas, a algumas lembranças aproximadas que o tempo deformou em certezas. Se eu não posso mais ter certeza dos acontecimentos reais, posso ao menos ser fiel às impressões que aqueles fatos deixaram. É o melhor que posso fazer.

Nós éramos três, e ele então se tornou o quarto. Não esperávamos aumentar o nosso número reduzido: grupinhos e pares tinham acontecido muito tempo antes, e já estávamos começando a imaginar a nossa fuga da escola para a vida. Seu nome era Adrian Finn, um rapaz alto e tímido que no início mantinha os olhos baixos e guardava seus pensamentos para si mesmo. Por um dia ou dois, nós não tomamos conhecimento dele: na nossa escola não havia cerimônia de boas-vindas, muito menos o contrário, a introdução punitiva. Nós apenas registramos a presença dele e esperamos.

Os professores estavam mais interessados nele do que nós. Eles tinham que avaliar sua inteligência e seu senso de disciplina, calcular o quanto ele aprendera antes, e se seria “um possível candidato a uma bolsa de estudos”. Na terceira manhã daquele período de outono, nós tivemos uma aula de história com o Velho Joe Hunt, ironicamente afável no seu terno de colete, um professor cujo sistema de controle baseava-se em manter um tédio suficiente, mas não excessivo.

— Bem, vocês devem lembrar que eu pedi que fizessem uma leitura preliminar sobre o reinado de Henrique VIII. — Colin, Alex e eu nos entreolhamos, torcendo para a pergunta não ser atirada como um anzol em nossas cabeças. — Quem gostaria de oferecer uma caracterização da época? — Ele tirou suas próprias conclusões dos nossos olhares de esguelha. — Bem, quem sabe o Marshall? Como você descreveria o reinado de Henrique VIII?

Nosso alívio foi maior do que a curiosidade, pois Marshall era um imbecil cauteloso que não tinha a criatividade da verdadeira ignorância. Ele buscou possíveis complexidades ocultas na pergunta antes de finalmente arriscar uma resposta.

— Havia inquietação, senhor.

Uma eclosão de sorrisos maliciosos e mal disfarçados; o próprio Hunt quase sorriu.

— Você poderia, talvez, explicar melhor?

Marshall assentiu com um movimento lento de cabeça, pensou mais um pouco e decidiu que não era hora de ser cauteloso. — Eu diria que havia uma grande inquietação, senhor.

— Finn, então. Você está a par desse período?

O aluno novo estava sentado uma fileira à frente, à minha esquerda. Ele não tinha esboçado nenhuma reação diante das idiotices de Marshall.

— Na verdade não, senhor. Mas existe uma linha de pensamento segundo a qual tudo o que se pode realmente dizer acerca de qualquer acontecimento histórico, até da eclosão da Primeira Guerra Mundial por exemplo, é que “alguma coisa aconteceu”.

— Existe mesmo? Bem, isso me deixaria desempregado, não acha? — Depois de algumas risadas obsequiosas, o Velho Joe Hunt perdoou nossa preguiça durante as férias e nos falou sobre o rei açougueiro e polígamo.

No intervalo seguinte, eu procurei Finn. — Eu sou Tony Webster. — Ele me olhou cautelosamente. — Grande resposta para Hunt. — Ele pareceu

não saber do que eu estava falando. — Sobre “alguma coisa aconteceu”.

— Ah. Sim. Eu fiquei um tanto desapontado por ele não querer discutir o assunto.

Não era isso que ele devia ter dito.

Outro detalhe que eu me lembro: nós três, como símbolo da nossa união, costumávamos usar nossos relógios com o mostrador na face interna do pulso. Era uma afetação, é claro, mas talvez algo mais. Isso fazia o tempo parecer uma coisa pessoal, até mesmo secreta. Nós esperávamos que Adrian notasse o gesto, e o imitasse; mas ele não o fez.

Mais tarde naquele dia — ou talvez num outro dia — nós tivemos um período duplo de inglês com Phil Dixon, um jovem professor recém-chegado de Cambridge. Ele gostava de usar textos contemporâneos e propunha desafios súbitos. “‘Nascer, Copular e Morrer’ — T.S. Elliot diz que tudo se resume a isso. Algum comentário?” Ele uma vez comparou um herói shakespeariano a Kirk Douglas em *Spartacus*. E eu me lembro que quando estávamos discutindo a poesia de Ted Hughes, ele inclinou a cabeça com um ar pedante e murmurou, “É claro, estamos todos imaginando o que irá acontecer quando ele esgotar os animais”. Às vezes, ele se dirigia a nós como “Cavalheiros”. Naturalmente, nós o adorávamos.

Naquela tarde, ele nos entregou um poema sem título, data ou nome do autor, nos deu dez minutos para estudá-lo, depois pediu nossas impressões.

— Vamos começar com você, Finn. De maneira simples, você diria que este poema é sobre o quê?

Adrian ergueu os olhos da carteira.

— Eros e Thanatos, senhor.

— Hum. Continue.

— Sexo e morte — continuou Finn, como se não fossem só os burros do fundo da sala que não entendessem grego. — Ou amor e morte, se preferir. O princípio erótico, em todo caso, entrando em conflito com o princípio da morte. E o que resulta desse conflito, senhor.

Eu estava provavelmente parecendo mais impressionado do que Dixon achou saudável.

— Webster, esclareça melhor.

— Eu achei que era apenas um poema sobre uma coruja, senhor.

Essa era uma das diferenças entre nós três e o nosso novo amigo. Nós éramos essencialmente debochados, exceto quando éramos sérios. Ele era essencialmente sério, exceto quando era debochado. Nós levamos algum

tempo para entender isso.

Adrian se deixou absorver pelo nosso grupo, sem admitir que isto era algo que ele queria. Talvez não quisesse. E ele não alterou seus pontos de vista para combinar com os nossos. Nas orações matinais, ele podia ser ouvido durante as respostas enquanto Alex e eu simplesmente fazíamos mímica com a boca e Colin preferia o recurso satírico do grito entusiástico do pseudofanático. Nós três considerávamos as atividades esportivas escolares um plano criptofascista para reprimir nosso impulso sexual; Adrian entrou para o clube de esgrima e praticava salto em altura. Nosso ouvido musical era beligerantemente surdo; ele foi para a escola com seu clarinete. Quando Colin censurava a família, eu debochava do sistema político e Alex fazia objeções filosóficas à percepção da realidade, Adrian não se pronunciava — pelo menos no início. Ele dava a impressão de acreditar nas coisas. Nós também acreditávamos — só que queríamos acreditar nas nossas próprias coisas, e não no que tinha sido decidido para nós. Daí o que considerávamos ser o nosso ceticismo purificador.

A escola ficava no centro de Londres, e todo dia saíamos de nossos diferentes bairros e passávamos de um sistema de controle para outro. Naquela época, as coisas eram mais simples: menos dinheiro, nenhum aparelho eletrônico, pouca tirania da moda, nenhuma namorada. Não havia nada para nos distrair da nossa obrigação humana e filial de estudar, passar nos exames, usar nossas qualificações para arranjar um emprego e depois organizar um modo de vida mais satisfatório do que o dos nossos pais, que iriam aprová-lo, embora comparando-o em segredo com seus próprios começos de vida, que tinham sido mais simples e, portanto, superiores. Nada disso, é claro, jamais era verbalizado: o requintado darwinismo social da classe média inglesa sempre permanecia implícito.

— Malditos filhos da puta, os pais — reclamou Colin numa segunda-feira na hora do almoço. — Você acha que eles são legais quando você é pequeno, depois percebe que eles são iguais a...

— Henrique VIII, Col? — sugeriu Adrian. Nós estávamos começando a nos acostumar com seu senso de ironia; e também com o fato de que ele também podia ser usado contra nós. Quando queria implicar conosco ou nos obrigar a ficar sérios, ele me chamava de Anthony; Alex virava Alexander, e o inalongável Colin era abreviado para Col.

— Eu não me importaria se meu pai tivesse meia dúzia de esposas.

— E fosse incrivelmente rico.

— E pintado por Holbein.

— E dissesse ao papa para cair fora.

— Alguma razão particular para eles serem malditos filhos da puta? — perguntou Alex a Colin.

— Eu queria que a gente fosse ao parque de diversões. Eles disseram que tinham que passar o fim de semana cuidando do jardim.

Certo: malditos filhos da puta. Exceto para Adrian, que ouvia nossas queixas, mas raramente fazia alguma. E no entanto nós achávamos que ele tinha mais motivos do que a maioria. A mãe dele tinha ido embora anos antes, deixando o pai dele sozinho para criar Adrian e a irmã. Isto foi muito antes de a expressão “pai/mãe solteiro/a” entrar em uso; naquela época, isto se chamava “lar desfeito”, e Adrian era a única pessoa que nós conhecíamos que vinha de um lar desfeito. Isso deve ter dado a ele um grande estoque de raiva existencial, mas por algum motivo não deu; ele dizia que amava a mãe e respeitava o pai. Secretamente, nós três examinamos o caso dele e elaboramos uma teoria: que o segredo de uma vida familiar feliz era não ter família — ou, pelo menos, não ter uma família vivendo junto. Após esta análise, passamos a invejar Adrian ainda mais.

Naquela época, nos imaginávamos presos numa espécie de gaiola, esperando para sermos soltos na vida. E quando esse momento chegasse, as nossas vidas — e o próprio tempo — iriam se acelerar. Como poderíamos saber que nossas vidas já tinham começado, que algum benefício já havia sido obtido, algum dano já havia sido causado? E, também, que seríamos soltos numa gaiola apenas maior, cujas fronteiras a princípio seriam imperceptíveis.

Enquanto isso, tínhamos fome de livros, fome de sexo, éramos meritocratas, anarquistas. Todos os sistemas políticos e sociais nos pareciam corruptos, entretanto nos recusávamos a considerar uma alternativa que não fosse o caos hedonista. Adrian, no entanto, nos incentivava a acreditar na aplicação do pensamento à vida, na ideia de que os princípios deviam guiar as ações. Antes, Alex era considerado o filósofo entre nós. Ele tinha lido coisas que os outros dois não tinham, e era capaz, por exemplo, de declarar num repente, “Sobre o que não podemos falar, devemos calar”. Colin e eu refletíamos um pouco sobre esse pensamento em silêncio, depois ríamos e continuávamos conversando. Mas a chegada de Adrian tirou Alex do seu posto — ou melhor, nos deu outra opção de filósofo. Se Alex tinha lido Russell e Wittgenstein, Adrian tinha lido Camus e Nietzsche. Eu tinha lido

George Orwell e Aldous Huxley; Colin tinha lido Baudelaire e Dostoievski. Isto é apenas uma ligeira caricatura.

Sim, é claro que éramos pretensiosos — para que mais serve a juventude? Nós usávamos termos como “*Weltanschauung*” e “*Sturm und Drang*”, gostávamos de dizer “Isso é filosoficamente autoevidente” e assegurávamos uns aos outros que a primeira obrigação da imaginação era ser transgressora. Nossos pais viam as coisas de forma diferente, os filhos eram crianças inocentes subitamente expostas a influências nocivas. Assim, a mãe de Colin se referia a mim como seu “anjo das trevas”; meu pai culpou Alex quando me flagrou lendo *O manifesto comunista*; Colin foi acusado pelos pais de Alex quando eles o apanharam com um violento romance policial americano. E assim por diante. Era a mesma coisa com sexo. Nossos pais achavam que poderíamos ser corrompidos uns pelos outros e nos tornarmos aquilo que eles mais temiam: um masturbador incorrigível, um homossexual sedutor, um libertino temerariamente fértil. Por nossa causa eles tinham pavor da intimidade da amizade adolescente, do comportamento predatório de estranhos em trens, da atração pelo tipo errado de moça. A ansiedade deles ultrapassava muito as nossas experiências.

*

Uma tarde, o Velho Joe Hunt, como que aceitando o desafio anterior de Adrian, nos pediu para debater as origens da Primeira Guerra Mundial: especificamente, a responsabilidade do assassino do arquiduque Francisco Ferdinando em relação ao início de tudo aquilo. Na época, nós éramos quase todos absolutistas. Nós gostávamos de Sim x Não, Elogio x Crítica, Culpa x Inocência — ou, no caso de Marshall, Inquietação x Grande Inquietação. Gostávamos de um jogo que terminasse com vitória ou derrota, não com empate. Então, para alguns, o atirador sérvio, cujo nome há muito se apagou da minha memória, teve cem por cento de responsabilidade individual: se ele fosse retirado da equação, a guerra jamais teria acontecido. Outros preferiram responsabilizar as forças históricas, que tinham colocado as nações inimigas numa inevitável rota de colisão: “A Europa era um barril de pólvora pronto para explodir” e assim por diante. Os mais anárquicos, como Colin, argumentaram que tudo se deveu ao acaso, que o mundo existia em estado de perpétuo caos e só um instinto primitivo de contar histórias, sem dúvida uma ressaca da religião, impôs retrospectivamente sentido ao que poderia ou não ter acontecido.

Hunt inclinou brevemente a cabeça diante da tentativa de Colin de minar

tudo, como se a descrença mórbida fosse um subproduto natural da adolescência, algo para ser superado na idade adulta. Professores e pais costumavam comentar com irritação que eles também tinham sido jovens, e portanto podiam falar com autoridade. É apenas uma fase, eles insistiam. Você vai sair dela quando crescer; a vida irá ensinar-lhe realidade e realismo. Mas naquela época nós nos recusávamos a admitir que eles um dia tinham sido parecidos conosco, e sabíamos que compreendíamos a vida — e a verdade e a moralidade e a arte — com muito mais clareza do que nossa acomodada geração mais velha.

— Finn, você está calado. Foi você quem fez a bola rolar. Você é, por assim dizer, nosso atirador sérvio. — Hunt fez uma pausa para deixar a alusão fazer efeito. — Você não gostaria de dividir conosco seus pensamentos?

— Não sei, senhor.

— O que é que você não sabe?

— Bem, num certo sentido, eu não posso saber o que é que eu não sei. Isso é filosoficamente autoevidente. — Ele fez uma daquelas ligeiras pausas em que nós mais uma vez imaginamos se ele estava sendo sutilmente debochado ou usando de uma seriedade muito além da nossa. — Na verdade, essa questão de imputar responsabilidade não é uma espécie de desculpa? Nós queremos culpar um indivíduo para que todos os outros sejam isentos de culpa. Ou culpamos um processo histórico como forma de exonerar os indivíduos. Ou é tudo um caos anárquico, com a mesma consequência. Eu tenho a impressão de que existe, existiu, uma cadeia de responsabilidades individuais, todas elas necessárias, mas não uma cadeia tão longa que todo mundo possa simplesmente culpar todo mundo. Mas, é claro, meu desejo de atribuir responsabilidade pode ser mais um reflexo do meu próprio modo de pensar do que uma análise justa do que aconteceu. Esse é um dos principais problemas da história, não é, senhor? A questão da interpretação subjetiva versus a interpretação objetiva, o fato de que nós precisamos conhecer a história do historiador a fim de entender a versão que é colocada diante de nós.

Houve um silêncio. E não, ele não estava debochando, de jeito nenhum.

O Velho Joe Hunt olhou para o relógio e sorriu. — Finn, eu me aposento dentro de cinco anos. E vou ficar contente em recomendar você, caso queira ficar no meu lugar. — E ele também não estava debochando.

Durante a assembleia, uma manhã, o diretor, na voz soturna que ele

reservava para expulsões e catástrofes esportivas, anunciou que era portador de más notícias, a saber, que Robson da Sexta de Ciências havia falecido durante o fim de semana. Por sobre um sussurro de espanto, ele nos disse que Robson fora abatido na flor da juventude, que sua morte era uma perda para toda a escola, e que nós todos estaríamos simbolicamente presentes no funeral. Tudo, de fato, exceto o que nós queríamos saber: como e por quê, e caso fosse um assassinato, por quem.

— Eros e Thanatos — comentou Adrian antes da primeira aula do dia.
— Thanatos vence de novo.

— Robson não era exatamente do tipo Eros-e-Thanatos — disse Alex a ele. Colin e eu concordamos. Nós sabíamos disso porque ele tinha estado uns dois anos na nossa classe: um rapaz calmo e sem imaginação, profundamente desinteressado das artes, que tinha avançado lentamente sem ofender ninguém. Agora ele havia nos ofendido ao se tornar famoso por ter morrido cedo. Flor da juventude coisa nenhuma: o Robson que nós tínhamos conhecido era um vegetal.

Não houve menção a doença, acidente de bicicleta ou explosão de gás, e, alguns dias depois, boatos (leia-se Brown da Sexta de Matemática) suprimiram o que as autoridades não puderam ou não quiseram. Robson tinha engravidado a namorada, tinha se enforcado no sótão e só foi encontrado dois dias depois.

— Eu jamais pensaria que ele soubesse como se enforçar.

— Ele estava na Sexta de Ciência.

— Mas você precisa de um tipo especial de nó corrediço.

— Isso é só nos filmes. E em execuções oficiais. Você pode fazer isso com um nó comum. Só leva mais tempo para se sufocar.

— Como deve ser a namorada dele?

Consideramos as opções conhecidas por nós: virgem pudica (agora ex-virgem), balconista vulgar, mulher mais velha experiente, prostituta coberta de doenças venéreas. Nós discutimos isto até Adrian redirecionar nossos interesses.

— Camus disse que o suicídio era a única questão filosófica verdadeira.

— Fora ética, política e estética e a natureza da realidade e todo o resto.

— Havia uma certa irritação na resposta de Alex.

— A única *verdadeira*. A questão fundamental da qual todas as outras dependem.

Depois de uma longa análise do suicídio de Robson, concluímos que ele

só podia ser considerado filosófico num sentido aritmético do termo: ele, estando prestes a causar um aumento de um na população humana, tinha decidido que era sua obrigação ética manter constantes os números do planeta. Mas, em todos os outros aspectos, julgamos que Robson tinha decepcionado a nós e a todo pensamento sério. Sua ação tinha sido não filosófica, autoindulgente e não artística: em outras palavras, errada. Quanto ao bilhete que ele deixou, que segundo boatos (Brown de novo) dizia “Desculpe, mamãe”, nós achamos que ele tinha deixado passar uma grande oportunidade educativa.

Talvez não tivéssemos sido tão severos com Robson se não fosse por um fato fundamental e imutável: Robson tinha a nossa idade, na nossa concepção não tinha nada de excepcional, e, no entanto, ele não apenas conspirara para achar uma namorada como também, incontestavelmente, fizera sexo com ela. Maldito filho da puta! Por que ele e não nós? Por que nenhum de nós jamais chegou a ter nem a experiência de *fracassar* em conseguir uma namorada? Pelo menos a humilhação disso teria contribuído para ficarmos mais sábios, teria nos dado algo de que poderíamos nos gabar negativamente. (“Na realidade, ‘um imbecil pustulento com o carisma de uma sola de tênis’ foram as palavras exatas dela.”) Nós sabíamos por nossas leituras dos grandes livros que Amor envolvia Sofrimento, e teríamos de bom grado praticado o Sofrimento se houvesse uma promessa implícita, talvez até lógica, de que o Amor poderia estar a caminho.

Este era outro de nossos temores: que a Vida não fosse igual à Literatura. Veja os nossos pais — eles eram objeto de Literatura? Na melhor das hipóteses, eles poderiam aspirar à condição de observadores e espectadores, parte de um pano de fundo social que servia para que coisas reais, verdadeiras e importantes pudessem acontecer. Como o quê? As coisas que eram tratadas pela Literatura: amor, sexo, moralidade, amizade, felicidade, sofrimento, traição, adultério, bondade e maldade, heróis e vilões, culpa e inocência, ambição, poder, justiça, revolução, guerra, pais e filhos, mães e filhas, o indivíduo contra a sociedade, sucesso e fracasso, assassinato, suicídio, morte, Deus. E corujas. É claro que havia outros tipos de literatura — teórica, autorreferente, lacrimosamente autobiográfica —, mas estes eram apenas babaquice. A verdadeira literatura era sobre a verdade psicológica, emocional e social como demonstravam as ações e reflexões de seus protagonistas; o romance era sobre o desenvolvimento do caráter ao longo do tempo. Pelo menos era isso que Phil Dixon tinha dito para nós. E a única

pessoa — exceto Robson — cuja vida até então continha algo remotamente merecedor de um romance era Adrian.

— Por que sua mãe deixou o seu pai?

— Não sei direito.

— Sua mãe tinha outro cara?

— Seu pai era corno?

— Seu pai tinha uma amante?

— Eu não sei. Eles disseram que eu iria entender quando fosse mais velho.

— É o que eles sempre prometem. Que tal explicar *agora*, é o que eu digo. — Só que eu nunca tinha dito isso. E nossa casa, até onde eu sabia, não continha nenhum mistério, para minha vergonha e decepção.

— Talvez sua mãe tenha um amante jovem?

— Como eu poderia saber? Nós nunca nos vemos lá. Ela sempre vem a Londres.

Isso era desanimador. Num romance, Adrian não teria aceitado as coisas do modo como elas foram colocadas para ele. De que adiantava ter uma situação digna de ficção se o protagonista não se comportava como teria se comportado num livro? Adrian deveria ter ido xeretar, ou economizado a mesada para contratar um detetive particular; talvez nós quatro devêssemos ter partido numa Busca para Descobrir a Verdade. Ou isso teria parecido menos literatura e mais história infantil?

Na nossa última aula de história do ano, o Velho Joe Hunt, que tinha guiado seus alunos letárgicos por entre Tudors e Stuarts, vitorianos e eduardianos, a Ascensão do Império e seu Subsequente Declínio, nos convidou a olhar para trás, para todos aqueles séculos, e tentar tirar algumas conclusões.

— Nós podíamos começar, talvez, com a pergunta aparentemente simples, O que é História? Alguma ideia, Webster?

— História é a mentira dos vitoriosos — respondi, depressa demais.

— Sim, eu estava com medo de que você fosse dizer isso. Bem, desde que você não se esqueça de que ela é também uma forma de o derrotado se autoiludir. Simpson?

Colin estava mais preparado do que eu. — A História é um sanduíche de cebola crua, senhor.

— Por que razão?

— Ela só se repete, senhor. Ela arrotta. Nós vimos isso muitas vezes

durante este ano. A mesma velha história, a mesma velha oscilação entre tirania e rebelião, guerra e paz, prosperidade e empobrecimento.

— Coisa demais para pôr num sanduíche, você não acha?

Nós rimos bem mais do que o necessário, com uma histeria de fim de período.

— Finn?

— História é aquela certeza fabricada no instante em que as imperfeições da memória se encontram com as falhas de documentação.

— É mesmo? Onde você encontrou isso?

— Lagrange, senhor. Patrick Lagrange. Ele é francês.

— Dava para adivinhar. Você poderia nos dar um exemplo?

— O suicídio de Robson, senhor.

Houve uma agitação perceptível na sala. Mas Hunt, como os outros professores, concediam a Adrian um status especial. Quando o resto de nós fazia uma provocação, esta era ignorada como sendo um cinismo pueril — mais uma coisa que passaria com a idade. As provocações de Adrian eram de certa forma vistas como uma busca desajeitada da verdade.

— O que isso tem a ver com o assunto?

— É um fato histórico, senhor, mesmo que de menor importância. Mas recente. Então ele deveria ser entendido como história. Nós sabemos que ele está morto, sabemos que ele tinha uma namorada, sabemos que ela está grávida, ou estava. O que mais nós temos? Um único documento, um bilhete suicida dizendo “Desculpe, mamãe”, pelo menos segundo Brown. Esse bilhete ainda existe? Ele foi destruído? Robson teve outros motivos além dos óbvios? Como era o seu estado de espírito? Podemos ter certeza de que o filho era dele? Nós não podemos saber, senhor, nem mesmo passado tão pouco tempo. Então como alguém poderia escrever a história de Robson daqui a cinquenta anos, quando seus pais estiverem mortos e sua namorada tiver desaparecido e não quiser mais se lembrar dele? O senhor está vendo o problema?

Nós todos olhamos para Hunt, imaginando se Adrian teria ido longe demais desta vez. Aquela única palavra “grávida” parecia pairar como pó de giz. E quanto à sugestão audaciosa da paternidade duvidosa, de Robson, o Aluno Corno... Passado um tempo, o professor respondeu.

— Eu estou vendo o problema, Finn. Mas acho que você subestima a história. E, conseqüentemente, os historiadores. Vamos supor, para não prejudicar a discussão, que o pobre Robson tivesse algum interesse histórico.

Os historiadores sempre se depararam com a falta de evidência direta das coisas. Eles estão acostumados com isso. E não se esqueça de que neste caso teria havido um inquérito e, portanto, um relatório do médico-legista. Robson poderia ter um diário, ou cartas, poderia ter dado telefonemas cujos conteúdos são lembrados. Seus pais teriam respondido às cartas de pêsames que receberam. E daqui a cinquenta anos, dada a atual expectativa de vida da população, um bom número dos seus colegas de escola estaria disponível para ser entrevistado. O problema talvez fosse menos desanimador do que você imagina.

— Mas nada pode substituir a ausência do testemunho de Robson, senhor.

— De certa forma, não. Mas também os historiadores precisam tratar a explicação de um evento dada por um participante com certo ceticismo. Normalmente, a declaração feita com um olho no futuro é que é a mais suspeita.

— Se é o que o senhor acha.

— E estados de espírito podem muitas vezes ser inferidos a partir de ações. O tirano raramente envia um bilhete manuscrito solicitando a eliminação de um inimigo.

— Se é o que o senhor acha.

— Bem, é o que eu acho.

Será que a conversa foi exatamente assim? Provavelmente não. Mas é como eu me lembro dela.

Nós concluímos o curso, prometemos ser amigos para sempre e seguimos nossos caminhos. Adrian, o que não foi surpresa para ninguém, ganhou uma bolsa de estudos para Cambridge. Eu estudei história em Bristol; Colin foi para Sussex, e Alex foi trabalhar com o pai. Nós escrevíamos cartas uns para os outros, como as pessoas — mesmo as jovens — costumavam fazer naquela época. Mas tínhamos pouca experiência quanto à forma, então um acanhamento jocoso tinha precedência sobre qualquer urgência de conteúdo. Começar uma carta dizendo “Estando de posse da sua epístola do último dia 17” pareceu por algum tempo algo muito espiritualoso.

Nós juramos nos reunir toda vez que os três que estavam na universidade viessem de férias para casa; entretanto isso nem sempre aconteceu. E escrever um para o outro pareceu ter recalibrado a dinâmica do nosso relacionamento. Os três originais escreviam com menos frequência e menos entusiasmo um para o outro do que para Adrian. Nós queríamos sua

atenção, sua aprovação; nós o cortejávamos, e contávamos primeiro a ele nossas melhores histórias; cada um de nós achava que era — e merecia ser — mais próximo dele. E embora estivéssemos fazendo novas amizades, de certa forma convencemos a nós mesmos de que Adrian não estava; que nós três ainda éramos seus amigos mais íntimos, que ele contava conosco. Isso seria apenas para disfarçar o fato de que contávamos com ele?

E então a vida tomou seu curso e o tempo se acelerou. Em outras palavras, eu arranjei uma namorada. Evidentemente, eu tinha conhecido algumas garotas antes, mas ou a autoconfiança delas me fazia sentir desajeitado, ou o nervosismo delas aumentava o meu. Havia, aparentemente, algum código masculino secreto, passado de cortesões rapazes de vinte anos para trêmulos rapazes de dezoito, que, depois de dominado, lhe permitia “pegar” garotas e, em certas circunstâncias, “transar” com elas. Mas eu nunca o aprendi nem entendi, e provavelmente ainda não entendo. Minha “técnica” consistia em não ter técnica; outros, sem dúvida com razão, consideravam isso incompetência. Até a supostamente simples sequência de que-tal-um-drinque-quer-dançar-eu-a-acompanho-até-em-casa-que-tal-um-café? envolvia uma coragem que eu não tinha. Eu só ficava ali por perto e tentava fazer observações interessantes esperando estragar tudo. Eu me lembro de me sentir triste depois de beber numa festa no meu primeiro semestre, e quando uma garota passou e perguntou simpaticamente se eu estava bem, eu me vi respondendo “Acho que eu sou maníaco-depressivo” porque na época isso pareceu mais interessante do que dizer “Eu estou um pouco triste”. Quando ela respondeu “Outro não” e se afastou depressa, eu percebi que, longe de me destacar na multidão animada, eu tinha usado a pior cantada possível.

Minha namorada se chamava Veronica Mary Elizabeth Ford, informação (refiro-me aos seus nomes do meio) que eu levei dois meses para extrair. Ela estava estudando espanhol, gostava de poesia e o pai era funcionário público. Tinha cerca de um metro e cinquenta e cinco, batatas da perna musculosas, cabelos castanhos até os ombros, olhos azuis acinzentados por trás de óculos de armação azul e um sorriso rápido, mas retraído. Eu a achava bonita. Bem, provavelmente eu teria achado bonita qualquer garota que não me rejeitasse. Eu não tentei dizer a ela que me sentia triste porque não me sentia. Ela possuía uma vitrola Black Box e eu uma Dansette, e tinha um gosto musical melhor: quer dizer, ela desprezava Dvorák e Tchaikovsky, que eu adorava, e tinha alguns LPs de corais e canções românticas. Ela examinou minha coleção de discos com um sorriso ocasional e uma careta

mais frequente. O fato de eu ter escondido tanto a Overture 1812 quanto a trilha sonora de *Un Homme et Une Femme* não me poupou. Havia material de gosto duvidoso em número suficiente mesmo antes de ela alcançar minha extensa seção pop: Elvis, os Beatles, os Stones (não que alguém pudesse fazer objeções a eles, sem dúvida), mas também os Hollies, os Animals, os Moody Blues e um álbum duplo de Donovan chamado (em letras minúsculas) *a gift from a flower to a garden*.

— Você gosta disso? — perguntou ela com voz neutra.

— É bom para dançar — respondi, um tanto na defensiva.

— Você dança ouvindo isso? Aqui? No seu quarto? Sozinho?

— Não. — Mas é claro que eu dançava.

— Eu não danço — disse ela, parte antropóloga, parte estabelecadora de regras para qualquer relacionamento que pudéssemos ter, caso fôssemos sair juntos.

Acho melhor explicar o que o conceito de “sair” com alguém significava na época, porque o tempo mudou este conceito. Eu estava conversando recentemente com uma amiga cuja filha a tinha procurado num estado de agonia. Ela estava no seu segundo semestre na universidade e estava dormindo com um rapaz que costumava dormir — abertamente, com o conhecimento dela — com diversas outras garotas ao mesmo tempo. O que ele estava era testando-as antes de decidir com qual delas ia “sair”. A filha estava aborrecida, não tanto com o sistema — embora ela percebesse até certo ponto sua injustiça —, mas com o fato de não ter sido a escolhida.

Isso fez com que eu me sentisse um sobrevivente de alguma cultura antiga, ultrapassada, cujos membros ainda usavam nabos esculpidos como forma de troca financeira. No “meu tempo” — embora eu não reivindicasse a posse dele na época, muito menos agora — o que acontecia era o seguinte: você conhecia uma moça, você se sentia atraído por ela, você tentava se insinuar para ela, você a convidava para alguns eventos sociais — por exemplo, o pub — depois a convidava para sair sozinha com você, depois tornava a convidá-la, e depois de um beijo de boa-noite de ardor variável, você estava, meio que oficialmente, “saindo” com ela. Só quando vocês estavam comprometidos semipublicamente é que você descobria qual era a política sexual dela. E às vezes isso significava que o corpo dela era tão bem guardado quanto uma zona de proibição de pesca.

Veronica não era muito diferente das outras garotas de sua época. Elas se sentiam fisicamente confortáveis com você, tomavam seu braço em

público, beijavam você até não poder mais, e podiam conscientemente apertar os seios contra você desde que houvesse cinco camadas de roupa entre a pele de um e a pele do outro. Elas sabiam muito bem o que estava acontecendo dentro das suas calças sem nunca mencionar isso. E isso era tudo, por um bom tempo. Algumas garotas permitiam mais: você ouvia falar naquelas que topavam masturbação mútua, outras que permitiam “sexo completo”, como era chamado. Você só conseguia apreciar o peso desse “completo” depois de ter feito um bocado do incompleto. E então, à medida que o relacionamento prosseguia, havia certas negociações implícitas, algumas baseadas no capricho, outras em promessa e compromisso — até o que o poeta chamou de “uma disputa pela aliança”.

Gerações subsequentes podem inclinar-se a atribuir tudo isso a religião ou puritanismo. Mas as garotas — ou mulheres — com quem eu tive o que poderia ser chamado de infrassexo (sim, não foi só com Veronica) sentiam-se à vontade com seus corpos. E, mantidos certos critérios, com o meu. Eu não estou querendo sugerir, aliás, que o infrassexo não era excitante, ou mesmo, exceto do modo mais óbvio, que era frustrante. Além disso, essas garotas estavam permitindo muito mais do que suas mães tinham permitido, e eu estava conseguindo muito mais do que meu pai tinha conseguido. Pelo menos, era o que eu supunha. E alguma coisa era melhor do que nada. Só que, enquanto isso, Colin e Alex tinham arrumado namoradas que não tinham nenhuma política de zonas de exclusão — pelo que eles davam a entender. Mas naquela época ninguém contava toda a verdade sobre sexo. E, neste aspecto, nada mudou.

Eu não era exatamente virgem, caso você esteja se perguntando. Contando com a escola e a universidade, eu tive alguns episódios instrutivos, cuja excitação foi maior do que a marca que eles deixaram. Então o que aconteceu depois fez com que eu achasse tudo ainda mais esquisito: quanto mais você gostava de uma garota, e quanto mais vocês combinavam um com o outro, menor a chance de fazerem sexo, aparentemente. A menos, é claro — e este é um pensamento que eu só articulei mais tarde — que alguma coisa em mim fizesse com que eu me sentisse atraído por mulheres que diziam não. Mas será que pode existir um instinto tão perverso?

— Por que não? — perguntava você, quando uma mão controladora segurava o seu pulso.

— Não me sinto bem fazendo isso.

Este foi um diálogo ouvido defronte a vários fogões a gás, tendo como

contraponto o assovio de uma chaleira. E não havia como argumentar contra “sentimentos” porque as mulheres eram especialistas neles, os homens meros principiantes. Então “não me sinto bem fazendo isso” tinha muito mais força persuasiva e irrefutabilidade do que qualquer doutrina religiosa ou conselho materno. Você pode dizer, Mas não eram os anos 1960? Sim, mas só para algumas pessoas, só em certas partes do país.

Minhas estantes fizeram muito mais sucesso com Veronica do que minha coleção de discos. Naquela época, os livros de capa mole vinham com seus trajes tradicionais: Penguins cor de laranja para ficção, Pelicans azuis para não ficção. Ter mais azuis do que laranjas na sua estante era prova de seriedade. E, acima de tudo, eu tinha muitos dos títulos certos: Richard Hoggart, Steven Runciman, Huizinga, Eysenck, Empson... além de *Honest to God*, do bispo John Robinson, ao lado dos livros de quadrinhos de Larry. Veronica me fez o cumprimento de achar que eu tinha lido todos eles, e não desconfiou de que os títulos mais gastos tinham sido comprados de segunda mão.

A estante dela tinha um bocado de poesia, em forma de livro e panfleto: Eliot, Auden, MacNeice, Stevie Smith, Thom Gunn, Ted Hughes. Havia edições de Orwell e Koestler do Left Book Club, alguns romances do século XIX com capa de couro, alguns infantis de Arthur Rackhams e seu livro para desestressar, *I Capture the Castle*. Eu não duvidei nem por um momento de que ela havia lido todos eles, ou que eles eram os livros certos de se ter. Mais do que isso, eles pareciam ser uma continuação orgânica da sua mente e da sua personalidade, enquanto os meus me pareciam funcionalmente separados, esforçando-se para descrever um personagem que eu pretendia vir a ser. Esta disparidade me causou um certo pânico e enquanto eu examinava a prateleira de poesia da estante dela, eu me lembrei da frase de Phil Dixon.

— É claro que todo mundo se pergunta o que Ted Hughes vai fazer quando esgotar os animais.

— É mesmo?

— Foi o que me disseram — disse sem muita convicção. Na boca de Dixon, a frase tinha parecido espirituosa e sofisticada; na minha, meramente chistosa.

— Poetas não esgotam seus temas como acontece com os romancistas — disse ela. — Porque eles não dependem tanto do conteúdo. E você o está tratando como uma espécie de zoólogo, não está? Mas nem os zoólogos se cansam dos animais, certo?

Ela estava olhando para mim com uma sobrancelha levantada por cima do aro dos óculos. Ela era cinco meses mais velha do que eu, mas às vezes eu tinha a impressão de que eram cinco anos.

— Isso foi uma coisa que o meu professor de inglês disse.

— Bem, agora que você está na universidade, nós precisamos fazer você pensar por si mesmo, não é?

Alguma coisa naquele “nós” me fez suspeitar que eu não tinha entendido tudo errado. Ela estava apenas tentando me melhorar — e quem era eu para protestar? Uma das primeiras coisas que ela me perguntou foi por que eu usava o relógio virado para o lado de dentro do pulso. Eu não consegui encontrar uma justificativa, então virei o relógio e deixei as horas viradas para fora, como pessoas normais, adultas, fazem.

Eu entrei numa rotina agradável de trabalhar, passar meu tempo livre com Veronica e, ao voltar para o meu dormitório, me masturbar fantasiando-a esparramada na cama sob mim ou montada em cima de mim. A intimidade diária me deixou orgulhoso por saber tudo sobre maquiagem, escolha de roupas, depilação feminina, e o mistério e as consequências da menstruação de uma mulher. Eu me vi invejando este lembrete singular de algo tão inteiramente feminino e definidor, tão ligado ao grande ciclo da natureza. Eu talvez tenha me expressado deste jeito desastroso quando tentei explicar o sentimento.

— Você está apenas idealizando uma coisa que não possui. O único sentido disto é mostrar que você não está grávida.

Dado o nosso relacionamento, isso me pareceu um tanto abusado.

— Bem, espero não estarmos vivendo em Nazaré.

Seguiu-se uma daquelas pausas que ocorrem quando casais concordam tacitamente em não discutir alguma coisa. E o que havia para discutir? Apenas, talvez, os termos não escritos do acordo. Do meu ponto de vista, o fato de não estarmos fazendo sexo me exonerava de pensar no relacionamento como sendo algo mais do que uma íntima cumplicidade com uma mulher cuja parte no acordo era não perguntar ao homem para onde a relação estava indo. Pelo menos, eu achava que o acordo era esse. Mas eu estava enganado sobre a maior parte das coisas, tanto na época quanto agora. Por exemplo, por que eu presumi que ela fosse virgem? Eu nunca perguntei a ela, e ela nunca me disse. Eu presumi que fosse porque ela se recusava a dormir comigo: e onde está a lógica disso?

Um fim de semana nas férias, eu fui convidado para conhecer a família

dela. Eles moravam em Kent, na direção de Orpington, num daqueles subúrbios que tinham parado de substituir a natureza por concreto no último minuto e desde então reivindicavam seu status rural. No trem saindo de Charing Cross, fiquei com medo de que a minha mala — a única que eu tinha — fosse tão grande que me fizesse parecer um ladrão em potencial. Na estação, Veronica me apresentou ao seu pai, que abriu o porta-malas do carro, tirou a mala da minha mão e riu.

— Parece que você está planejando se mudar para cá, rapaz.

Ele era grande, corpulento e tinha o rosto vermelho; ele me pareceu vulgar. Havia cerveja no hálito dele? Àquela hora do dia? Como um pai daqueles pode ter tido uma filha tão pequena e delicada?

Ele dirigia seu Humper Super Snipe com suspiros de impaciência pela loucura dos outros. Eu ia sentado atrás, sozinho. Ocasionalmente, ele apontava coisas, supostamente para mim, embora eu não soubesse o que responder. “St. Michel, tijolo e pedra, muito melhorada pelos restauradores vitorianos.” “Nosso próprio Café Royal *voilà!*” “Repare na imponente loja de bebidas com suas vigas de madeira aparentes à sua direita.” Eu olhava para o perfil de Veronica atrás de uma pista, mas não recebi nenhuma.

Eles moravam numa casa de tijolos vermelhos e telhado inclinado com uma faixa de cascalho na frente. O Sr. Ford abriu a porta da frente e gritou para dentro, — O rapaz veio para passar um mês.

Eu notei o brilho na mobília escura e o brilho nas folhas de um extravagante vaso de plantas. O pai de Veronica agarrou minha mala como se estivesse cumprindo as regras de hospitalidade e, exagerando comicamente o seu peso, carregou-a para um quarto no sótão e a atirou em cima da cama. Ele apontou para um pequeno lavatório.

— Pode urinar aqui à noite se tiver vontade.

Eu balancei a cabeça em resposta. Não dava para saber se ele estava me tratando com camaradagem masculina ou como escória do proletariado.

O irmão de Veronica, Jack, foi mais fácil de avaliar: um daqueles rapazes saudáveis, esportivos, que riam de tudo e implicavam com a irmã mais nova. Ele se comportou em relação a mim como se eu fosse um objeto de vaga curiosidade, e de forma alguma o primeiro a ser exibido para sua apreciação. A mãe de Veronica ignorou toda a encenação em volta dela, perguntou-me sobre meus estudos e passou grande parte do tempo na cozinha. Suponho que ela tivesse quarenta e poucos anos, embora, é claro, ela me parecesse uma pessoa de meia-idade, assim como o marido. Ela não se

parecia muito com Veronica: tinha o rosto mais largo, o cabelo puxado para trás e amarrado com uma fita, e o peso um pouco acima do normal. Tinha um ar meio artístico, embora como isso se expressava exatamente — cachecóis coloridos, um jeito distraído, o fato de cantarolar árias de óperas, ou todos os três — eu não seja mais capaz de dizer.

Eu me senti tão pouco à vontade que passei o fim de semana inteiro com prisão de ventre: esta é a minha principal recordação factual. O resto são impressões e lembranças pela metade que podem, portanto, atender exclusivamente aos meus interesses: por exemplo, a maneira como Veronica, apesar de me haver convidado, parecer a princípio se integrar à família e se juntar a ela para me observar — embora se isso foi a causa ou a consequência da minha insegurança eu não consiga agora determinar. Durante o jantar, naquela sexta-feira, houve algumas indagações a respeito das minhas credenciais sociais e intelectuais; eu senti como se estivesse diante de um tribunal de inquisição. Depois assistimos ao noticiário na TV e discutimos desajeitadamente questões mundiais até a hora de dormir. Se estivéssemos num romance, talvez tivesse havido alguma atividade sorrateira entre os andares para troca de carícias depois que o páter-famílias tivesse se recolhido. Mas não estávamos; Veronica nem mesmo me deu um beijo de boa-noite naquela primeira noite, nem deu nenhuma desculpa sobre toalhas ou sobre verificar se eu tinha tudo de que precisava. Talvez ela temesse a zombaria do irmão. Então eu me despi, me lavei, urinei agressivamente no lavatório, vesti o pijama e fiquei acordado na cama por um bom tempo.

Quando desci para tomar café, só quem estava lá era a Sra. Ford. Os outros tinham ido dar uma volta, depois de Veronica garantir a todos que eu iria querer dormir até mais tarde. Eu não devo ter conseguido disfarçar muito bem minha reação ao ouvir isso, porque pude sentir que a Sra. Ford estava me examinando enquanto preparava bacon e ovos, fritando as coisas de um modo desmazelado e quebrando uma das gemas. Eu não tinha experiência em conversar com mães de namoradas.

— Vocês moram aqui há muito tempo? — perguntei depois de algum tempo, embora já soubesse a resposta.

Ela fez uma pausa, serviu-se de uma xícara de café, quebrou outro ovo na frigideira, encostou-se num armário cheio de pratos, e disse: — Não deixe Veronica fazer gato e sapato de você.

Eu não soube o que responder. Eu deveria ficar ofendido com esta interferência em nosso relacionamento, ou entrar num clima confessional e

“discutir” Veronica? Então eu disse, um tanto empertigado: — Como assim, Sra. Ford?

Ela olhou para mim, sorriu de um jeito amistoso, sacudiu ligeiramente a cabeça e disse: — Nós moramos aqui há dez anos.

Então no fim eu me senti tão perdido com ela como com os outros, embora pelo menos ela parecesse gostar de mim. Ela pôs outro ovo no meu prato, apesar de eu não ter pedido nem desejado outro. Os restos do ovo partido ainda estavam na frigideira; ela os jogou na lixeira, depois meio que atirou a frigideira quente dentro da pia. A água chiou e o vapor subiu com o impacto, e ela riu, como se tivesse gostado de causar esse pequeno tumulto.

Quando Veronica e os homens voltaram, eu estava esperando mais investigação, talvez até algum truque ou jogo; em vez disso eles fizeram perguntas amáveis sobre meu sono e conforto. Isso deveria ter feito com que eu me sentisse aceito, mas a impressão que tive foi que eles tinham se cansado de mim, e que o fim de semana era agora algo para ser tolerado. Talvez isto fosse simples paranoia. Mas o lado bom foi que Veronica ficou mais afetuosa; durante o lanche ela pôs a mão no meu braço e desmanchou o meu cabelo. Numa certa hora, ela se virou para o irmão e disse: — Ele vai servir, não vai?

Jack piscou o olho para mim; eu não pisquei de volta. Em vez disso, uma parte minha teve vontade de roubar umas toalhas ou de andar pelo tapete com o sapato sujo de lama.

Mesmo assim, as coisas estavam quase normais. Naquela noite, Veronica me acompanhou até o sótão e me deu um beijo decente de boa-noite. No almoço de domingo, foi servido um pernil de carneiro com enormes galhos de alecrim espetados nele como pedaços de árvore de Natal. Como meus pais tinham me ensinado boas maneiras, eu disse que estava delicioso. Depois peguei Jack piscando o olho para o pai, como que dizendo: Que imbecil. Mas o Sr. Ford disse, rindo, “Bravo, apoio a moção”, enquanto a Sra. Ford me agradecia.

Quando desci para me despedir, o Sr. Ford agarrou minha mala e disse para a mulher, “Espero que você tenha contado as colheres, meu bem”. Ela não se dignou a responder, apenas sorriu para mim, quase como se compartilhássemos um segredo. O irmão Jack não apareceu para se despedir. Veronica e o pai entraram na frente do carro; eu tornei a me sentar atrás. A Sra. Ford estava debruçada na varanda, o sol batendo numa glicínia que subia pela casa acima da sua cabeça. Quando o Sr. Ford engrenou o carro e

acelerou, eu acenei e ela respondeu, embora não do jeito que as pessoas costumam fazer, com a palma da mão levantada, mas com uma espécie de gesto horizontal na altura da cintura. Eu desejei ter conversado mais com ela.

Para impedir que o Sr. Ford ficasse apontando para as maravilhas de Chislehurst outra vez, eu disse para Veronica: — Eu gosto da sua mãe.

— Parece que você arranjou uma rival, Vron — disse o Sr. Ford, com uma expressão teatral. — Pensando bem, parece que eu também arranjei um. Pistolas ao amanhecer, meu jovem?

Meu trem atrasou, devido ao movimento de domingo. Eu cheguei em casa no início da noite. Lembro de ter dado uma boa cagada.

Mais ou menos uma semana depois, Veronica foi até a cidade para eu poder apresentá-la aos meus amigos do colégio. Aquele provou ser um dia sem sentido pelo qual ninguém quis se responsabilizar. Nós fomos à Tate, depois caminhamos até o Palácio de Buckingham e entramos no Hyde Park, dirigindo-nos para o Speaker's Corner. Mas não havia nenhum orador em ação, então nós passeamos pela Oxford Street vendo vitrines e terminamos em Trafalgar Square no meio dos leões. Qualquer um pensaria que éramos turistas.

A princípio eu estava observando para ver como os meus amigos reagiriam a Veronica, mas logo fiquei mais interessado em saber o que ela achava deles. Ela riu das piadas de Colin com mais naturalidade do que ria das minhas, o que me aborreceu, e perguntou a Alex como o pai dele ganhava dinheiro (seguro de navios, ele disse a ela, para minha surpresa). Ela pareceu feliz em deixar Adrian por último. Eu tinha contado a ela que ele estava em Cambridge, e ela citou diversos nomes para ele. Ao ouvir uns dois nomes, ele disse: — Sim, eu sei o tipo de pessoas que eles são.

Isso me pareceu bastante grosseiro, mas Veronica não se ofendeu. Em vez disso, ela mencionou professores e gente formada e casas de chá de um jeito que fez com que eu me sentisse deixado de fora.

— Como é que você sabe tanto sobre o lugar? — perguntei.

— É lá que Jack estuda.

— Jack?

— Meu irmão, lembra?

— Deixe-me ver... Ele era aquele que era mais moço do que o seu pai? Eu achei que a piada não tinha sido ruim, mas ela nem sorriu.

— O que Jack está estudando? — perguntei, tentando ganhar terreno.

— Ciências morais — respondeu ela. — Como Adrian.

Eu sei o que Adrian está estudando, obrigado, eu tive vontade de dizer. Em vez disso, fiquei de mau humor por um tempo e conversei com Colin sobre filmes.

No final da tarde, nós tiramos retratos; ela pediu “um retrato dos seus amigos”. Os três se colocaram educadamente em fila, enquanto ela os reorganizava: Adrian e Colin, os dois mais altos, de cada lado dela, com Alex ao lado de Colin. O resultado depois da foto revelada foi que ela pareceu ainda menor do que na vida real. Muitos anos depois, quando eu tornei a examinar essa foto, procurando respostas, eu me perguntei por que ela nunca usava salto alto. Eu tinha lido em algum lugar que se você quer obrigar as pessoas a prestar atenção no que você está dizendo, você não eleva a voz, pelo contrário, fala mais baixo; isso é que chama realmente atenção. Talvez ela usasse um truque semelhante em relação à altura. Se ela se valia ou não de truques, é uma questão que ainda não resolvi. Quando eu estava saindo com ela, sempre me pareceu que suas ações eram instintivas. Mas na época eu era resistente à ideia de que as mulheres eram ou podiam ser manipuladoras. Isso pode dizer mais a meu respeito do que a respeito dela. E mesmo que eu pudesse decidir, passado tanto tempo, que ela era e sempre tinha sido calculista, não tenho certeza se isso ajudaria de alguma forma. O que eu quero dizer é: se me ajudaria.

Nós a levamos até Charing Cross e a embarcamos para Chislehurst de um jeito ironicamente heroico, como se ela estivesse indo para Samarkand. Depois nos sentamos no bar do hotel da estação, tomando cerveja e nos sentindo adultos.

— Uma boa moça — disse Colin.

— Muito boa — acrescentou Alex.

— Isso é filosoficamente autoevidente! — quase gritei. Bem, eu estava um tanto histérico. Eu me virei para Adrian. — Algum adendo em relação a “muito boa”?

— Você não precisa realmente que eu o cumprimente, precisa, Anthony?

— Sim, por que eu não precisaria, porra?

— Então é claro que eu cumprimento você.

Mas a atitude dele parecia criticar minha carência e a dos outros dois por favorecê-la. Eu senti um certo pânico; não queria que o dia desandasse. Embora, pensando bem agora, não fosse o dia, mas nós quatro, que estávamos começando a desandar.

— E aí, você já cruzou com o irmão Jack em Cambridge?

— Não, eu não o conheci, e não espero conhecê-lo. Ele está no último ano. Mas já ouvi falar nele, li sobre ele num artigo de revista. E sobre as pessoas com quem ele anda.

Estava claro que ele queria parar o assunto por aí, mas eu não deixei.

— E o que você acha dele?

Adrian fez uma pausa. Tomou um gole de cerveja, e então disse com súbita veemência: — Eu *odeio* o jeito que os ingleses têm de não admitir que estão falando sério. Eu *realmente odeio* isso.

Se eu estivesse num estado de espírito diferente, talvez tivesse tomado isto como um ataque contra nós três. Em vez disso, senti um desejo de vingança.

Veronica e eu continuamos a sair juntos, durante todo o nosso segundo ano. Uma noite, talvez um pouco bêbada, ela deixou que eu pusesse a mão dentro de suas calcinhas. Eu senti um orgulho extravagante ao passar a mão por ali. Ela não deixou que eu enfiasse meu dedo dentro dela, mas sem dizer nada, nos dias seguintes, nós elaboramos uma forma de ter prazer. Nós nos deitávamos no chão, nos beijando. Eu tirava o relógio, enrolava a manga esquerda da camisa, punha minha mão dentro da calcinha dela e aos poucos a fazia descer até o meio de suas coxas; então eu encostava a palma da mão no chão, e ela se esfregava no meu pulso até gozar. Durante algumas semanas, isto me fez sentir um perito, mas quando voltava para o meu quarto, minha masturbação às vezes era feita com um certo ressentimento. Que tipo de permuta eu tinha feito agora? Uma melhor ou uma pior? Eu também descobri outra coisa que não consegui entender: eu deveria estar me sentindo mais próximo dela, mas não estava.

— E aí, você já pensou para onde o nosso relacionamento está caminhando?

Ela disse isso assim, a troco de nada. Apareceu para lanche, trazendo fatias de bolo de frutas.

— E você?

— Eu perguntei primeiro.

Eu pensei — e esta pode não ter sido uma reação muito galante — então foi por isso que você começou a deixar que pusesse a mão dentro da sua calcinha?

— Ele tem que caminhar para algum lugar?

— Não é isso que acontece com os relacionamentos?

— Eu não sei. Não tive muitos relacionamentos.

— Olha, Tony — disse ela. — Eu não fico estagnada.

Eu pensei um pouco sobre isso, ou tentei pensar. Mas em vez disso fiquei vendo uma imagem de água estagnada, com uma espuma grossa e cheia de mosquitos. Percebi que não era muito bom para discutir esse tipo de coisa.

— Então você acha que nós estamos estagnados?

Ela fez aquele cacoete de levantar a sobrancelha acima do aro dos óculos que eu não achava mais tão engraçadinho. Eu continuei: — Não existe algo entre estagnação e caminhar para algum lugar?

— Tipo?

— Tipo se divertir. Curtir o momento e tudo mais? — Mas, ao dizer isso, comecei a pensar se *eu* ainda estava curtindo o momento. Eu também pensei: o que ela quer que eu diga?

— E você acha que nós combinamos um com o outro?

— Você fica me fazendo perguntas como se já soubesse as respostas. Ou como se soubesse as respostas que quer ouvir. Então por que você não diz a sua resposta e eu digo se ela é também a minha?

— Você é um bocado covarde, não é, Tony?

— Acho que é mais uma questão de ser... pacato.

— Bem, eu não gostaria de estragar a imagem que você faz de si mesmo.

Nós terminamos nosso lanche. Eu embrulhei as duas fatias de bolo que sobraram e as guardei numa lata. Veronica me beijou mais no canto da boca do que no centro e foi embora. Na minha cabeça, este foi o começo do fim do nosso relacionamento. Ou eu apenas o recordei assim para dar essa impressão e poder dividir a culpa? Se me perguntassem num tribunal o que aconteceu e o que foi dito, eu só poderia confirmar as palavras “caminhando”, “estagnação” e “pacato”. Eu nunca tinha pensado em mim mesmo como uma pessoa pacata — ou o oposto disto — até então. Eu também seria capaz de jurar quanto à veracidade da lata de biscoitos; ela era cor de vinho, com o perfil sorridente da rainha estampado.

Não quero dar a impressão de que só o que fazia em Bristol era estudar e me encontrar com Veronica. Mas poucas outras lembranças me vêm à mente. Uma que me vem — apenas um evento, distinto — foi a noite em que testemunhei a Severn Bore. O jornal local costumava publicar um horário, indicando local e hora para vê-la melhor. Mas a primeira vez que eu tentei, a

água não pareceu estar obedecendo às instruções. Então, uma noite em Minsterworth, um grupo em que eu estava ficou esperando na margem do rio até depois de meia-noite e acabamos sendo recompensados. Durante uma hora ou duas nós observamos o rio correndo suavemente na direção do mar como todos os bons rios fazem. A luz intermitente da lua era ajudada pela exploração ocasional de algumas possantes lanternas. Então houve um murmúrio, e um virar de cabeças, e todos os pensamentos de frio e umidade desapareceram quando o rio pareceu simplesmente mudar de ideia, e uma onda, de cerca de um metro de altura, veio em nossa direção, a água tomando toda a largura do rio, de uma margem a outra. Esta ondulação chegou ao nosso nível, passou por nós e quebrou, distanciando-se de nós; alguns dos meus companheiros foram correndo atrás dela, gritando, xingando e tropeçando enquanto ela os ia deixando para trás; eu fiquei sozinho na margem. Acho que não sou capaz de expressar corretamente o efeito que aquele momento teve sobre mim. Não foi como um furacão ou um terremoto (não que eu tenha visto um dos dois) — a natureza sendo destrutiva e violenta, colocando-nos em nosso lugar. Foi mais perturbador porque deu a sensação de ser algo calmamente incorreto, como se uma pequena alavanca do universo tivesse sido puxada, e ali, só por alguns minutos, a natureza fosse colocada em marcha a ré, e o tempo junto com ela. E ver este fenômeno acontecer no escuro tornou-o ainda mais misterioso, mais sobrenatural.

Depois que terminamos, ela dormiu comigo.

Sim, eu sei. Imagino que você esteja pensando: que cara bobo, como ele não viu que isso estava para acontecer? Mas eu não vi. Eu achei que tínhamos acabado, e achei que havia outra garota (uma garota de altura normal que usava salto alto nas festas) em quem eu estava interessado. Eu não vi que isso estava para acontecer em momento algum: quando Veronica e eu nos encontramos por acaso no pub (ela não gostava de pubs), quando ela me pediu para acompanhá-la até em casa, quando parou no meio do caminho e nos beijamos, quando chegamos no quarto dela e eu acendi a luz e ela tornou a apagá-la, quando tirou a calcinha e me entregou um pacote de Durex Fetherlite, ou mesmo quando tirou uma camisinha da minha mão desajeitada e a colocou em mim, ou durante o resto do rápido ato.

Sim, pode tornar a dizer: que cara bobo. E você ainda achou que ela era virgem quando ela estava enfiando uma camisinha no seu pau? De certa forma, sabe, eu achei. Eu pensei que talvez fosse uma dessas habilidades intuitivas das mulheres que eu não tinha. Bem, talvez fosse.

— Você tem que ficar segurando a camisinha quando sair de dentro de mim — sussurrou ela (será que ela achou que *eu* era virgem?). Então eu me levantei e fui para o banheiro, com a camisinha cheia batendo na parte interna das minhas coxas. Enquanto a jogava fora, eu cheguei a uma decisão e a uma conclusão: não, eu pensei, não.

— Seu egoísta filho da puta — disse ela na próxima vez que nos encontramos.

— Sim, bem, é isso.

— Isso praticamente caracteriza um estupro.

— Eu não acho que nada faça disso um estupro.

— Bem, você poderia ter tido a decência de me dizer antes.

— Eu não sabia antes.

— Ah, foi tão ruim assim?

— Não, foi bom. É só...

— Só o quê?

— Você estava sempre me pedindo para pensar sobre o nosso relacionamento e agora talvez eu tenha pensado. Eu pensei.

— Bravo. Deve ter sido difícil.

Eu pensei: e eu nem vi os seios dela, em todo este tempo. Segurei-os, mas não os vi. Além disso, ela está totalmente enganada a respeito de Dvorák e Tchaikovsky. E o que é mais, eu vou poder ouvir o meu LP de *Un Homme et Une Femme* tantas vezes quanto quiser. Abertamente.

— O quê?

— Meu Deus, Tony, você não consegue se concentrar nem *agora*. Meu irmão tinha razão a seu respeito.

Eu sabia que ela queria que eu perguntasse o que irmão Jack tinha dito, mas eu não quis dar-lhe este gostinho. Como eu fiquei calado, ela continuou: — E não diga aquela coisa.

A vida parecia mais do que nunca um jogo de adivinhação.

— Que coisa?

— Sobre nós ainda podermos ser amigos.

— Era isso que eu devia dizer?

— Você devia dizer o que você *pensa*, o que você *sente*, pelo amor de Deus, o que você *quer*.

— Tudo bem. Nesse caso, eu não vou dizer... o que devia dizer. Porque eu não acho que ainda possamos ser amigos.

— Parabéns — disse ela sarcasticamente. — Parabéns.

— Então deixe-me fazer-lhe uma pergunta. Você dormiu comigo para me ter de volta?

— Eu não tenho mais que responder as suas perguntas.

— Nesse caso, por que você não dormia comigo quando estávamos saindo juntos?

Nenhuma resposta.

— Porque você não precisava?

— Talvez eu não quisesse.

— Talvez você não quisesse porque não precisava.

— Bem, você pode acreditar no que preferir.

No dia seguinte, levei um bule de leite que ela havia me dado para a loja de Oxfam. Eu esperava que ela o visse na vitrine. Mas, quando parei para conferir, havia outra coisa exposta: uma pequena litografia de Chislehurst que eu dera a ela de Natal.

Pelo menos nós estávamos estudando coisas diferentes, e Bristol era uma cidade suficientemente grande para nós nos avistarmos apenas ocasionalmente. Quando isso acontecia, eu era invadido por uma sensação que só posso descrever como sendo de pré-culpa: a expectativa de que ela fosse dizer ou fazer algo que me fizesse sentir devidamente culpado. Mas ela nunca se dignou a falar comigo, então esta apreensão aos poucos desapareceu. E eu disse a mim mesmo que não havia nenhum motivo para eu me sentir culpado: nós dois éramos quase adultos, responsáveis por nossos atos, e tínhamos entrado livremente num relacionamento que não deu certo. Ninguém ficou grávida, ninguém se matou.

Na segunda semana das férias de verão, chegou uma carta com carimbo de Chislehurst. Eu examinei a caligrafia desconhecida — redonda e um tanto desleixada — no envelope. Uma letra feminina: a mãe dela, sem dúvida. Outra crise de pré-culpa: talvez Veronica tivesse sofrido um colapso nervoso, estivesse debilitada e desamparada. Ou talvez estivesse com peritonite e me chamando para a cabeceira do seu leito de hospital. Ou talvez... mas até mesmo eu sabia que estas eram fantasias presunçosas. A carta era mesmo da mãe de Veronica; era breve e, para minha surpresa, nada acusadora. Ela lamentava saber que nós havíamos terminado e tinha certeza de que eu iria encontrar uma pessoa mais apropriada. Mas ela não pareceu querer dizer com isso que eu era um canalha que merecia uma pessoa da mesma laia. Pelo contrário, ela queria dizer o oposto: que eu estava melhor assim, e que ela desejava tudo de bom para mim. Eu gostaria de ter guardado essa carta,

porque ela teria servido de prova, de confirmação. Entretanto, a única evidência vem da minha memória — de uma mulher despreocupada, um tanto espirituosa, que estragou um ovo, me fez outro e me disse para não deixar a filha dela me tratar com desprezo.

Eu voltei a Bristol para o meu último ano. A garota de altura normal que usava salto alto estava menos interessada do que eu tinha imaginado, então eu me concentrei nos estudos. Eu duvidava que tivesse inteligência suficiente para um primeiro lugar, mas estava decidido a conseguir um 2:1. Nas noites de sexta-feira, eu me dava uma folga para ir ao pub. Uma vez, uma garota com quem eu estava conversando voltou para casa comigo e ficou a noite toda. Foi muito excitante e agradável, mas nenhum dos dois procurou o outro depois. Eu pensei nisso menos na época do que penso agora. Imagino que este comportamento recreativo vá parecer muito natural para as gerações mais jovens, caso ocorra hoje em dia ou tenha ocorrido naquela época: afinal de contas, “aquela época” não eram os anos 1960? Sim, eram, mas como eu disse, isso dependia de onde — e com quem — você estava. Se você permitir uma breve aula de história: a maioria das pessoas não experimentou os “anos 1960” até os anos 1970. O que significa, logicamente, que a maioria das pessoas nos anos 1960 ainda estava experimentando os 1950 — ou, no meu caso, pedaços de cada década lado a lado. O que tornava as coisas um tanto confusas.

Lógica: sim, onde está a lógica? Onde ela está, por exemplo, no momento seguinte da minha história? Mais ou menos no meio do meu último ano de faculdade, eu recebi uma carta de Adrian. Isso tinha se tornado uma ocorrência cada vez mais rara, já que nós dois estávamos estudando muito para os exames finais. Ele, é claro, estava na expectativa de ganhar um primeiro lugar. E depois o quê? Pós-graduação, provavelmente, seguido pelo mundo acadêmico, ou algum emprego na esfera pública em que sua inteligência e seu senso de responsabilidade teriam grande utilidade. Alguém me disse uma vez que o serviço público (ou, pelo menos, nos escalões mais elevados) era um lugar fascinante de se trabalhar porque você estava sempre tendo que tomar decisões de caráter moral. Talvez isso tivesse combinado com Adrian. Eu com certeza não o via como uma pessoa mundana, ou aventureira — exceto intelectualmente, é claro. Ele não era o tipo de pessoa que teria seu nome ou seu rosto estampado nos jornais.

Você provavelmente já adivinhou que eu estou adiando o que vou contar em seguida. Tudo bem: Adrian disse que estava escrevendo para pedir minha

permissão para sair com Veronica.

Sim, por que ela e por que naquele momento; além disso, por que pedir? Na realidade, para ser fiel à minha própria memória, até onde isso é possível (e eu também não guardei essa carta), o que ele disse foi que ele e Veronica já estavam saindo juntos, um estado de coisas que iria sem dúvida chegar ao meu conhecimento mais cedo ou mais tarde; então ele achava melhor que eu soubesse disso por ele. Também que, embora esta notícia pudesse ser uma surpresa, ele esperava que eu pudesse entender e aceitar, porque, se eu não pudesse, em nome da nossa amizade ele teria que reconsiderar suas ações e decisões. E, finalmente, que Veronica tinha concordado que ele devia escrever aquela carta — na verdade, em parte isso tinha sido sugestão dela.

Como você pode imaginar, eu gostei da parte sobre os escrúpulos morais dele — dando a entender que se eu achasse que algum venerável código de cavalheirismo, ou, melhor ainda, algum moderno princípio de ética havia sido infringido, então ele iria, natural e logicamente, parar de trepar com ela. Presumindo que ela não o estivesse enrolando como tinha feito comigo. Eu também gostei da hipocrisia de uma carta cujo objetivo não era apenas me contar uma coisa que eu poderia nunca ter vindo a saber (ou pelo menos por um bom tempo), mas me contar que ela, Veronica, tinha me trocado por algo melhor: meu amigo mais inteligente, e, o que é mais, um aluno de Cambridge como o seu irmão Jack. E também para me avisar que ela estaria por perto se eu planejasse continuar me encontrando com Adrian. Muito bom para um dia, ou uma noite, de trabalho. Mais uma vez, devo enfatizar que esta é a minha leitura atual do que aconteceu na época. Ou melhor, minha lembrança atual da leitura que fiz então do que estava acontecendo na época.

Mas eu acho que tenho um instinto de sobrevivência, de autopreservação. Talvez isto seja o que Veronica chamou de covardia e eu chamei de ser pacato. De todo modo, alguma coisa me disse para eu não me envolver — pelo menos, não naquele momento. Eu comprei o primeiro cartão-postal que vi — um da ponte suspensa de Clifton — e escrevi palavras do tipo: “Tendo recebido sua epístola do dia 21, o abaixo-assinado tem a honra de apresentar seus cumprimentos e de deixar claro que por mim está tudo bem, meu velho.” Tolo, mas sem ambiguidades; e iria servir por ora. Eu ia fingir — especialmente para mim mesmo — que não estava ligando a mínima. Eu ia estudar bastante, colocar de lado as emoções, não levar ninguém do pub para casa, me masturbar quando fosse necessário, e tentar garantir a nota que eu merecia nos exames. Eu fiz tudo isso (e, sim, consegui

um 2:1).

Fiquei mais algumas semanas por lá depois de terminar as provas, passei a andar com um grupo diferente, bebia sistematicamente, fumava um pouco de maconha e pensava muito pouco. Fora imaginar o que Veronica poderia ter contado a Adrian a meu respeito. (“Ele tirou minha virgindade e me deu o fora logo em seguida. Então, na realidade, a coisa toda pareceu um estupro, entende?”) Eu a imaginei bajulando-o — eu tinha assistido ao começo disso — elogiando-o, se aproveitando de suas expectativas. Como eu disse, Adrian não era uma pessoa com traquejo social, apesar do seu sucesso acadêmico. Daí o tom pudico da carta dele, que por algum tempo eu costumava reler com uma frequência autocomiserativa. Quando, por fim, eu a respondi adequadamente, não usei aquela linguagem tola de “epístola”. Até onde me lembro, eu disse a ele o que achava dos escrúpulos morais dos dois. Eu também o aconselhei a ser prudente, porque na minha opinião Veronica tinha sofrido algum trauma no passado. Depois desejei-lhe boa sorte, queimei a carta dele numa lareira vazia (melodramático, eu concordo, mas declaro a juventude como circunstância atenuante), e decidi que os dois estavam, a partir de então, fora da minha vida para sempre.

O que eu quis dizer com “trauma”? Era só um palpite; eu não tinha nenhuma prova disso. Mas sempre que olhava para trás, para aquele fim de semana desastroso, eu percebia que aquilo não tinha sido apenas uma questão de um rapaz ingênuo se vendo no meio de uma família mais alinhada e com mais traquejo social. Isso também, é claro. Mas eu pude perceber uma cumplicidade entre Veronica e aquele pai grosseiro e tirânico, que me tratou como alguém abaixo do padrão. Também entre Veronica e o irmão Jack, cuja vida e comportamento ela considerava inigualáveis: ele foi o juiz escolhido quando ela perguntou publicamente a meu respeito — e a pergunta fica mais condescendente a cada repetição: “Ele vai servir, não vai?” Por outro lado, eu não vi nenhuma cumplicidade entre ela e a mãe, que sem dúvida sabia como ela era. Como foi que a Sra. Ford teve a primeira chance de me alertar contra a filha? Porque naquela manhã — a primeira manhã depois da minha chegada — Veronica tinha dito a todo mundo que eu queria dormir até mais tarde e saiu para passear com o pai e o irmão. Nenhuma conversa entre nós justificou essa invenção. Eu nunca dormia até mais tarde. Eu não faço isso nem agora.

Quando escrevi para Adrian, não estava claro para mim o que eu queria dizer com “trauma”. E quase uma vida depois, isso está só um pouquinho mais claro. Minha sogra (que felizmente não entra nesta história) não me

achava grande coisa, mas pelo menos era franca a respeito disso, como, aliás, a respeito de quase tudo. Ela uma vez observou — quando apareceu mais um caso de abuso infantil nos jornais e na televisão: “Acho que todos nós sofremos algum abuso.” Eu estou por acaso sugerindo que Veronica tenha sido vítima do que hoje chamam de “comportamento inapropriado”: olhares lascivos do pai embriagado na hora do banho ou na hora de dormir, algo mais do que um abraço fraternal com o irmão? Como eu podia saber? Houve algum momento crucial de perda, um afastamento do amor quando ele era mais necessário, alguma conversa ouvida da qual a criança concluiu que...? Mais uma vez, eu não podia saber. Eu não possuo nenhuma prova, acidental ou documental. Mas me lembro do que o Velho Joe Hunt disse numa discussão com Adrian: os estados mentais podem ser inferidos pelas ações. Isso em relação à história — Henrique VIII e tudo isso. Enquanto, na vida privada, eu acho que o inverso é verdadeiro: que você pode inferir ações passadas a partir de estados mentais do presente.

Eu sem dúvida acredito que todos nós sofremos traumas, de um jeito ou de outro. Como não sofreríamos, a não ser num mundo com pais, irmãos, vizinhos e amigos perfeitos? E há também a questão, da qual tanta coisa depende, de como nós reagimos ao trauma: se o admitimos ou reprimimos, e como ele afeta a nossa forma de lidar com os outros. Alguns admitem o trauma e tentam atenuá-lo; alguns passam a vida tentando ajudar outras pessoas que foram traumatizadas; e há aqueles cuja principal preocupação é evitar sofrer mais traumas, a qualquer custo. E estes é que são cruéis, é deles que temos que nos precaver.

Você pode achar que tudo isso é bobagem — uma baboseira moralizante, autojustificatória. Você pode achar que eu me comportei com Veronica como um típico garoto inexperiente, e que todas as minhas “conclusões” são reversíveis. Por exemplo, “Depois que terminamos, ela dormiu comigo” pode ser facilmente substituído por “Depois que ela dormiu comigo, eu terminei com ela”. Você pode julgar também que os Ford eram uma típica família inglesa de classe média à qual eu estava impingindo teorias fictícias de trauma; e que a Sra. Ford, em vez de estar demonstrando uma amável preocupação para comigo, estava exibindo um ciúme indecente da própria filha. Você pode até pedir que eu aplique minha “teoria” a mim mesmo e explique qual foi o trauma que eu sofri no passado e quais poderiam ser as consequências dele: por exemplo, como ele teria afetado minha confiabilidade e honestidade.

Eu não esperava nenhuma resposta de Adrian, e não recebi nenhuma. E agora a perspectiva de me encontrar apenas com Colin e Alex me parecia menos atraente. Tendo sido três, depois quatro, como era possível voltar a ser três de novo? Se os outros quisessem criar um grupo próprio, tudo bem. Eu precisava prosseguir com minha vida. E foi o que fiz.

Alguns dos meus contemporâneos fizeram serviço voluntário, partindo para a África, onde deram aulas para crianças e construíram paredes de lama; eu não era tão altruísta. E também naquela época a gente meio que presumia que um diploma decente fosse assegurar um emprego decente, mais cedo ou mais tarde. “Time is on my side, Yes it is”, eu costumava cantar em dueto com Mick Jagger enquanto girava sozinho no meu dormitório de estudante. Então, deixando que outros se preparassem para ser médicos e advogados e prestassem concurso para o serviço público, eu fui para os Estados Unidos e fiquei rodando seis meses por lá. Servi mesas, pinteí cercas, fiz jardinagem e entreguei carros em diversos estados. Naqueles anos antes da existência de telefone celular, e-mail e Skype, os viajantes dependiam do sistema de comunicações rudimentar conhecido como cartão-postal. Outros métodos — o telefonema interurbano, o telegrama — eram usados “Apenas para Emergências”. Então meus pais me mandaram para o desconhecido, e o boletim de notícias deles a meu respeito devia restringir-se a “Sim, ele chegou bem”, e “Da última vez que tivemos notícias ele estava em Oregon” e “Nós o esperamos de volta dentro de algumas semanas”. Eu não estou dizendo que isso era necessariamente melhor, muito menos que era melhor para a formação do caráter; só que no meu caso provavelmente foi bom não ter meus pais à distância do toque de uma tecla, despejando ansiedades e previsões de tempo a longa distância, alertando-me a respeito de inundações, epidemias e psicopatas que atacavam mochileiros.

Eu conheci uma garota enquanto estava lá: Annie. Ela era americana e estava viajando sem rumo como eu. Nós ficamos ligados, como ela disse, e passamos três meses juntos. Ela usava camisas xadrez e tinha olhos verde-acinzentados e um jeito simpático; nós nos tornamos amantes de um jeito rápido e fácil; eu não pude acreditar na minha sorte. E nem pude acreditar no quanto era simples sermos amigos e companheiros de cama, rir e beber e fumar um pouco de maconha juntos, ver um pedacinho do mundo lado a lado — e depois nos separarmos sem recriminações nem culpas. O que vem fácil, vai fácil, ela dizia, e era sincera. Mais tarde, olhando para trás, eu imaginei se algo em mim não tinha ficado chocado por esta naturalidade, e não precisava

de mais complicações como prova de... quê? Profundidade, seriedade? Embora, Deus sabe que não se pode ter complicações e dificuldades sem profundidade ou seriedade para compensar. Bem mais tarde, eu também me vi debatendo se “o que vem fácil, vai fácil” não era uma forma de fazer uma pergunta, e procurar uma resposta que eu não tinha condições de dar. Mas isto não passou de uma digressão. Annie faz parte da minha história, mas não desta história.

Meus pais pensaram em entrar em contato quando aconteceu, mas não sabiam onde eu estava. Numa emergência de verdade — presença exigida no leito de morte da mãe — eu imagino que o Ministério do Exterior teria contatado a embaixada em Washington, que teria informado as autoridades americanas, que teriam mandado as forças policiais de todo o país procurar um inglês alegre e bronzeado que estava um pouco mais seguro de si agora do que ao chegar ao país. Hoje em dia, basta uma mensagem de texto.

Quando cheguei em casa, minha mãe me deu um abraço com os braços esticados, o rosto coberto de pó de arroz, me mandou tomar um banho, e preparou o que ainda era considerado o meu “jantar favorito”, e que eu aceitei como tal, já que eu não a tinha atualizado a respeito do meu paladar. Depois, ela me entregou as poucas cartas que tinham chegado durante a minha ausência.

— É melhor você abrir aquelas duas primeiro.

A de cima tinha um bilhete curto de Alex. “Caro Tony”, ele dizia, “Adrian morreu. Ele se matou. Eu liguei para a sua mãe, que disse que não sabia onde você estava. Alex.”

— Merda — eu disse, soltando um palavrão pela primeira vez na frente dos meus pais.

— Sinto muito por isso, rapaz. — O comentário do meu pai não pareceu exatamente à altura da notícia. Eu olhei para ele e me vi pensando se calvície era herdada, seria herdada.

Depois de uma daquelas pausas conjuntas com que cada família lida de um jeito, minha mãe perguntou: — Você acha que isso foi porque ele era inteligente demais?

— Eu não sei qual é a estatística ligando inteligência a suicídio — respondi.

— Sim, Tony, mas você entende o que eu quero dizer.

— Não, na realidade não entendo.

— Bem, digamos assim: você é um rapaz inteligente, mas não tão

inteligente que pudesse vir a fazer uma coisa dessas.

Eu olhei para ela sem pensar. Falsamente encorajada, ela continuou, — Mas quando você é muito inteligente, eu acho que um parafuso pode se soltar se você não tomar cuidado.

Para evitar discutir esta teoria, eu abri a segunda carta de Alex. Ele disse que Adrian tinha agido com muita eficiência, e tinha deixado um relato completo de seus motivos. “Vamos nos encontrar para conversar. Que tal no bar do Charing X Hotel? Liga para mim, Alex.”

Eu desarrumei a mala, me reajustei, relatei minhas viagens, tornei a me familiarizar com as rotinas e cheiros, os pequenos prazeres e as grandes imbecilidades de casa. Mas minha mente ficava voltando a todas aquelas discussões acaloradas que tínhamos tido quando Robson se enforcou no sótão, lá atrás, antes de nossas vidas começarem. Tinha-nos parecido filosoficamente autoevidente que o suicídio era um direito de toda pessoa livre: um ato lógico quando diante de uma doença terminal ou da senilidade; um ato heroico quando diante da tortura ou para evitar a morte de outras pessoas; um ato glamoroso provocado pela fúria de um amor frustrado (ver: Grande Literatura). Nenhuma dessas categorias servia no caso da ação miseravelmente medíocre de Robson.

E nenhuma delas se aplicava a Adrian. Na carta que ele deixou para o encarregado do inquérito, ele tinha explicado o seu pensamento: que a vida é um presente concedido sem que a pessoa o tenha pedido; que a pessoa que pensa tem o dever filosófico de examinar tanto a natureza da vida quanto as condições que vêm com ela; e que se esta pessoa decide renunciar ao presente que ninguém pediu, ela tem o dever moral e humano de colocar em prática as consequências desta decisão. Havia praticamente um *quod erat demonstrandum* no fim. Adrian tinha pedido ao encarregado do inquérito para tornar público o seu argumento, e o servidor público tinha atendido.

No fim, eu perguntei: — Como foi que ele fez isso?

— Ele cortou os pulsos no banho.

— Cristo. Isso é meio... grego, não é? Ou a planta venenosa é que era?

— Mais o modelo romano, eu diria. Abrir a veia. E ele sabia como fazer. Você tem que cortar na diagonal. Se cortar reto, você pode perder os sentidos e a ferida fechar e você falhar.

— Talvez você se afogue nesse caso.

— Mesmo assim... segunda opção — disse Alex. — Adrian teria desejado a primeira. — Ele tinha razão: diploma de primeira classe, suicídio

de primeira classe.

Ele tinha se matado num apartamento que dividia com dois colegas da pós-graduação. Os outros tinham viajado no fim de semana, então Adrian teve tempo bastante para se preparar. Ele escreveu a carta para o encarregado do inquérito, prendeu um aviso na porta do banheiro dizendo, NÃO ENTRE — CHAME A POLÍCIA — ADRIAN, encheu a banheira, trancou a porta, cortou os pulsos na água quente e sangrou até morrer. Foi achado um dia e meio depois.

Alex me mostrou um clipping do *Cambridge Evening News*. “Morte trágica de rapaz promissor.” Eles provavelmente mantinham essa manchete permanentemente pronta para impressão. O veredito do inquérito tinha sido que Adrian Finn (22) tinha se matado “num momento de desequilíbrio mental”. Eu me lembro como esta frase convencional me deixou zangado: eu teria afirmado sob juramento que Adrian era a única mente que jamais perderia o equilíbrio. Mas aos olhos da lei, se você se matasse, você era por definição louco, pelo menos na hora em que estava cometendo o ato. A lei, a sociedade e a religião diziam que era impossível estar são de corpo e mente e se matar. Talvez essas autoridades temessem que o argumento do suicida pudesse impugnar a natureza e o valor da vida conforme determinados pelo estado que pagava o encarregado do inquérito? E, portanto, desde que você fosse declarado temporariamente louco, suas razões para se matar também eram consideradas loucas. Então eu duvido que alguém tenha prestado muita atenção no argumento de Adrian, com suas referências a filósofos antigos e modernos, a respeito da superioridade do ato de intervenção sobre a passividade ignóbil de simplesmente deixar a vida acontecer para você.

Adrian tinha pedido desculpas à polícia pelo incômodo, e agradecido ao encarregado do inquérito por ter tornado públicas as suas últimas palavras. Ele também pediu para ser cremado, e para que suas cinzas fossem espalhadas, já que a rápida destruição do corpo era também uma escolha ativa do filósofo, e preferível à espera inerte pela decomposição natural debaixo da terra.

— Você foi? Ao funeral?

— Não fui convidado. E nem Colin. Só a família.

— O que achamos disso?

— Bem, acho que é um direito da família.

— Não, não sobre isso. Sobre os motivos dele.

Alex tomou um golinho de sua cerveja. — Eu não conseguia decidir se

tinha sido um gesto impressionante ou a porra de um desperdício.

— E você conseguiu? Decidir?

— Bem, podem ter sido as duas coisas.

— O que eu não consigo entender — disse — é se é algo completo em si mesmo, eu não quero dizer com isso que só afete a ele, mas, você sabe, que só envolva Adrian ou algo que contém uma crítica implícita a todo mundo. A nós. — Eu olhei para Alex.

— Bem, podem ter sido as duas coisas.

— Pare de dizer isso.

— Eu me pergunto o que os professores dele de filosofia pensaram. Se eles se sentiram de algum modo responsáveis. Afinal de contas, eles instruíram o cérebro dele.

— Qual foi a última vez que você esteve com ele?

— Uns três meses antes de ele morrer. Exatamente aí onde você está sentado. Foi por isso que eu sugeri este lugar.

— Então ele estava indo para Chislehurst. Como ele estava?

— Alegre. Feliz. Como sempre, só que um pouco mais. Quando nos despedimos, ele disse que estava apaixonado.

Vaca, eu pensei. Se havia uma mulher no mundo inteiro pela qual um homem podia se apaixonar e ainda achar que a vida merecia ser recusada, esta era Veronica.

— O que ele disse sobre ela?

— Nada. Você sabe como ele era.

— Ele contou para você que eu escrevi uma carta para ele mandando ele tomar no cu?

— Não, mas isso não me surpreende.

— Bem, o fato de eu ter escrito ou o fato de ele não ter contado para você?

— Bem, talvez as duas coisas.

Eu dei um soco de brincadeira em Alex, o suficiente para ele derramar a cerveja.

Em casa, sem ter tido tempo para refletir sobre o que eu tinha ouvido, eu tive que responder as perguntas da minha mãe.

— O que foi que você soube?

Eu contei a ela um pouco do como.

— Deve ter sido muito desagradável para os pobres policiais. As coisas que eles têm que fazer. Ele teve problemas com a namorada?

Uma parte minha teve vontade de dizer: É claro — ele estava saindo com Veronica. Em vez disso, respondi apenas: — Alex disse que ele estava contente da última vez que se encontraram.

— Então por que ele fez isso?

Eu dei a ela a versão curta da versão curta, deixando de fora os nomes dos filósofos relevantes. Tentei explicar sobre a recusa de um presente não desejado, sobre ação versus passividade. Minha mãe meneou a cabeça ao ouvir tudo isso.

— Está vendo? Eu tinha razão.

— Como assim, mãe?

— Ele era mesmo inteligente demais. Quando você é tão inteligente assim consegue convencer a si mesmo de qualquer coisa. Você simplesmente deixa de lado o bom-senso. Foi o cérebro que o fez enlouquecer, por isso ele fez aquilo.

— Sim, mãe.

— Isso é tudo o que você tem a dizer? Você está dizendo que concorda?

Não responder foi a única forma de não perder a paciência.

Eu passei alguns dias tentando refletir sobre todos os ângulos e meandros da morte de Adrian. Embora não houvesse razão para eu ter esperado uma carta de despedida, eu fiquei desapontado por Colin e Alex. E como eu deveria pensar sobre Veronica agora? Adrian a amava, entretanto ele tinha se matado: como explicar isso? Para a maioria de nós, a primeira experiência de amor, mesmo quando ele não dá certo — talvez especialmente quando ele não dá certo — promete que ali está a coisa que valida, que justifica a vida. E embora os anos subsequentes possam modificar essa visão, até que alguns de nós a abandone completamente, quando o amor acontece pela primeira vez, não há nada que se compare a ele, há? De acordo?

Mas Adrian não concordou. Talvez se tivesse sido uma mulher diferente... ou talvez não — Alex tinha atestado o estado exaltado de Adrian da última vez que se encontraram. Teria acontecido alguma coisa terrível nos meses seguintes? Mas, se tivesse acontecido, Adrian sem dúvida teria sinalizado isso. Ele era o investigador da verdade e o filósofo entre nós: se aqueles eram os motivos alegados, aqueles eram os motivos verdadeiros.

Com relação a Veronica, deixei de culpá-la por não ter salvado Adrian e passei a sentir pena dela: lá estava ela, triunfante por ter conseguido mudar para melhor, e veja o que tinha acontecido. Eu devia dar-lhe os pêsames? Mas ela ia achar que eu estava sendo hipócrita. Se eu entrasse em contato

com ela, ou ela não responderia, ou daria um jeito de deturpar as coisas e eu ia acabar não conseguindo raciocinar direito.

Eu consegui, por fim, raciocinar direito. Quer dizer, entender os motivos de Adrian, respeitar esses motivos e admirá-lo. Ele tinha uma cabeça melhor e um temperamento mais rigoroso do que o meu; ele pensava logicamente, e depois agia de acordo com a conclusão do pensamento lógico. Enquanto a maioria de nós, eu desconfio, faz o contrário: nós tomamos uma decisão instintiva, depois construímos uma infraestrutura de raciocínio para justificá-la. E chamamos o resultado disso de bom-senso. Eu achei que o gesto de Adrian tivesse sido uma crítica implícita ao resto de nós? Não. Ou, pelo menos, eu tenho certeza de que ele não o planejou como tal. Adrian podia atrair as pessoas, mas nunca se comportou como se quisesse discípulos; ele acreditava que cada um devia pensar por si mesmo. Se tivesse “apreciado a vida”, como a maioria de nós faz, ou tentado apreciá-la, será que teria continuado vivo? Talvez; ou quem sabe ele teria sentido culpa e remorso por ter fracassado em combinar suas ações com seus argumentos.

E nada do que foi dito acima altera o fato de que mesmo assim a morte dele tenha sido a porra de um desperdício, como disse Alex.

Um ano depois, Colin e Alex sugeriram um encontro. No aniversário da morte de Adrian, nós três nos reunimos para drinques no Charing Cross Hotel, depois fomos comer comida indiana. Nós tentamos invocar e celebrar nosso amigo. Nós nos lembramos dele dizendo ao Velho Joe Hunt que ele tinha perdido o emprego, e ensinando Phil Dixon a respeito de Eros e Thanatos. Nós já estávamos transformando o nosso passado em anedota. Nós recordamos os aplausos diante do anúncio de que Adrian tinha ganhado uma bolsa de estudos para Cambridge. Nós percebemos que, embora ele tivesse ido às nossas casas, nós nunca tínhamos ido à casa dele; e que nós não sabíamos — será que nunca tínhamos perguntado? — o que o pai dele fazia. Nós brindamos a ele com vinho no bar do hotel e com cerveja no final do jantar. Do lado de fora, demos tapas nos ombros uns dos outros e juramos repetir a comemoração anualmente. Mas nossas vidas já estavam tomando rumos diferentes, e a lembrança de Adrian não foi suficiente para nos manter unidos. Talvez a falta de mistério da morte dele significasse que seu caso era mais fácil de encerrar. Nós nos lembraríamos dele a vida toda, é claro. Mas sua morte era mais exemplar do que “trágica” — como o jornal de Cambridge havia insistido em dizer — e portanto ele se afastou de nós com uma certa rapidez, arquivado no tempo e na história.

Mas eu tinha saído de casa e começado a trabalhar como estagiário em administração de arte. Então conheci Margaret; nos casamos e três anos depois nasceu Susie. Nós compramos uma pequena casa com uma grande hipoteca; eu viajava para Londres todo dia. Meu estágio se transformou numa longa carreira. A vida foi passando. Algum inglês disse que o casamento é uma refeição comprida e sem graça onde servem o pudim primeiro. Acho isso cínico demais. Eu gostei do meu casamento, mas talvez eu fosse sossegado demais — pacato demais — para o meu próprio bem. Depois de doze anos, Margaret foi viver com um cara que gerenciava um restaurante. Eu não gostava muito dele — e nem da comida dele, aliás —, mas isso era de esperar, não era? A custódia de Susie foi compartilhada. Felizmente, ela não pareceu muito afetada pela separação; e, como percebo agora, eu nunca apliquei a ela minha teoria sobre trauma.

Após o divórcio, tive alguns casos amorosos, mas nada sério. Eu sempre contava a Margaret sobre alguma nova namorada. Na época, isso pareceu ser uma atitude normal. Agora, eu às vezes me pergunto se era uma tentativa de provocar ciúmes nela; ou, talvez, um gesto de autoproteção, uma forma de evitar que o novo relacionamento ficasse sério demais. Além disso, na minha vida mais esvaziada, eu tive várias ideias que chamava de “projetos”, talvez para que elas parecessem exequíveis. Nenhuma deu em nada. Bem, isso não importa; nem faz parte da minha história.

Susie cresceu, e as pessoas começaram a chamá-la de Susan. Quando Susie tinha 24 anos, eu a conduzi pelo corredor de um cartório. Ken é médico; eles têm dois filhos, um menino e uma menina. Nos retratos deles que carrego na carteira eles estão sempre mais jovens do que na realidade. Isso é normal, eu suponho, para não dizer “filosoficamente autoevidente”. Mas você se vê repetindo “Eles crescem tão depressa, não é?”, quando o que está mesmo querendo dizer é: o tempo passa mais depressa para mim agora.

O segundo marido de Margaret acabou não sendo suficientemente pacato: ele foi embora com alguém que se parecia com ela mas que tinha uma diferença crucial, era dez anos mais moça. Ela e eu continuamos tendo uma relação amigável; nos encontrávamos em eventos familiares e às vezes almoçávamos juntos. Uma vez, depois de um ou dois copos, ela ficou sentimental e sugeriu que ficássemos juntos de novo. Coisas mais estranhas que esta costumam acontecer, foi como ela disse. Sem dúvida que sim, mas nessa altura eu estava acostumado com a minha rotina e gostava da minha solidão. Ou talvez eu não fosse estranho o suficiente para fazer algo assim.

Uma ou duas vezes nós falamos em passar umas férias juntos, mas acho que cada um esperava que o outro reservasse as passagens e o hotel. Então isso nunca aconteceu.

Eu agora estou aposentado. Tenho meu apartamento e minhas coisas. Saio com alguns amigos para beber e tenho algumas amigas — platônicas, é claro. (E elas também não fazem parte desta história.) Sou membro da sociedade histórica local, embora menos animado que alguns com o que os detectores de metal descobrem. Pouco tempo atrás, eu me ofereci para administrar a biblioteca do hospital local; percorro as enfermarias entregando livros, recolhendo, recomendando. Isso me faz sair de casa, e é bom fazer algo que seja útil; além disso, conheço pessoas novas. Pessoas doentes, é claro; moribundas também. Mas pelo menos eu vou conhecer bem o hospital quando chegar a minha vez.

E a vida é isso, não é? Algumas realizações e algumas decepções. A mim parece interessante, embora não reclame ou me espante se outros não concordam muito com isso. Talvez, de certa forma, Adrian soubesse o que estava fazendo. Mas eu não perderia a minha vida por nada, entenda bem.

Eu sobrevivi. “Ele sobreviveu para contar a história” — é assim que as pessoas falam, não é? A história não se resume às mentiras dos vencedores, como um dia afirmei com tanta desenvoltura ao Velho Joe Hunt; eu sei disso agora. Ela é feita mais das lembranças dos sobreviventes, que, geralmente, não são nem vitoriosos nem derrotados.

DOIS

Na maturidade da vida, você espera um certo descanso, não é? Você acha que merece isso. Eu, pelo menos, achava. Mas aí você começa a entender que premiar a virtude não compete à vida.

Também, quando você é jovem, acha que pode prever as prováveis dores e tristezas que a velhice poderá trazer. Você imagina a si mesmo solitário, divorciado, viúvo; imagina os filhos crescendo e indo embora, os amigos morrendo. Você imagina a perda de status, a perda do desejo — e de ser desejado. Você pode até pensar na sua própria morte, que, por mais que se esteja acompanhado, só poderá enfrentar sozinho. Mas tudo isso é olhando à frente. O que você não consegue fazer é olhar à frente e depois imaginar a si mesmo olhando para trás daquele ponto no futuro. Aprendendo as novas emoções que o tempo traz. Descobrimos, por exemplo, que à medida que as testemunhas da sua vida vão diminuindo, existe menos confirmação, e portanto menos certeza, a respeito do que você é ou foi. Mesmo que você tenha registrado tudo assiduamente — em palavras, sons, imagens —, você pode descobrir que se dedicou à forma errada de registro. Como era mesmo a frase que Adrian costumava citar? “A história é aquela certeza fabricada no instante em que as imperfeições da memória se encontram com as falhas de documentação.”

Eu ainda leio muita história, e é claro que acompanhei a história oficial do que aconteceu durante a minha existência — a queda do comunismo, a Sra. Thatcher, o 11 de setembro, o aquecimento global — com a mistura normal de medo, ansiedade e otimismo cauteloso. Mas eu nunca me senti o mesmo em relação a ela — nunca confiei completamente nela — como me sinto em relação aos eventos na Grécia e em Roma, ou sobre o Império Britânico, ou a Revolução Russa. Talvez eu simplesmente me sinta mais seguro com a história que foi mais ou menos acordada. Ou talvez seja o mesmo paradoxo de novo: a história que acontece debaixo do nosso nariz deveria ser a mais clara, e no entanto é a mais deliquesciente. Nós vivemos no tempo, ele nos limita e nos define, e o tempo supostamente mede a história, não é? Mas se não podemos entender o tempo, não podemos alcançar seus mistérios de ritmo e progresso, que chance nós temos com a história — mesmo o nosso pequeno, pessoal e praticamente não documentado pedaço

dela?

Quando somos jovens, todo mundo acima dos trinta parece estar na meia-idade, todo mundo acima dos cinquenta na velhice. E o tempo, à medida que vai passando, confirma que não estávamos tão errados assim. Aquelas pequenas diferenças de idade, tão cruciais e tão graves quando somos jovens, se desfazem. Nós acabamos todos pertencendo à mesma categoria, a dos não jovens. Eu mesmo nunca liguei muito para isso.

Mas há exceções à regra. Para algumas pessoas, os diferenciais de tempo estabelecidos na juventude nunca desaparecem realmente: o mais velho continua sendo mais velho, mesmo quando ambos estão caquéticos. Para algumas pessoas, uma diferença de, digamos, cinco meses significa que um irá perversamente se achar sempre mais sábio e mais experiente do que o outro, qualquer que seja a prova em contrário. Ou talvez eu devesse dizer *por causa* da prova em contrário. *Porque* fica perfeitamente claro a qualquer observador objetivo que se a balança pender para a pessoa um pouquinho mais nova, a outra irá manter a presunção de superioridade com mais rigidez ainda. Mais neuroticamente ainda.

Eu ainda ouço bastante Dvorák, aliás. Não tanto as sinfonias; hoje em dia prefiro os quartetos de corda. Mas Tchaikovsky seguiu o caminho daqueles gênios que fascina na juventude, conservam um poder residual na meia-idade, porém mais tarde parecem, se não inoportunos, de certa forma menos relevantes. Não que eu esteja dizendo que ela estava certa. Não há nada de errado em ser um gênio que consegue fascinar os jovens. Pelo contrário, há algo errado nos jovens que não se deixam fascinar por um gênio. Incidentalmente, eu não acho que a trilha sonora de *Un Homme et Une Femme* seja obra de um gênio. Eu não achava isso nem naquela época. Por outro lado, de vez em quando me lembro de Ted Hughes e sorrio com o fato de que ele, na verdade, nunca esgotou os animais.

Eu me dou bem com Susie. Razoavelmente bem, pelo menos. Mas a geração mais jovem não sente mais a necessidade, ou mesmo a obrigação, de manter contato. Pelo menos, “manter contato” no sentido de “ver”. Um e-mail serve para o papai — que pena que ele não aprendeu a enviar mensagem de texto pelo celular. Sim, ele está aposentado agora, ainda metido com aqueles misteriosos “projetos” dele, duvido que ele um dia vá terminar alguma coisa, mas pelo menos isso mantém o cérebro dele ativo, melhor que golfe, e, sim, nós estávamos planejando passar lá na semana passada, mas surgiu uma outra coisa. Eu espero que ele não fique com Alzheimer, essa é a

minha maior preocupação, realmente, porque, bem, mamãe não vai querer que ele volte, vai? Não: eu exagero, eu dou uma impressão falsa. Susie não pensa assim, eu tenho certeza. Viver sozinho tem seus momentos de autopiedade e paranoia. Susie e eu nos damos bem.

Uma amiga nossa — eu ainda digo isso instintivamente, embora Margaret e eu estejamos divorciados há mais tempo do que ficamos casados — tinha um filho que tocava numa banda de punk rock. Eu perguntei se ela tinha ouvido alguma das músicas deles. Ela mencionou uma chamada “Every Day is Sunday”. Eu me lembro de ter rido aliviado com o fato de o mesmo velho tédio adolescente passar de geração em geração. Também que o mesmo humor sarcástico fosse usado para fugir dele. “Every Day is Sunday” — as palavras me levaram de volta aos meus anos de estagnação, àquela espera terrível de que a vida começasse. Perguntei à nossa amiga quais eram as outras canções do grupo. Não, ela respondeu, essa é a canção deles, a única canção deles. Então como ela continua?, eu perguntei. Como assim? Bem, o que diz o verso seguinte? Você não entendeu, não é?, ela disse. Essa é a canção. Eles simplesmente repetem o verso, sem parar, até resolverem terminar. Eu me lembro de ter sorrido. “Every Day is Sunday” — não daria um mau epitáfio, daria?

Era um daqueles envelopes brancos, compridos, com meu nome e endereço aparecendo numa abertura. Eu não sei quanto a você, mas eu nunca tenho pressa em abri-los. Houve uma época em que cada carta dessas significava outro estágio doloroso do meu divórcio — talvez por isso eu seja cauteloso com elas. Hoje em dia, elas podem conter um comprovante de imposto de renda das poucas ações de baixíssimo rendimento que eu comprei quando me aposentei, ou um pedido extra para uma obra de caridade que eu já ajudei. Então eu me esqueci dele até o dia seguinte, quando estava recolhendo todos os papéis jogados no apartamento — até o último envelope — para reciclagem. Ele continha uma carta de uma firma de advocacia que eu nunca tinha ouvido falar, Srs. Coyle, Innes & Black. Uma certa Eleanor Marriott estava me escrevendo “A respeito do espólio da Sra. Sarah Ford (falecida)”. Eu levei algum tempo para me situar.

Nós vivemos com suposições fáceis, não é? Por exemplo, que a memória é igual a: eventos mais tempo. Mas é tudo muito mais complicado do que isso. Quem foi que disse que a memória é o que nós achamos que tínhamos esquecido? E devia ser óbvio para nós que o tempo não age como um fixador, e sim como um solvente. Mas não é conveniente — não é útil —

acreditar nisso; não nos ajuda a tocar nossas vidas; então nós simplesmente ignoramos.

Pediam para eu confirmar meu endereço e providenciar uma fotocópia do meu passaporte. Eu fui informado de que tinham sido deixados para mim quinhentas libras e dois “documentos”. Achei isso muito intrigante. Para começo de conversa, receber uma herança de alguém cujo nome de batismo eu nunca tinha ouvido ou então tinha esquecido. E quinhentas libras me pareceram uma soma muito específica. Maior do que nada, mas não muito significativa. Talvez aquilo pudesse fazer algum sentido se eu soubesse quando a Sra. Ford tinha feito seu testamento. Embora se tivesse sido muito tempo antes, a soma equivalente, agora, seria bem maior e faria menos sentido ainda.

Eu confirmei minha existência, autenticidade e localização, anexando fotocópias para comprovação. Perguntei se podia ser informado da data do testamento. Então, uma noite, eu me sentei e tentei ressuscitar aquele fim de semana humilhante em Chislehurst cerca de quarenta anos antes. Busquei na memória algum momento, incidente ou observação que pudesse merecer reconhecimento ou recompensa. Mas minha memória tem se tornado cada vez mais um mecanismo que reitera dados aparentemente verdadeiros com pequenas variações. Eu contemplei o passado, esperei, tentei levar minha memória por um caminho diferente. Mas não adiantou. Eu era alguém que tinha saído com a filha da Sra. Sarah Ford (falecida) por um período de cerca de um ano, que tinha sido humilhado pelo marido dela, avaliado com desprezo pelo filho dela e manipulado pela filha dela. Doloroso para mim na época, mas dificilmente merecendo um pedido de desculpas materno no valor de quinhentas libras.

E, de todo modo, essa mágoa não durou. Como já mencionei, eu tenho um certo instinto de preservação. Eu consegui tirar Veronica da minha lembrança, da minha história. Então, quando o tempo me jogou depressa demais na meia-idade e eu comecei a olhar para trás, vendo como minha vida tinha transcorrido e avaliando os caminhos não percorridos, aquelas suposições tranquilas e debilitantes, eu nunca me vi imaginando — nem mesmo para pior, quanto mais para melhor — como teriam sido as coisas com Veronica. Com Annie sim, com Veronica não. E eu nunca me arrependi dos anos passados com Margaret, mesmo tendo havido um divórcio. Por mais que tentasse — o que não fiz com muito afinho — eu raramente fantasiava uma vida muito diferente da minha própria vida. Eu não considero isso como

sendo complacência; é mais provável que seja falta de imaginação, ou de ambição, ou algo assim. Suponho que, na verdade, eu não seja suficientemente estranho para não ter feito as coisas que acabei fazendo na vida.

*

Eu não li de imediato a carta da advogada. Em vez disso, examinei o anexo, um envelope comprido, creme, com meu nome nele. Uma caligrafia que eu só tinha visto uma vez na vida, mas que mesmo assim me era familiar. Anthony Webster Esq. — o modo como as ascendentes e descendentes terminavam com um pequeno arabesco me levou de volta a alguém que eu só tinha conhecido durante um mero fim de semana. Alguém cuja caligrafia, pela sua confiança, mais que pela sua forma, sugeria uma mulher talvez “suficientemente estranha” para fazer coisas que eu não tinha feito. Mas que coisas tinham sido essas, eu não podia saber nem imaginar. Havia dois centímetros de fita adesiva na frente do envelope, centralizada no alto. Eu esperava que ela descesse pela parte de trás e fornecesse um fechamento extra, mas ela fora retirada da extremidade superior do envelope. Presumivelmente, a carta antes tinha estado anexada a outra coisa.

Finalmente, eu abri e li. “Caro Tony, acho correto que você receba este anexo. Adrian sempre falou de você com muito carinho, e talvez você ache isso uma recordação interessante, ainda que dolorosa, do passado. Também estou deixando uma pequena quantia em dinheiro para você. Talvez você ache isso estranho, e para falar a verdade eu não estou bem certa dos meus motivos. Em todo caso, peço desculpas pelo modo como minha família o tratou tantos anos atrás, e desejo tudo de bom para você, ainda que de dentro da sepultura. Cordialmente, Sarah Ford. P.S. Pode parecer estranho, mas acho que os últimos meses da vida dele foram felizes.”

A advogada me pedia detalhes bancários para depositar o dinheiro da herança. Ela acrescentava que estava anexando o primeiro dos “documentos” que tinham sido deixados para mim. O segundo ainda estava com a filha da Sra. Ford. Isso, eu percebi, explicava o pedaço cortado de fita. A Sra. Marriott estava atualmente tentando obter este segundo item. E o testamento da Sra. Ford, em resposta à minha pergunta, tinha sido feito cinco anos antes.

Margaret costumava dizer que havia dois tipos de mulher: as transparentes e as misteriosas. E que essa era a primeira coisa que um homem percebia, e a primeira coisa que o atraía, ou não. Alguns homens são atraídos por um tipo, alguns pelo outro. Margaret — você não precisa que eu diga —

era transparente, mas às vezes tinha inveja daquelas que possuíam, ou criavam, um ar de mistério.

— Eu gosto de você como você é! — disse uma vez a ela.

— Mas você já me conhece tão bem — respondeu ela. — Você não preferia que eu fosse um pouco mais... misteriosa?

— Eu não quero que você seja uma mulher cheia de mistérios. Acho que eu odiaria isso. Ou isso é apenas uma fachada, um jogo, uma técnica para atrair os homens, ou então a mulher misteriosa é um mistério até para si mesma, e isso é o pior de tudo.

— Tony, você fala como um verdadeiro cidadão do mundo.

— Bem, eu não sou — disse, sabendo, é claro, que ela estava me gozando. — Eu não conheci tantas mulheres assim na minha vida.

— “Eu posso não saber muito sobre mulheres, mas sei o que eu gosto?”

— Eu não disse isso, e nem quis dizer isso. Mas acho que é justamente porque eu conheci comparativamente poucas que sei o que penso delas. E o que gosto nelas. Se eu tivesse conhecido mais, ficaria mais confuso.

— Agora não sei se devo me sentir envaidecida ou não — concluiu Margaret.

Tudo isso foi antes de o nosso casamento dar errado, é claro. Mas ele não teria durado mais se Margaret tivesse sido mais misteriosa, posso garantir a você — e a ela.

*

E alguma coisa dela passou para mim ao longo dos anos. Por exemplo, se eu não a tivesse conhecido, talvez tivesse me envolvido numa paciente troca de cartas com a advogada. Mas eu não quis esperar calmamente por outro envelope com uma abertura. Em vez disso, liguei para a Sra. Eleanor Marriott e perguntei sobre o outro documento que tinha sido deixado para mim.

— O testamento o descreve como sendo um diário.

— Um diário? Da Sra. Ford?

— Não. Deixe-me verificar o nome. — Uma pausa. — Adrian Finn.

Adrian! Como o diário dele tinha ido parar na mão da Sra. Ford? O que não era uma pergunta para a advogada.

— Ele era um amigo — foi só o que eu disse. E em seguida: — Presume-se que ele estivesse anexado à carta que a senhora mandou.

— Eu não posso ter certeza disso.

— A senhora alguma vez o viu?

— Não, não vi. — O jeito dela era devidamente cauteloso, mais do que reticente.

— Veronica Ford deu algum motivo para retê-lo?

— Ela disse que ainda não estava preparada para se separar dele.

Certo. — Mas ele é meu?

— Ele foi sem dúvida deixado em testamento para o senhor.

Hum. Eu imaginei se haveria alguma sutileza legal separando aquelas duas proposições.

— A senhora sabe como ela... o obteve?

— Ela estava morando perto da mãe nos últimos anos, pelo que pude entender. Ela disse que pegou diversos itens para guardar em segurança. No caso de a casa ser assaltada. Joias, dinheiro, documentos.

— Isso é legal?

— Bem, não é ilegal. Pode ser até prudente.

Nós não parecíamos estar avançando muito. — Deixe-me entender isto direito. Ela deveria ter entregado este documento, este diário, para a senhora. A senhora pediu o documento e ela está se recusando a entregá-lo.

— No momento, sim, é o que está ocorrendo.

— A senhora pode me dar o endereço dela?

— Eu teria que obter a permissão dela para isso.

— Então a senhora poderia por favor buscar esta permissão?

Você já notou que quando você fala com alguém como um advogado depois de algum tempo você deixa de falar como você e passa a falar como ele?

Quanto menos tempo de vida lhe resta, menos você quer desperdiçá-lo. Isso é lógico, não é? Embora como empregar as horas economizadas... bem, essa é outra coisa que você provavelmente não teria previsto quando jovem. Por exemplo, eu passava um bocado de tempo arrumando coisas — e eu nem sou uma pessoa bagunceira. Mas esta é uma das modestas satisfações da idade. Eu gosto das coisas arrumadas; eu reciclo; eu limpo e decoro o meu apartamento para conservar o seu valor. Eu já fiz meu testamento; e minhas relações com minha filha, genro, netos e ex-mulher, se não são perfeitas, são, pelo menos, sólidas. Ou eu convenci a mim mesmo disso. Eu alcancei um estado de tranquilidade, até mesmo de serenidade. Porque eu não deixo as coisas pela metade. Não gosto de desordem e não gosto de deixar as coisas desorganizadas. Eu optei pela cremação, se quer saber.

Então eu tornei a ligar para a Sra. Marriott e perguntei como poderia

entrar em contato com o outro filho da Sra. Ford, John, conhecido como Jack. Eu liguei para Margaret e pedi para ela almoçar comigo. E marquei uma hora com o meu advogado. Não, isso é ser muito pedante. Eu tenho certeza de que o irmão Jack devia ter alguém que ele chamasse de “meu advogado”. No meu caso, é o cara que redigiu meu testamento; ele tem um pequeno escritório sobre uma loja de flores e parece perfeitamente eficiente. Eu também gosto dele porque ele não tentou me chamar pelo meu nome de batismo e nem sugeriu que eu usasse o dele. Então eu o conheço apenas como T.J. Gunnell, e não faço especulações sobre o que significam essas iniciais. Quer saber de uma coisa que me causa horror? Ser velho e estar internado num hospital e enfermeiros que eu nunca vi me chamarem de Anthony ou, pior ainda, de Tony. Deixe-me enfiar isto no seu braço, Tony. Tome mais um pouco deste mingau, Tony. Você evacuou, Tony? É claro que, quando isso acontecer, o excesso de familiaridade da equipe de enfermagem poderá estar lá embaixo na minha lista de ansiedades; mas mesmo assim.

Eu fiz algo um pouco estranho quando conheci Margaret. Eu apaguei Veronica da história da minha vida. Eu fingi que Annie tinha sido minha primeira namorada de verdade. Eu sei que a maioria dos homens exagera sobre a quantidade de garotas e de sexo que teve; eu fiz o contrário. Eu passei a borracha e comecei de novo. Margaret ficou um tanto intrigada por eu ter demorado tanto — não em perder minha virgindade; mas em ter um relacionamento sério; mas também, eu achei na época, um tanto cativada. Ela disse algo sobre a timidez ser atraente num homem.

A parte mais estranha é que foi fácil dar esta versão da minha história porque era a que eu vinha contando a mim mesmo. Eu via o tempo passado com Veronica como um fracasso — o desprezo dela, a minha humilhação — e o expurguei da minha história. Eu não tinha guardado nenhuma carta, e apenas uma fotografia, que não olhava havia anos.

Mas depois de um ou dois anos de casamento, quando me senti melhor comigo mesmo, e totalmente confiante na nossa relação, eu contei a verdade para Margaret. Ela ouviu, fez perguntas pertinentes e compreendeu. Ela pediu para ver a foto — a que tinha sido tirada em Trafalgar Square — examinou-a, balançou a cabeça e não fez nenhum comentário. Eu não me importei. Eu não tinha o direito de esperar nada, muito menos palavras de elogio a respeito da minha ex-namorada. O que, em todo caso, eu não queria. Eu só queria esclarecer o passado, e conseguir que Margaret perdoasse minha estranha mentira a respeito dele. O que ela fez.

O Sr. Gunnell é um homem calmo e severo que não se importa com o silêncio. Afinal de contas, o silêncio custa aos seus clientes tanto quanto o discurso.

— Sr. Webster.

— Sr. Gunnell.

E assim nos tratamos cerimoniosamente pelos próximos quarenta e cinco minutos, nos quais ele me deu o conselho profissional pelo qual eu estava pagando. Ele me disse que ir à polícia e tentar convencê-los a registrar uma acusação de roubo contra uma mulher de certa idade que tinha perdido a mãe recentemente seria, na opinião dele, uma tolice. Eu gostei disso. Não do conselho, mas da forma como ele o expressou. “Tolice”: muito melhor do que “desaconselhável” ou “inapropriado”. Ele também me aconselhou a não incomodar a Sra. Marriott.

— Advogados não gostam de ser incomodados, Sr. Gunnell?

— Digamos que é diferente quando quem incomoda é o cliente. Mas neste caso a família Ford está pagando as contas. E o senhor ficaria surpreso com o modo como as cartas podem escorregar para o fundo de um arquivo.

Eu olhei em volta do escritório pintado de creme com seus vasos de plantas, estantes de livros de direito, uma gravura inofensiva de uma paisagem inglesa e, sim, seus arquivos. Eu olhei de volta para o Sr. Gunnell.

— Em outras palavras, eu não devo dar a impressão a ela de ser meio lunático.

— Ah, ela jamais pensaria isso, Sr. Webster. — E “lunático” não faz parte da terminologia jurídica.

— Que termo o senhor usaria então?

— Poderíamos usar o termo “vexatório”. Ele é suficientemente forte.

— Certo. E sobre uma outra questão. Quanto tempo leva para concluir um testamento?

— Se não houver nenhum problema... 18 meses, dois anos.

Dois anos! Eu não ia esperar tanto tempo pelo diário.

— Bem, você lida primeiro com as questões principais, mas há sempre coisas que se arrastam. Papéis perdidos. Acertos de contas com a Receita. E cartas que às vezes se perdem.

— Ou escorregam para o fundo do arquivo.

— Isso também, Sr. Webster.

— O senhor tem mais algum conselho?

— Eu tomaria cuidado com a palavra “roubo”. Ela pode polarizar

desnecessariamente as coisas.

— Mas não foi isso que ela fez? Como é mesmo a expressão que se usa em direito quando algo é extremamente óbvio?

— *Res ipsa loquitur*?

— Isso mesmo.

O Sr. Gunnell fez uma pausa.

— Bem, eu não costumo acompanhar processos criminais, mas a expressão que se usa quando se trata de roubo é, se bem me lembro, “uma intenção permanente de privar” o dono da coisa roubada. O senhor tem alguma pista quanto às intenções da Srta. Ford ou ao seu estado de espírito?

Eu ri. Ter uma pista quanto ao estado de espírito de Veronica tinha sido um dos meus problemas quarenta anos antes. Então eu provavelmente ri torto; e o Sr. Gunnell não é um homem pouco perceptivo.

— Eu não quero me intrometer, Sr. Webster, mas poderia existir algo no passado, talvez, entre o senhor e a Srta. Ford, que pudesse vir a ser relevante caso a questão evoluísse para um processo civil ou até criminal?

Algo entre mim e a Srta. Ford? Uma imagem surgiu subitamente na minha cabeça enquanto eu olhava as costas do que imaginei serem fotos de família.

— O senhor deixou as coisas bem mais claras, Sr. Gunnell. Vou acrescentar um carimbo de primeira classe quando pagar sua conta.

Ele sorriu. — Na verdade, essa é uma coisa que nós reparamos. Em alguns casos.

A Sra. Marriott conseguiu fornecer-me, duas semanas depois, o e-mail do Sr. John Ford. A Srta. Veronica Ford tinha se recusado a permitir que me fossem passados os contatos dela. E o Sr. John Ford estava claramente sendo cauteloso também: nem telefone nem endereço.

Lembrei do irmão Jack sentado num sofá, despreocupado e confiante. Veronica tinha despenteado o meu cabelo e estava perguntando: “Ele vai servir, não vai?” E Jack tinha piscado para mim. Eu não tinha piscado de volta.

Eu fui formal no meu e-mail. Dei os pêsames a ele. Fingi ter lembranças melhores de Chislehurst do que era o caso. Expliquei a situação e pedi a Jack para usar sua influência para convencer a irmã a entregar o segundo “documento”, que eu entendia ser o diário do meu ex-colega e amigo Adrian Finn.

Cerca de dez dias depois, o irmão Jack apareceu na minha caixa de

entrada. Havia um longo preâmbulo sobre viagens e semiaposentadoria, a umidade de Cingapura, Wi-Fi e cibercafés. E então: “Bem, chega de conversa fiada. Lamento não ser guardião da minha irmã — cá para nós, nunca fui. Parei de tentar fazê-la mudar de ideia anos atrás. E, francamente, se eu tentar interceder por você, com certeza o efeito será o oposto. Não que eu não deseje que você tenha sucesso nesta questão especialmente complexa. Ah — meu riquixá está chegando —, tenho que correr. Cordialmente, John Ford.”

Por que eu tive a impressão de que havia algo que não convencia ali? Por que eu o imaginei imediatamente sentado tranquilamente em casa — em alguma mansão luxuosa com o jardim dando para um campo de golfe em Surrey — rindo de mim? O servidor dele era aol.com, o que não me dizia nada. Eu olhei para a hora do e-mail, que era plausível tanto para Cingapura quanto para Surrey. Por que imaginei que o irmão Jack tinha me visto aparecer e estava se divertindo à minha custa? Talvez porque neste país as diferenças de classe resistam mais tempo do que as diferenças de idade. Os Ford eram mais elegantes do que os Webster naquela época, e eles iam continuar sendo para sempre. Ou isso era mera paranoia da minha parte?

Nada a ser feito, é claro, a não ser mandar em resposta um e-mail educado e perguntar se ele poderia me fornecer um contato de Veronica.

Quando as pessoas dizem “Ela é uma mulher bonita”, elas geralmente querem dizer “Ela foi uma mulher bonita”. Mas quando eu digo isso a respeito de Margaret, estou sendo sincero. Ela pensa — ela sabe — que mudou, e mudou mesmo; embora menos para mim do que para qualquer outra pessoa. Naturalmente, eu não posso falar pelo gerente de restaurante. Mas eu diria o seguinte: ela só vê o que se foi, eu só vejo o que permaneceu igual. O cabelo dela não vai mais até o meio das costas nem é trançado para fazer um coque no alto da cabeça; hoje em dia, ela o usa curto, rente ao pescoço, e ele está grisalho. Aqueles vestidos estilo camponesa que ela costumava usar foram substituídos por cardigãs e calças bem cortadas. Algumas das sardas que eu um dia amei agora parecem mais manchas de fígado. Mas ainda é para os olhos que nós olhamos, não é? Era lá que achávamos a outra pessoa, e ainda achamos. Os mesmos olhos que estavam na mesma cabeça quando nos conhecemos, dormimos juntos, nos casamos, fomos para a lua de mel, fizemos uma hipoteca, fizemos compras, cozinhamos e passamos férias, amamos um ao outro e tivemos uma filha juntos. E eram os mesmos olhos quando nos separamos.

Mas não são só os olhos. A estrutura óssea permanece a mesma, assim

como os gestos instintivos, as muitas maneiras de ser ela mesma. E seu jeito, mesmo depois de todo este tempo e distância, de se relacionar comigo.

— Então do que se trata, Tony?

Eu ri. Nós mal tínhamos consultado o cardápio, mas eu não achei a pergunta dela prematura. Margaret é assim. Quando você diz que não tem certeza se quer ter um segundo filho, você está dizendo que não tem certeza se quer ter comigo? Por que você acha que num divórcio a culpa tem que ser repartida? O que você vai fazer da sua vida agora? Se você quisesse mesmo passar as férias comigo, não teria sido útil reservar as passagens? E então do que se trata, Tony?

Algumas pessoas são inseguras em relação aos ex-amantes dos seus parceiros, como se ainda os temessem. Margaret e eu não somos assim. Não que no meu caso houvesse exatamente uma fila de ex-namoradas. E se ela quisesse dar-lhes apelidos, isso era direito dela, não era?

— Na realidade, imagine, trata-se de Veronica Ford.

— A Doida? — Eu sabia que ela ia dizer isso, então nem pisquei. — Ela está de volta depois de todos estes anos? Você já tinha se livrado *dessa coisa*, Tony.

— Eu sei — respondi. É possível que quando eu finalmente consegui contar a Margaret sobre Veronica eu tenha exagerado um pouco, tenha me feito parecer mais ingênuo, e Veronica mais desequilibrada do que ela realmente era. Mas como tinha sido o meu relato que dera origem ao apelido, eu não podia fazer nenhuma objeção a ele. Tudo o que eu podia fazer era não usá-lo também.

Eu contei a história a ela, o que eu tinha feito, como tinha lidado com as coisas. Como eu disse, alguma coisa de Margaret passou para mim ao longo dos anos, e talvez por isso é que ela tenha balançado a cabeça concordando com vários pontos.

— Por que você acha que a mãe da Doida deixou quinhentas libras para você?

— Não faço a menor ideia.

— E você acha que o irmão estava te enrolando?

— Sim. Ou, pelo menos, não estava sendo natural comigo.

— Mas você não o conhece, não é?

— Eu só o vi uma vez, é verdade. Acho que desconfio simplesmente da família inteira.

— E por que você acha que o diário foi parar na mão da mãe?

— Sei lá.

— Talvez Adrian o tenha deixado para ela porque não confiava na Doida.

— Isso não faz sentido.

Houve um silêncio. Nós comemos. Então Margaret bateu com a faca no meu prato.

— E se a presumivelmente ainda solteira Srta. Veronica Ford entrasse neste café e se sentasse na nossa mesa, como reagiria o há muito divorciado Sr. Anthony Webster?

Ela sempre põe o dedo na ferida, não é?

— Acho que eu não ficaria especialmente contente em vê-la.

Algo na formalidade do meu tom fez Margaret sorrir.

— Confuso? Ia começar a arregaçar a manga da camisa e tirar o relógio?

Eu fiquei vermelho. Você nunca viu um homem de mais de sessenta anos ficar vermelho? Ah, acontece, da mesma forma que acontece com um garoto cabeludo e espinhento de quinze. E como é mais raro, faz com que aquele que ficou vermelho volte aos trambolhões para aquele tempo em que a vida era nada mais do que uma longa sequência de vexames.

— Eu gostaria de não ter contado isso para você.

Ela comeu uma garfada de salada de rúcula e tomate.

— Tem certeza que não há... um restinho de fogo aceso no seu peito, Sr. Webster?

— Certeza absoluta.

— Bem, então, a menos que ela entre em contato com você, eu não faria nada. Desconte o cheque, leve-me para viajar e esqueça. A duzentas e cinquenta cada, nós podemos ir até as ilhas do Canal.

— Eu gosto quando você implica comigo — disse. — Mesmo depois de tantos anos.

Ela se inclinou para a frente e deu um tapinha na minha mão. — É legal ainda gostarmos um do outro. E é legal eu saber que você jamais irá agendar essas férias.

— Só porque eu sei que você não está falando sério.

Ela sorriu. E, por um momento, ela pareceu quase enigmática. Mas Margaret não sabe ser enigmática, aquele primeiro passo para ser a Mulher Misteriosa. Se quisesse que eu gastasse dinheiro numas férias a dois, ela teria dito isso. Sim, eu sei que foi exatamente o que ela disse, mas...

Mas não importa. — Ela roubou o que é meu — disse, talvez um pouco

queixoso.

— Como você sabe que quer isso?

— É o diário de Adrian. Ele é meu amigo. Ele era meu amigo. O diário é meu.

— Se o seu amigo quisesse que você ficasse com o diário dele, ele poderia tê-lo deixado para você há quarenta anos, e evitar um intermediário. Ou intermediária.

— Sim.

— O que você acha que tem no diário?

— Não faço ideia. Mas ele é meu. — Eu identifiquei nesse momento outro motivo para a minha determinação. O diário era uma prova; ele era, poderia ser, confirmação. Ele poderia desfazer as reiteraões banais da memória. Ele poderia provocar alguma coisa, embora eu não soubesse o quê.

— Bem, você pode descobrir onde a Doida mora. Friends Reunited, catálogo telefônico, detetive particular. Você vai até lá, toca a campainha, pede o que é seu.

— Não.

— Então só resta roubar — sugeriu ela animadamente.

— Você está brincando.

— Então desiste. A menos que você tenha, como dizem, coisas mal resolvidas do passado que você precise confrontar para poder seguir em frente. Mas esse não é o seu caso, é, Tony?

— Não, acho que não — respondi, com certo cuidado. Porque uma parte minha estava imaginando se, psicológicas à parte, não haveria alguma verdade nisso. Houve um silêncio. Nossos pratos estavam vazios. Margaret não teve nenhum problema em me interpretar.

— É tocante que você seja tão teimoso. Suponho que esta é uma forma de não perder o rumo quando chegamos à nossa idade.

— Eu acho que não teria reagido de forma diferente vinte anos atrás.

— Possivelmente não. — Ela fez um sinal para pedir a conta. — Mas deixe-me contar-lhe uma história a respeito de Caroline. Não, você não a conhece. Ela é uma amiga que eu fiz depois que nos separamos. Caroline tinha um marido, dois filhos pequenos e uma empregada em quem não sabia se podia confiar ou não. Ela não tinha nenhuma suspeita terrível, nada disso. A garota era educada o tempo todo, as crianças não reclamavam. Mas Caroline sentia que não conhecia realmente aquela pessoa com quem estava deixando os filhos. Então ela pediu conselho a uma amiga, não, não a mim.

“Reviste as coisas dela”, a amiga disse. “O quê?” “Bem, você está visivelmente preocupada com isso. Espere até a folga dela, dê uma olhada no quarto dela, leia as cartas dela. Era isso o que eu faria.” Então, na folga seguinte da empregada, Caroline examinou as coisas dela. E achou o diário da moça. Que ela leu. E que estava cheio de denúncias do tipo “Eu estou trabalhando para uma verdadeira vaca” e “O marido é legal, eu o peguei olhando para a minha bunda, mas a mulher é uma vaca”. E “Será que ela sabe o que está fazendo com essas pobres crianças?”. Havia coisas realmente pesadas ali.

— E o que aconteceu? — perguntei. — Ela demitiu a empregada?

— Tony — respondeu minha ex-esposa —, isso não vem ao caso.

Eu concordei. Margaret examinou a conta, passando o canto do cartão de crédito pelos itens.

Duas outras coisas ela disse ao longo dos anos: que havia algumas mulheres que não são misteriosas mas que parecem misteriosas por causa da incapacidade dos homens em entendê-las. E que, na opinião dela, as doidas deviam ser guardadas dentro de latas, como bolos de fruta, com a cabeça da rainha estampada nelas. Eu devo ter contado a ela aquele detalhe da minha vida em Bristol também.

Passou mais ou menos uma semana, e o nome do irmão Jack apareceu de novo na minha caixa de entrada. “Aqui vai o e-mail de Veronica, mas não deixe que ela saiba que fui eu que dei. Senão eu vou ouvir o diabo. Lembre-se dos 3 macacos sábios — não vejo, não ouço, não falo. Esse é o meu lema. Céu azul, vista da Ponte da Baía de Sydney, quase. Ah, o meu riquixá está chegando. Lembranças, John F.”

Eu fiquei surpreso. Já sabia que ele seria imprestável. Mas o que eu sabia dele ou da vida dele? Só o que havia deduzido de um fim de semana desagradável muitos anos atrás. Eu sempre supus que berço e educação tinham dado a ele uma vantagem sobre mim que ele havia mantido sem esforço algum até os dias de hoje. Eu me lembrei de Adrian dizendo que tinha lido sobre Jack numa revista universitária, mas que não esperava vir a conhecê-lo (mas ele também não esperava vir a sair com Veronica). E então ele tinha acrescentado, num tom diferente, mais duro, “Eu *odeio* o jeito que os ingleses têm de não admitir que estão falando sério”. Eu nunca soube — porque estupidamente nunca perguntei — em que ele se baseara para dizer aquilo.

Dizem que o tempo nos desmascara, não dizem? Talvez o tempo tivesse

desmascarado o irmão Jack e o tivesse castigado por sua falta de seriedade. E então eu comecei a elaborar uma vida diferente para o irmão de Veronica, em que seus tempos de estudante brilhavam em sua memória como tendo sido cheios de alegria e esperança — na verdade, como o único período em que sua vida tinha brevemente alcançado aquela sensação de harmonia a que todos nós aspiramos. Eu imaginei Jack, depois da formatura, sendo contratado nepotisticamente por uma daquelas grandes companhias multinacionais. Eu o imaginei saindo-se bem no início e depois, quase imperceptivelmente, não tão bem. Um cara educado, com bons modos, mas sem a competitividade necessária num mundo em transformação. Aquelas tiradas divertidas, tanto em carta quanto em conversa, após algum tempo começaram a parecer não sofisticadas, mas bobas. E embora ele não fosse exatamente forçado a sair, a sugestão de uma aposentadoria precoce combinada com algum trabalho *ad hoc* foi suficientemente clara. Ele podia ser uma espécie de cônsul honorário, um reserva para o homem local em cidades grandes, um solucionador de problemas em cidades menores. Então ele refez sua vida e achou uma forma plausível de se apresentar como um sucesso. “Vista da Ponte da Baía de Sydney, quase.” Eu o imaginei levando seu laptop para terraços de cafés com Wi-Fi, porque francamente isso era menos deprimente do que trabalhar num quarto de hotel com menos estrelas do que ele tinha sido acostumado antes.

Não faço ideia se é assim que funcionam as grandes firmas, mas eu tinha achado um modo de pensar a respeito do irmão Jack que não me causava desconforto. Eu tinha conseguido até desalojá-lo da mansão que dava para o campo de golfe. Não que eu fosse tão longe a ponto de sentir pena dele. E — essa era a questão — não que eu devesse alguma coisa a ele.

“Cara Veronica”, comecei. “Seu irmão fez a gentileza de me dar o seu e-mail.”

Eu descobri que esta pode ser uma das diferenças entre a juventude e a velhice: quando somos jovens, inventamos diferentes futuros para nós mesmos; quando somos velhos, inventamos diferentes passados para os outros.

O pai dela dirigia um Humper Super Snipe. Carros não têm mais nomes como esse, têm? Eu dirijo um Volkswagen Polo. Mas Humper Super Snipe — aquelas eram palavras que saíam da boca tão suavemente quanto “o Pai, o Filho e o Espírito Santo”. Humper Super Snipe. Armstrong Siddeley Sapphire. Jowett Javelin. Jensen Interceptor. Até mesmo Wolseley Farina e

Hillman Minx.

Não me entenda mal. Eu não estou interessado em carros, velhos ou novos. Eu estou vagamente curioso em saber por que batizaram um automóvel tão grande com o nome de um pássaro tão pequeno quanto a narceja, e se o Minx tinha uma natureza feminina tempestuosa. Ainda assim, não sou curioso o suficiente para ir pesquisar isso. Nesta fase da vida, prefiro não saber.

Mas tenho pensado na questão da nostalgia, e se sofro disso. Eu não fico me lamentando ao me lembrar de alguma bobagem da infância; e não quero me enganar sentimentalmente acerca de alguma coisa que não foi verdade nem na época — amor pela velha escola e coisas do gênero. Mas se nostalgia significa a recordação de emoções fortes — e uma tristeza por estas emoções não estarem mais presentes em nossas vidas — então eu me declaro culpado. Eu sinto saudade dos meus primeiros tempos com Margaret, dos primeiros aniversários e dos primeiros anos de Susie, daquela viagem pelas estradas com Annie. E se estamos falando de emoções fortes que jamais voltarão, eu suponho que é possível sentir saudade tanto da dor quanto do prazer. E isso amplia bastante o campo, não é mesmo? E também leva diretamente à questão da Srta. Veronica Ford.

*

“Dinheiro sujo de sangue?”

Eu li as palavras e não consegui entendê-las. Ela havia apagado a minha mensagem e o assunto, não tinha assinado sua resposta e respondeu com uma única frase. Tive que procurar meu e-mail na caixa de enviados e tornar a lê-lo para ver que gramaticalmente suas quatro palavras só podiam ser uma resposta à pergunta que eu tinha feito sobre o motivo de a mãe dela ter me deixado quinhentas libras. Mas, fora isso, não fazia o menor sentido. Nenhum sangue fora derramado. Meu orgulho tinha sido ferido, isso era verdade. Mas Veronica não podia estar sugerindo que a mãe dela estivesse oferecendo dinheiro como reparação pela dor que a filha me causara, ou será que estava?

Ao mesmo tempo, fazia sentido que Veronica não tivesse enviado uma resposta simples, não tivesse feito ou dito o que eu esperava. Nisto, pelo menos, ela era consistente com a lembrança que eu tinha dela. É claro que às vezes eu me senti tentado a classificá-la como sendo a mulher misteriosa, em oposição à mulher transparente com quem me casei, Margaret. Realmente, eu não conseguia me situar com ela, não conseguia ler seu coração ou sua mente ou sua motivação. Mas um enigma é um quebra-cabeça que você quer

resolver. Eu não queria entender Veronica, muito menos nessa altura da vida. Ela era uma jovem extremamente difícil quarenta anos atrás, e — diante da evidência desta resposta de quatro palavras — não parecia ter melhorado com a idade. Foi isso que eu disse a mim mesmo com firmeza.

Mas por que deveríamos esperar que a idade nos abrandasse? Se não cabe à vida recompensar o mérito, por que caberia a ela proporcionar-nos sentimentos ternos e confortadores perto do seu final? A que propósito evolucionário a nostalgia poderia servir?

*

Eu tinha um amigo que estudou para ser advogado, depois se desencantou com a profissão e nunca exerceu. Ele me disse que o único benefício daqueles anos perdidos foi que ele não tinha mais medo nem da lei e nem dos advogados. E uma coisa dessas acontece de forma mais geral, não acontece? Quanto mais você aprende, menos você teme. “Aprende” não no sentido de estudo acadêmico, mas no sentido da experiência prática da vida.

Talvez o que eu esteja dizendo realmente é que, tendo saído com Veronica tantos anos atrás, eu não tinha mais medo dela agora. Então iniciei minha campanha por e-mail. Eu estava decidido a ser educado, impermeável a ofensas, persistente, chato, amigável: em outras palavras, a mentir. É claro que só leva um microssegundo para deletar um e-mail, mas também não leva muito mais tempo para substituir o que foi deletado. Eu ia vencê-la pela gentileza e conseguir o diário de Adrian. Não havia nenhum “fogo ainda aceso no meu peito” — eu tinha afirmado isso a Margaret. E quanto ao conselho mais geral que ela me deu, digamos que uma das vantagens de ser um ex-marido é que você não precisa mais justificar o seu comportamento. E nem acatar sugestões.

Eu podia ver que Veronica estava perplexa com o meu comportamento. Às vezes ela respondia brevemente, e zangada, mas geralmente nem respondia. E ela não teria ficado lisonjeada em saber o precedente para o meu plano. Já perto do final do meu casamento, a sólida casa de subúrbio em que eu e Margaret morávamos sofreu uma certa deterioração. Rachaduras começaram a aparecer em diversos lugares, pedaços da varanda e do muro da frente começaram a desmoronar. (E não, eu não achei que isso fosse simbólico.) A companhia de seguros ignorou o fato de que tinha sido um verão excepcionalmente seco e resolveu culpar o limoeiro do nosso jardim. Não se tratava de uma árvore excepcionalmente bonita, e nem eu gostava dela, por diversas razões: ela prejudicava a iluminação da sala da frente,

soltava uma substância pegajosa na calçada e se projetava sobre a rua de um modo que encorajava os pombos a se empoleirar nela e cagar em cima dos carros estacionados embaixo. Especialmente o nosso carro.

Minha objeção em arrancá-la era uma questão de princípios: não o princípio de manter o estoque de árvores do país, mas o princípio de não me sujeitar a burocratas desconhecidos, arboristas com cara de criança e modernas teorias de suposta culpa sugeridas pelas companhias de seguros. Além disso, Margaret gostava da árvore. Então eu preparei uma longa campanha defensiva. Questionei as conclusões do arborista e solicitei a escavação de buracos de inspeção extras para confirmar ou descartar a presença de raízes perto das fundações da casa; argumentei a respeito dos padrões de clima, do grande cinturão de argila ao redor de Londres, da proibição do uso de mangueira de água na região e assim por diante. Eu fui rigidamente cortês; imitei a linguagem burocrática dos meus oponentes; anexava cópias da correspondência anterior a cada nova carta, só para chatear; pedi outras visitas de inspeção e sugeri uma utilização extra da força de trabalho deles. A cada carta, eu conseguia inventar outra dúvida que eles teriam que despendar tempo avaliando; quando eles não respondiam, na minha carta seguinte, em vez de repetir a mesma dúvida, eu me referia ao terceiro ou quarto parágrafo da comunicação enviada no dia 17 do corrente mês, de modo que eles fossem obrigados a procurar em sua pasta, que inchava cada vez mais. Tive o cuidado de não dar a impressão de ser um lunático e, sim, um chato, pedante e impossível de ignorar. Eu gostava de imaginar os gemidos e resmungos cada vez que uma das minhas cartas chegava; e eu sabia que num certo momento eles acabariam encerrando o caso. No fim, exasperados, eles propuseram uma redução de trinta por cento da copa do limoeiro, uma solução aceita com expressões de profunda tristeza e grande alegria interior.

Veronica, como eu tinha previsto, não gostou de ser tratada como uma companhia de seguros. Vou deixar de lado aqui o tédio de nossa correspondência e partir direto para sua primeira consequência prática. Eu recebi uma carta da Sra. Marriott enviando o que ela descreveu como “um fragmento do documento em disputa”. Ela expressava o desejo de que os meses seguintes pudessem trazer a completa restituição da minha herança. Eu achei que isso demonstrava um bocado de otimismo.

O “fragmento” era na verdade uma fotocópia de um fragmento. Mas — mesmo depois de quarenta anos — eu soube que era autêntico. Adrian

escrevia com uma letra bem característica, com um “g” excêntrico. Nem precisa dizer que Veronica não tinha mandado nem a primeira nem a última página, e nem tinha indicado em que parte do diário esta se encaixava. Se “diário” ainda fosse a palavra certa para um texto organizado em parágrafos numerados. O que estava escrito era o seguinte: 5.4 A questão da acumulação. Se a vida é um jogo, que forma toma a aposta? Na pista de corrida de cavalos, uma acumulada é uma aposta cujos lucros dependem do sucesso de um cavalo para atrair a aposta no próximo.

5.5 Então a) Até que ponto os relacionamentos humanos podem ser expressos numa fórmula matemática ou lógica? E b) Se este for o caso, que sinais poderiam ser colocados entre os números inteiros? Mais e menos, evidentemente; às vezes multiplicação, e, sim, divisão. Mas estes sinais são limitados. Assim, um relacionamento inteiramente fracassado poderia ser expresso em termos tanto de perda/menos e divisão/redução, mostrando um total de zero; enquanto um inteiramente bem-sucedido poderia ser representado tanto por adição quanto por multiplicação. Mas e quanto à maioria dos relacionamentos? Eles não precisam ser expressos em notações que são logicamente improváveis e matematicamente insolúveis?

5.6 Assim, como você expressaria uma acumulação contendo os inteiros b , a^1 , a^2 , s , v ?

$$b = s - v \times a^1$$

$$\text{ou } a^2 + v + a^1 \times s = b?$$

5.7 Ou essa é a forma errada de formular a pergunta e expressar a acumulação? A aplicação da lógica à condição humana em si mesma e por si mesma conduz ao fracasso? O que acontece com uma corrente de pensamento quando os elos são feitos de metais diferentes, cada um com diferentes graus de fragilidade?

5.8 Ou “elo” é uma falsa metáfora?

5.9 Mas, considerando que não seja, se um elo quebrar, onde está a responsabilidade por este rompimento? Nos elos que estão de cada lado, ou em toda a corrente? Mas o que queremos dizer com “toda a corrente”? Até onde vão os limites da responsabilidade?

6.0 Ou nós podemos tentar estreitar mais os limites da responsabilidade e reparti-los com mais exatidão. E não usar equações e inteiros e, sim, expressar as coisas na terminologia narrativa tradicional. Então, por exemplo, se Tony E aí a fotocópia — a versão da versão — parava. “Então, por exemplo, se Tony”: fim da linha, fim da página. Se eu não tivesse reconhecido imediatamente a caligrafia de Adrian, eu poderia ter pensado que esta história de suspense era parte de alguma falsificação fabricada por Veronica.

Mas eu não queria pensar nela — enquanto fosse possível evitar isso. Então tentei me concentrar em Adrian e no que ele estava fazendo. Eu não sei como dizer isto melhor, mas, ao olhar para aquela página fotocopiada, não tive a sensação de estar examinando algum documento histórico — muito menos um que exigia uma considerável exegese. Não, eu tive a sensação de que Adrian estava ali presente, ao meu lado, respirando, pensando.

E como ele continuava sendo admirável. Eu tenho tentado, às vezes, imaginar o desespero que leva ao suicídio, procurado visualizar o tipo de escuridão onde apenas a morte aparece como um pontinho de luz: em outras

palavras, o exato oposto da condição normal de vida. Mas neste documento — que, com base nesta única página, eu considere como sendo a argumentação racional de Adrian a respeito do seu próprio suicídio — o seu autor estava usando a luz numa tentativa de alcançar uma luz maior. Isso faz sentido?

Eu estou certo de que psicólogos já fizeram em algum lugar um gráfico de mensuração da inteligência segundo a idade. Não um gráfico da sabedoria, do pragmatismo, da capacidade de organização, do bom-senso — essas coisas que, com o tempo, toldam nossa compreensão do assunto. Mas um gráfico da inteligência pura. E meu palpite é que ele deve mostrar que a maioria de nós atinge o auge entre os 16 e os 25 anos. O fragmento de Adrian me levou de volta a como ele era naquela idade. Quando conversávamos e discutíamos, era como se ele tivesse nascido para colocar os pensamentos em ordem, como se usar o cérebro lhe fosse tão natural quanto usar os músculos para um atleta. E assim como os atletas frequentemente reagem à vitória com um curioso misto de orgulho, incredulidade e modéstia — *eu fiz isso, mas como foi que eu fiz isso? Ou foi Deus quem fez por mim?* —, Adrian nos levava com ele na viagem do seu pensamento como se ele mesmo não acreditasse inteiramente na facilidade com que viajava. Ele entrava numa espécie de estado de graça — mas que não era excludente. Ele nos fazia sentir que estávamos pensando junto com ele, mesmo que não disséssemos nada. E foi muito estranho para mim sentir isso outra vez, este companheirismo com uma pessoa já morta, porém ainda mais inteligente, apesar de todas as minhas décadas a mais de vida.

Não só inteligência pura, mas também aplicada. Eu me vi comparando a minha vida com a de Adrian. A capacidade de ver e examinar a si mesmo; a capacidade de tomar decisões morais e agir de acordo com elas; a coragem física e mental do seu suicídio. “Ele tirou a própria vida”, é a expressão que se usa; mas Adrian também assumiu o controle da própria vida, ele a tomou em suas mãos — e depois tirou-a de suas mãos. Poucos de nós — nós que ficamos — podemos dizer que fizemos o mesmo. Nós vamos levando, deixamos a vida acontecer, construímos aos poucos um estoque de lembranças. Existe a questão da acumulação, mas não no sentido mencionado por Adrian, apenas a simples soma de fatos da vida. E como o poeta ressaltou, existe uma diferença entre adicionar e multiplicar.

A minha vida tinha se multiplicado ou meramente se acumulado? Esta foi a pergunta que o fragmento de Adrian provocou em mim. Houve soma —

e subtração — em minha vida, mas quanto de multiplicação? E isso me deixou com uma sensação de desassossego, inquietude.

“Então, por exemplo, se Tony...” Estas palavras tinham um sentido local, textual, específico de quarenta anos atrás; e em algum momento eu poderia descobrir que elas continham ou conduziam a uma crítica por parte do meu velho clarividente e autovidente amigo. Mas por ora eu as ouvi como uma referência mais ampla — ao conjunto da minha vida. “Então, por exemplo, se Tony...” E neste registro as palavras eram praticamente completas em si mesmas e não precisavam de uma cláusula explicativa depois. Sim, é verdade, se Tony tivesse enxergado mais claramente, agido com mais decisão, se apegado a valores morais mais verdadeiros, aceitado com menos facilidade uma passividade que ele chamou primeiro de felicidade e depois de contentamento. Se Tony não tivesse sido medroso, não tivesse dependido da aprovação alheia para aprovar a si mesmo... e assim por diante, através de uma sucessão de hipóteses conduzindo a uma hipótese final: então, por exemplo, se Tony não fosse Tony.

Mas Tony era e é Tony, um homem que encontrou conforto em sua própria obstinação. Cartas para companhias de seguros, e-mails para Veronica. Se você vai torrar o meu saco, eu também vou torrar o seu. E continuei enviando e-mails para ela quase todo dia, e agora numa variedade de tons, desde exortações do tipo “Faça a coisa certa, garota!” até perguntas sobre a frase interrompida de Adrian, até um interesse meio fingido sobre a vida dela. Eu queria que ela tivesse a sensação de que eu poderia estar esperando sempre que ela abrisse a sua caixa de entrada; e eu queria que ela soubesse que, mesmo que apagasse instantaneamente as minhas mensagens, eu saberia que ela estava fazendo isso e não ficaria surpreso, muito menos ofendido. E que eu estava lá, esperando. “*Time is on my side, Yes it is...*” Eu não achava que a estava perseguindo; só estava querendo o que era meu. E então, uma manhã, eu obtive um resultado.

“Eu vou à cidade amanhã, encontro-me com você às três no meio da ponte Wobbly.”

Eu jamais esperaria por isso. Achei que tudo seria feito a distância, que seus métodos seriam advogados e silêncio. Talvez ela tivesse mudado de ideia. Ou talvez eu a tivesse irritado. Afinal de contas, eu estava tentando.

A Wobbly, ou “ponte trêmula”, é a nova passarela de pedestres sobre o Tâmisa, ligando a St. Paul’s ao Tate Modern. Quando foi inaugurada, costumava balançar um pouco — ou por causa do vento ou da massa de gente

passando sobre ela, ou as duas coisas — e o *commentariat* britânico debochou dos arquitetos e engenheiros por não saberem o que estavam fazendo. Eu a achei linda. E também gostei do modo como ela balançava. Achei que de vez em quando nós devíamos ser lembrados da instabilidade sob nossos pés. Então eles a consertaram e ela parou de balançar, mas o nome pegou — pelo menos por enquanto. Eu imaginei por que Veronica tinha escolhido aquele local. E também se ela me deixaria esperando, e de que lado ela viria.

Mas ela já estava lá. Eu a reconheci de longe, sua altura e postura me pareceram logo familiares. Estranho como a imagem da postura de alguém sempre fica conosco. E no caso dela — como posso explicar? Será que é possível a pessoa estar parada impacientemente? Eu não quero dizer com isso que ela estava pulando de um pé para o outro; mas uma tensão evidente sugeria que ela não queria estar ali.

Consultei meu relógio. Eu estava exatamente na hora. Nós olhamos um para o outro.

— Você perdeu cabelo — disse ela.

— Acontece. Pelo menos isso mostra que não sou um alcoólatra.

— Eu não disse que você era. Vamos sentar num daqueles bancos.

Ela saiu andando sem esperar resposta. Andava depressa, e eu tive que correr um pouco para alcançá-la. Eu não queria dar-lhe o prazer de caminhar ao seu lado, então fui um pouco atrás até um banco vazio dando para o Tâmis. Eu não sabia para que lado a corrente estava indo, já que havia um vento forte agitando a superfície da água. No alto, o céu estava cinzento. Havia uns poucos turistas; um skatista passou por trás de nós.

— Por que as pessoas pensam que você é alcoólatra?

— Elas não pensam.

— Então por que você inventou isso?

— Eu não inventei nada. Você disse que eu tinha perdido cabelo. E acontece que, quando se bebe muito, alguma coisa na bebida impede que o seu cabelo caia.

— Isso é verdade?

— Bem, você consegue pensar em algum alcoólatra careca?

— Eu tenho mais o que fazer com o meu tempo.

Eu olhei para ela e pensei: você não mudou, mas eu sim. E no entanto, estranhamente, essas estratégias de conversa me deixaram quase nostálgico. Quase. Ao mesmo tempo, eu pensei: você parece um tanto maltratada. Ela

estava usando uma capa de chuva azul meio surrada; seu cabelo, mesmo considerando o vento que soprava do rio, parecia despenteado. Ele era do mesmo comprimento que quarenta anos antes, mas com fios grisalhos. Ou melhor, ele era grisalho com alguns fios castanhos. Margaret costumava dizer que as mulheres costumam cometer o erro de conservar o cabelo no mesmo estilo de quando eram jovens e atraentes. Elas se apegavam a ele mesmo depois de não combinar mais com elas, tudo porque tinham medo do grande corte. Este parecia ser o caso de Veronica. Ou, talvez, ela simplesmente não estivesse ligando para isso.

— E então? — disse ela.

— E então? — repeti.

— Você pediu um encontro.

— Pedi?

— Quer dizer que não pediu?

— Se você diz que eu pedi, eu devo ter pedido.

— Bem, é sim ou não? — perguntou ela, se levantando e ficando ali parada, sim, impacientemente.

Eu não reagi de propósito. Não sugeri que ela se sentasse, e nem fiquei em pé. Ela podia ir embora se quisesse — e iria, então não havia sentido em tentar impedi-la. Ela estava contemplando a água. Tinha três sinais do lado do pescoço — eu me lembrava deles ou não? Cada um deles, agora, tinha um pelo longo saindo de dentro, e a luz iluminou aqueles fios de cabelo.

Muito bem, então, nada de conversa fiada, nada de história ou nostalgia. Direto ao assunto.

— Você vai me entregar o diário de Adrian?

— Não posso — respondeu ela, sem olhar para mim.

— Por que não?

— Eu o queimei.

Primeiro roubo, depois incêndio criminoso, eu pensei, com um ímpeto de raiva. Mas disse a mim mesmo para parar de tratá-la como se ela fosse uma companhia de seguros. Então, com a voz mais neutra possível, eu perguntei simplesmente.

— Por que motivo?

O rosto dela tremeu, mas eu não soube dizer se foi um sorriso ou só um tremor.

— As pessoas não deviam ler os diários dos outros.

— Sua mãe deve ter lido. E você também, para decidir que página me

mandar. — Nenhuma resposta. Tente outra tática. — Por falar nisso, como termina aquela frase? Você sabe qual: “Então, por exemplo, se Tony...?”

Um dar de ombros e uma careta. — As pessoas não deviam ler os diários dos outros — repetiu ela. — Mas você pode ler isto se quiser.

Ela tirou um envelope do bolso da capa, me deu e foi embora.

Quando cheguei em casa, verifiquei os e-mails que tinha mandado para ela e, é claro, jamais tinha pedido um encontro com ela. Pelo menos, não explicitamente.

Eu me lembrei da minha reação inicial ao ver a frase “dinheiro sujo de sangue” na minha tela. Tinha dito a mim mesmo: mas ninguém morreu. Eu estava pensando apenas em Veronica e em mim. Eu não tinha pensado em Adrian.

Outra coisa que percebi: havia um erro, ou uma anomalia estatística, na teoria de Margaret da mulher transparente versus mulher misteriosa; ou melhor, na segunda parte dela, de que os homens ou eram atraídos por um tipo ou por outro. Eu tinha me sentido atraído tanto por Veronica quanto por Margaret.

Lembro de um período do final da adolescência em que minha mente ficava embriagada com imagens de aventuras. É assim que vai ser quando eu crescer. Eu vou lá, vou fazer isso, vou descobrir aquilo, vou amá-la, depois ela, ela e ela. Vou viver como as pessoas vivem e sempre viveram nos romances. Em quais eu não tinha certeza, só que paixão e perigo, êxtase e desespero (mas depois mais êxtase) estavam à minha espera. Entretanto... quem foi que disse aquilo sobre “a pequenez da vida que a arte exagera”? Houve um momento quando estava me aproximando dos trinta anos em que eu admiti que meu amor por aventuras já tinha acabado há muito tempo. Eu jamais iria fazer as coisas que havia sonhado na adolescência. Em vez disso, eu aparava a grama, tirava férias, tinha a minha vida.

Mas o tempo... como o tempo primeiro nos prende e depois nos confunde. Nós achamos que estávamos sendo maduros quando só estávamos sendo prudentes. Nós imaginamos que estávamos sendo responsáveis, mas estávamos sendo apenas covardes. O que chamamos de realismo era apenas uma forma de evitar as coisas em vez de encará-las. O tempo... nos dá tempo suficiente para que nossas decisões mais fundamentadas pareçam hesitações, nossas certezas, meros caprichos.

Eu só abri o envelope que Veronica me deu um dia e meio depois. Esperei porque sabia que ela não esperava que eu fosse esperar, achava que

eu estaria abrindo o envelope assim que ela desaparecesse. Mas eu sabia que o envelope dificilmente conteria o que eu desejava: por exemplo, a chave de um compartimento num guarda-malas onde eu iria encontrar o diário de Adrian. Ao mesmo tempo, ela não me convenceu com aquela conversa pudica de que ninguém devia ler o diário dos outros. Eu a achava inteiramente capaz de um incêndio criminoso só para me castigar por antigos erros, mas não em defesa de algum princípio inventado apressadamente sobre comportamento correto.

Intrigava-me o fato de ela ter sugerido um encontro. Por que não usar o correio e assim evitar um encontro que ela claramente considerava desagradável? Por que esse cara a cara? Porque ela estava curiosa em tornar a pôr os olhos em mim depois de todos esses anos, mesmo que isso a fizesse estremecer? Eu duvidava. Eu pensei nos cerca de dez minutos que tínhamos passado na companhia um do outro — o local, a troca de local, a ansiedade em ir embora de ambos, o que foi dito e o que não foi dito. Por fim, pensei numa teoria. Se ela não precisava do encontro para fazer o que tinha feito — que foi me entregar o envelope —, então ela precisava dele para o que tinha dito, ou seja, para dizer que tinha queimado o diário de Adrian. E por que tinha que pôr isso em palavras ao lado do cinzento Tâmis? Porque podia negar que tivesse dito. Ela não queria a prova escrita de um e-mail. Se ela era capaz de afirmar falsamente que eu é que tinha pedido um encontro, não seria nada demais para ela negar que havia admitido ter cometido um incêndio criminoso.

Tendo chegado a esta explicação possível, eu esperei até a noite, jantei, me servi de uma taça extra de vinho e me sentei com o envelope na mão. Ele não tinha meu nome: talvez mais uma estratégia de negação? É claro que eu não dei isso a ele. E nem me encontrei com ele. Ele não passa de uma praga de um passador de e-mail com imaginação fértil, um perseguidor virtual careca.

Eu vi, pela faixa cinzenta que ia ficando quase preta na borda da primeira página, que ali estava outra fotocópia. Qual era o problema dela? Será que ela nunca lidava com documentos autênticos? Então eu notei a data no alto, e a caligrafia: a minha, como ela costumava ser muitos anos atrás. “Caro Adrian”, a carta começava. Eu a li toda, me levantei, peguei minha taça de vinho, despejei o conteúdo de volta na garrafa deixando cair um bocado para fora, e preparei uma dose bem grande de uísque.

Quantas vezes nós contamos a história da nossa vida? Quantas vezes nós

ajustamos, embelezamos, editamos espertamente? E quanto mais longa a vida, menos são os que ainda estão por perto para nos contradizer, para nos lembrar que nossa vida não é a nossa vida, mas apenas a história que nós contamos a respeito da nossa vida. Contamos para outros, mas — principalmente — para nós mesmos.

Caro Adrian — ou melhor, Caros Adrian e Veronica (olá Vaca, seja bem-vinda a esta carta), Bem, vocês sem dúvida se merecem e eu lhes desejo muitas felicidades. Espero que fiquem tão envolvidos um com o outro que o dano mútuo seja irreversível. Espero que lamentem o dia em que eu os apresentei. E espero que, quando vocês se separarem, o que acontecerá inevitavelmente — eu lhes dou seis meses, que o orgulho de ambos estenderá para um ano, melhor ainda para foder com vocês, digo eu —, vocês fiquem com uma amargura eterna que irá envenenar todos os seus relacionamentos subsequentes. Uma parte de mim torce para que vocês tenham um filho, porque eu acredito muito na vingança do tempo, até mesmo passando de uma geração para outra. Ver Grande Arte. Mas a vingança deve cair sobre as pessoas certas, i. e., vocês dois (e vocês não são grande arte, apenas rabiscos de um cartunista). Então eu não lhes desejo isso. Seria injusto infligir a um feto inocente a possibilidade de descobrir que ele foi o fruto do vosso ventre, se me permitem a licença poética. Então continue a colocar o Durex no cacete fino e comprido dele, Veronica. Ou será que você não o deixou ir tão longe ainda?

Bem, chega de cortesias. Eu tenho algumas coisas precisas para dizer a cada um.

Adrian: você já sabe que ela é uma sedutora barata, é claro — embora eu imagine que tenha dito a si mesmo que ela estava Lutando Com Seus Próprios Princípios, e que você, como filósofo, ia usar sua massa cinzenta para ajudá-la a vencê-los. Se ela não o tiver deixado ir Até o Fim ainda, sugiro que você termine com ela, e ela irá à sua casa com as calcinhas molhadas e um pacote de camisinhas, louca para trepar. Mas este tipo de provocação sexual é também uma metáfora: ela é uma pessoa que manipula seu íntimo mas esconde o dela. Deixo o diagnóstico preciso aos psiquiatras — o que pode variar de acordo com o dia da semana — e observo apenas que ela é incapaz de imaginar os sentimentos ou a vida emocional de uma outra pessoa. Até a própria mãe me alertou contra ela. Se eu fosse você, teria uma conversa com Mamãe — pergunte a ela sobre antigos traumas. É claro que você terá que fazê-lo escondido de Veronica, porque, cara, essa garota é uma controladora pirada. Ah, e é também uma esnobe, como deve ter percebido, que só quis saber de você porque em breve você vai ter um título de Cambridge depois do seu nome. Lembra do quanto você desprezava o irmão Jack e seus amigos bacanas? É com essa gente que você quer andar agora? Mas não se esqueça: dê-lhe algum tempo e ela irá desprezá-lo tanto quanto me despreza.

Veronica: interessante, aquela carta em conjunto. A sua malícia misturada com o pedantismo dele. Um belo casamento de talentos. O seu senso de superioridade social versus o senso dele de superioridade intelectual. Mas não pense que você pode passar a perna em Adrian como passou a perna (por um tempo) em mim. Eu posso ver a sua tática — isolá-lo, afastá-lo dos velhos amigos, torná-lo dependente de você *etc. etc.* Isso pode funcionar por um tempo. Mas e depois? É só uma questão de saber se você conseguirá engravidar antes de ele descobrir que você é uma chata. E mesmo que você consiga prendê-lo, pode esperar ter sua lógica corrigida a vida inteira, ser alvo de pedantismo e de bocejos abafados diante da sua afetação. Eu não posso fazer nada contra você agora, mas o tempo pode. O tempo dirá. Ele sempre diz.

Votos de Boas-Festas para vocês, e que a chuva ácida caia sobre suas cabeças juntas e ungidadas.

Tony

Descubro que o uísque ajuda a clarear os pensamentos. E reduz a dor. Ele tem a virtude adicional de deixar você bêbado ou, se tomado em quantidade suficiente, muito bêbado. Eu reli esta carta diversas vezes. Eu não podia negar nem sua autoria nem sua feiura. Tudo o que eu podia alegar era que eu fora seu autor na época, mas que não era seu autor agora. Na verdade, eu não reconheci a parte de mim mesmo de onde aquela carta saiu. Mas talvez essa fosse uma outra maneira de enganar a mim mesmo.

A princípio, pensei principalmente em mim, em como eu tinha me mostrado: irritado, ciumento e mau. Também na minha tentativa de minar o relacionamento deles. Pelo menos nisso eu tinha fracassado, uma vez que a mãe de Veronica me garantiu que os últimos meses de vida de Adrian foram felizes. Não que isso me absolvesse. Meu eu mais jovem havia voltado para chocar meu eu mais velho mostrando como aquele eu tinha sido, ou era, ou às vezes era capaz de ser. E fazia pouco tempo que eu tinha comentado como diminuam as testemunhas de nossas vidas e, junto com elas, a necessária confirmação dos fatos. Agora eu tinha uma confirmação nada bem-vinda do que eu era, ou tinha sido. Se ao menos este tivesse sido o documento queimado por Veronica.

Depois pensei nela. Não em como ela deve ter se sentido ao ler a carta pela primeira vez — eu voltaria a isso —, mas porque ela me dera a carta. É claro que sua intenção era mostrar a merda que eu era. Mas era mais do que isso, eu pensei: dada a nossa disputa atual, era também um movimento tático, um aviso. Se eu tentasse brigar na justiça por causa do diário, isto seria parte da defesa dela. Eu mesmo daria testemunha do meu caráter.

Daí pensei em Adrian. Meu velho amigo que tinha se matado. E aquela tinha sido a última comunicação que ele havia recebido de mim. Uma difamação do seu caráter e uma tentativa de destruir o primeiro e último caso de amor da vida dele. E quando eu escrevi que o tempo iria dizer, eu subestimei, ou melhor, calculei mal: o tempo não estava falando contra eles, estava falando contra mim.

E por fim eu me lembrei do cartão-postal que tinha mandado para Adrian em resposta à carta dele. Aquele falsamente indiferente dizendo que estava tudo bem. O cartão era a Ponte Suspensa de Clifton. Da qual muitas pessoas pulam para a morte todos os anos.

No dia seguinte, quando eu estava sóbrio, tornei a pensar em nós três, e nos muitos paradoxos do tempo. Por exemplo: que, quando somos jovens e

sensíveis, também somos mais agressivos; mas quando o sangue começa a correr mais lento, quando os sentimentos ficam menos aguçados, quando criamos uma armadura e aprendemos a suportar o sofrimento, nós pisamos com mais cuidado. Hoje em dia eu poderia tentar irritar Veronica, mas jamais tentaria arrasar completamente com ela.

Pensando bem agora, não foi cruel da parte deles avisar-me que estavam juntos. Foi apenas a escolha do momento, e o fato de que Veronica parecia estar por trás da coisa toda. Por que eu tinha reagido com tanta virulência? Orgulho ferido, estresse pré-exame, isolamento? Tudo isso são desculpas. E, não, não era vergonha o que eu sentia agora, nem culpa. Era algo mais raro na minha vida e mais forte do que ambos: remorso. Um sentimento mais complicado, ácido, primitivo. Cujas principais características é que nada pode ser feito para consertar: já se passou tempo demais, já se causaram danos demais, para que se possa fazer algum conserto. Mesmo assim, quarenta anos depois, eu mandei um e-mail para Veronica pedindo perdão pela minha carta.

Então eu pensei mais em Adrian. Desde o início, ele tinha enxergado com mais clareza do que o resto de nós. Enquanto nós nos deleitávamos nas trevas da adolescência, imaginando que a nossa insatisfação rotineira fosse uma resposta original à condição humana, Adrian já estava olhando mais à frente e mais longe. Ele sentia a vida com mais clareza também — até mesmo, talvez parcialmente, quando chegou à conclusão de que ela não valia a pena. Comparado a ele, eu sempre fui um enrolado, incapaz de aprender muito com as poucas lições que a vida me deu. Na minha maneira de pensar, eu me preparei para a realidade da vida e me submeti às suas necessidades: se acontecer isto, faço aquilo, e assim os anos se passaram. Na maneira de pensar de Adrian, eu desisti da vida, desisti de examiná-la, aceitei-a como ela se apresentou. E assim, pela primeira vez, eu comecei a sentir um remorso mais geral — um sentimento que ficava entre a autopiedade e a autodepreciação — em relação a toda a minha vida. Toda ela. Eu tinha perdido os amigos da minha juventude. Eu tinha perdido o amor da minha esposa. Eu tinha abandonado as ambições que tivera. Eu tinha preferido não ser muito incomodado pela vida e tinha conseguido — e como isso era patético.

Mediano, isso era o que eu tinha sido, desde que terminei a escola. Mediano na universidade e no trabalho; mediano na amizade, lealdade, no amor; mediano, sem dúvida, no sexo. Houve uma pesquisa feita com motoristas britânicos alguns anos atrás revelando que 95% dos entrevistados

achavam que eram motoristas “melhores do que a média”. Mas, pela lei das probabilidades, a maioria de nós está destinada a ser mediana. Não que isto sirva de consolo. A palavra ficou ecoando. Mediano na vida; mediano na verdade; mediano moralmente. A primeira reação de Veronica quando me viu de novo foi comentar que eu tinha perdido cabelo. Isso não era nada.

O e-mail que ela mandou em resposta ao meu pedido de desculpas dizia: “Você simplesmente não entende, não é? Mas você nunca entendeu mesmo.” Eu não podia reclamar. Mesmo ao me ver desejando ridiculamente que ela tivesse usado o meu nome em uma de suas duas frases.

Eu imaginei como Veronica teria conseguido ficar com a minha carta. Será que Adrian tinha deixado as coisas dele para ela em testamento? Eu nem sabia se ele tinha feito um testamento. Talvez ele a tivesse guardado dentro do diário, e ela a tivesse encontrado lá. Não, eu não estava raciocinando com clareza. Se ela estivesse dentro do diário, a Sra. Ford a teria visto — e então ela com certeza não teria deixado quinhentas libras para mim.

Eu imaginei por que Veronica se dera ao trabalho de responder o meu e-mail, uma vez que ela parecia me desprezar completamente. Bem, talvez não fosse assim.

Eu imaginei se Veronica tinha castigado o irmão Jack por ele ter me dado o e-mail dela.

Eu imaginei se, tantos anos atrás, as palavras dela “Não parece certo” não foram apenas uma cortesia. Talvez ela não tivesse querido dormir comigo porque o contato sexual que tínhamos tido durante o tempo em que ela estava se decidindo não havia sido suficientemente prazeroso. Eu imaginei se eu teria sido desajeitado, agressivo, egoísta. Não se, mas como.

Margaret ouviu durante a quiche com salada, depois a pannacotta com coulis de frutas, enquanto eu descrevia meu contato com Jack, a página do diário de Adrian, o encontro na ponte, o conteúdo da minha carta e meu sentimento de remorso. Ela colocou de volta a xícara de café sobre o pires com um pequeno clique.

— Você não continua apaixonado pela Doida.

— Não, acho que não.

— Tony, isto não foi uma pergunta, foi uma afirmação.

Eu olhei com carinho para ela. Ela me conhecia melhor do que qualquer outra pessoa no mundo. E ainda assim estava disposta a almoçar comigo. E a me deixar falar sobre mim mesmo. Eu sorri para ela, de um jeito que ela sem dúvida conhecia muito bem.

— Qualquer dia desses vou surpreender você — disse.

— Você ainda me surpreende. Você fez isso hoje.

— Sim, mas eu quero surpreender você de uma forma que a faça pensar bem de mim e não mal.

— Eu não penso mal de você. Eu nem penso mal da Doida, embora eu admita que minha avaliação dela tenha sido sempre abaixo do nível do mar.

Margaret não é triunfalista; ela sabia também que não precisava dizer que eu tinha ignorado o conselho dela. Acho que ela gosta de ser uma ouvinte simpática, e também gosta de se lembrar por que está contente por não estar mais casada comigo. Eu não quero dizer com isso que ela seja arrogante. Só acho que é isso que acontece.

— Posso perguntar uma coisa para você?

— Você sempre pergunta — respondeu ela.

— Você me deixou por minha causa?

— Não — disse ela. — Eu deixei você por nossa causa.

Susie e eu nos damos bem, como eu tendo a repetir. E isso serve como uma declaração que eu faria sob juramento num tribunal de justiça. Ela tem 33, talvez 34 anos. Sim, 34. Nós não tivemos nenhuma briga desde que eu me sentei na primeira fila de uma sala forrada de madeira de uma repartição municipal e cumpri minha tarefa como testemunha. Eu me lembro de ter pensado na hora em que estava assinando o papel dando-a em casamento — ou, mais exatamente, passando adiante a responsabilidade por ela. Dever cumprido, única filha entregue sã e salva ao abrigo temporário do matrimônio. Agora tudo o que você tem a fazer é não ficar com Alzheimer e se lembrar de deixar para ela o dinheiro que tiver. E você podia tentar fazer melhor do que os seus pais e morrer quando o dinheiro for realmente útil para ela. Isso seria um bom começo.

Se Margaret e eu tivéssemos ficado juntos, me atrevo a dizer que poderia ter sido um avô mais amoroso. Não é nenhuma surpresa que Margaret seja mais útil. Susie não queria deixar as crianças comigo porque não achava que eu fosse capaz de cuidar delas, apesar de todas as fraldas que eu tinha trocado e outras coisas. “Você pode levar Lucas ao futebol quando ele for mais velho”, ela me disse uma vez. Ah, o vovô de olhos remelentos na arquibancada apresentando o rapazinho aos mistérios do futebol: como odiar as pessoas que usam camisas do outro time, como disfarçar um palavrão, como assoar o nariz para o chão. — Olha aqui, filho, aperte com força uma narina para fechá-la, depois faça o catarro explodir para fora da outra. Como

ser vaidoso e ganhar dinheiro demais e ter seus melhores anos de vida deixados para trás antes mesmo de ter compreendido o sentido da vida. Ah, sim, eu estou louco para levar Lucas ao futebol.

Mas Susie não percebe que eu não gosto do jogo — ou não gosto do que ele se tornou. Ela é prática com as emoções, a Susie. Saiu à mãe. Então as minhas emoções não interessam a ela. Ela prefere supor que eu tenho certos sentimentos e age de acordo com esta suposição. De certa forma, ela me culpa pelo divórcio. Assim: já que a mãe foi responsável por tudo, obviamente o pai foi culpado por tudo.

Será que o caráter se desenvolve com o tempo? Nos romances, é claro que sim: senão não haveria muita história para contar. Mas na vida? Eu às vezes tenho dúvidas. Nossas atitudes e opiniões mudam, nós desenvolvemos novos hábitos e excentricidades; mas isso é uma coisa diferente, mais como uma decoração. Talvez o caráter se pareça com a inteligência, só que o caráter alcança o seu ápice um pouco mais tarde: entre os vinte e os trinta, digamos. E, depois disso, somos obrigados a nos contentar com o que temos. Estamos por nossa conta. Se for assim, isso explicaria um bocado de vidas, não é? E também — se essa não for uma palavra grandiosa demais — a nossa tragédia.

*

“A questão da acumulação”, Adrian tinha escrito. Você põe dinheiro num cavalo, ele vence, e seus lucros vão para o próximo cavalo na próxima corrida, e assim por diante. Seus lucros se acumulam. Mas o mesmo acontece com as suas perdas? Não em corridas de cavalos — nelas, você simplesmente perde a sua aposta original. Mas na vida? Talvez aqui se apliquem regras diferentes. Você aposta num relacionamento, ele fracassa; você passa para outro relacionamento, ele fracassa também: e, talvez, o que você perca não sejam duas simples somas de números negativos, mas a multiplicação do que você apostou. Pelo menos, é essa a impressão que dá. A vida não é feita só de adição e subtração. Tem também a acumulação, a multiplicação de perdas, de fracassos.

O fragmento de Adrian também se refere à questão da responsabilidade: se há uma corrente nela, ou se nós restringimos mais o conceito. Eu sou a favor de restringi-lo. Desculpe, não, você não pode culpar os seus pais mortos, ou o fato de ter irmãos ou irmãs, ou de não os ter, ou os seus genes, ou a sociedade, ou seja lá o que for — não em circunstâncias normais. Comece com a ideia de que a responsabilidade é apenas sua a menos que haja

fortes evidências do contrário. Adrian era muito mais inteligente do que eu — ele usou a lógica enquanto eu usei o bom-senso —, mas acho que nós chegamos mais ou menos à mesma conclusão.

Não que eu consiga entender alguma coisa do que ele escreveu. Eu fiquei olhando para aquelas equações no diário dele sem entender quase nada. Mas nunca fui bom em matemática.

Eu não invejo a morte de Adrian, mas invejo a clareza de sua vida. Não só porque ele via, pensava, sentia e agia mais claramente do que o resto de nós; mas também por quando ele morreu. Não me refiro àquela baboseira da Primeira Guerra Mundial: “Abatido na flor da idade” — uma frase ainda repetida mecanicamente pelo nosso diretor na época do suicídio de Robson — e “Eles não envelhecerão como nós que ficamos aqui”. A maioria de nós não se importou de envelhecer. Isso é sempre melhor que a alternativa, na minha opinião. Não, o que eu quero dizer é que, quando você tem vinte anos, mesmo que você se sinta confuso e incerto a respeito dos seus objetivos, você tem um forte senso do que é a vida, e do que você é na vida, e pode vir a ser. Mais tarde... mais tarde há mais incerteza, mais sobreposição, mais retrocesso, mais falsas lembranças. Na juventude, conseguimos nos lembrar de toda a nossa curta vida. Mais tarde, a memória vira uma coisa feita de retalhos e remendos. É um pouco como a caixa preta que os aviões carregam para registrar o que acontece num desastre. Se nada der errado, a fita se apaga sozinha. Então, se você se arrebenta, o motivo se torna óbvio; se você não se arrebenta, então o registro da sua viagem é muito menos claro.

Ou, colocando de outra maneira. Alguém disse uma vez que seus períodos favoritos da história eram aqueles em que as coisas estavam desmoronando, porque isso significava que algo de novo estava surgindo. Será que isso faz algum sentido se nós aplicarmos às nossas vidas? Morrer quando alguma coisa nova está nascendo — mesmo que esta coisa nova seja o nosso próprio eu? Porque assim como toda mudança política e histórica mais cedo ou mais tarde decepciona, acontece o mesmo com a idade adulta. E com a vida. Às vezes eu acho que o objetivo da vida é nos reconciliar com sua perda irremediável vencendo nossas resistências, provando, por mais tempo que isto leve, que a vida não é tudo que tem a reputação de ser.

Imagine alguém, tarde da noite, um pouco bêbado, escrevendo uma carta para uma ex-namorada. Ele endereça o envelope, cola um selo, pega o casaco, vai até a caixa de correio, enfia a carta lá dentro, volta para casa e vai dormir. Provavelmente, ele não faria toda essa segunda parte, faria? Ele

deixaria a carta pronta para pôr no correio de manhã. E então, possivelmente, se arrependeria. Então há um bocado a ser dito a favor do e-mail, da sua espontaneidade, imediatismo, veracidade de sentimento, até mesmo suas gafes. Meu raciocínio — se esta não for uma palavra grandiosa demais para isso — foi o seguinte: por que acreditar na palavra de Margaret em relação ao assunto? — ela nem estava lá, e só pode ter seus pré-julgamentos. Então eu mandei um e-mail para Veronica. Eu o intitulei “Pergunta” e fiz a seguinte pergunta a ela: “Você acha que eu estava apaixonado por você naquela época?” Assinei com minha inicial e apertei Enviar antes que eu pudesse mudar de ideia.

A última coisa que eu esperava era uma resposta na manhã seguinte. Desta vez ela não tinha apagado o que eu escrevi na caixa de assunto. A resposta dela dizia: “Se você precisa perguntar, então a resposta é não. V.”

Talvez diga algo a respeito do meu estado de espírito o fato de eu ter achado esta resposta normal, na verdade encorajadora.

Talvez diga mais alguma coisa o fato de que minha reação tenha sido ligar para Margaret e contar a ela sobre a troca de e-mails. Fez-se um silêncio, então a minha ex-mulher disse calmamente: “Tony, você está por sua conta agora.”

Pode-se dizer de outra maneira, é claro; sempre se pode. Então, por exemplo, tem a questão do desprezo, e nossa resposta a ela. O irmão Jack me deu uma piscadela arrogante e, quarenta anos depois, eu uso o pouco de charme que tenho — não, não vamos exagerar; eu uso uma certa falsa cortesia — para obter informações dele. E então, instantaneamente, eu o traio. Meu desprezo em troca do seu desprezo. Mesmo que, eu agora admito, o que ele realmente sentia a meu respeito na época pudesse ser apenas uma bem-humorada falta de interesse. Lá vem o mais recente namorado da minha irmã — bem, houve um antes dele, e sem dúvida haverá outro em breve. Não há necessidade de examinar com muita atenção este espécime passageiro. Mas eu — *eu* — senti isso como sendo desprezo na época, lembrei do que senti e devolvi o sentimento.

E talvez com Veronica eu estivesse tentando fazer algo mais: não devolver seu desprezo, mas superá-lo. Você pode ver a atração disto. Porque reler aquela carta que escrevi, sentir sua crueldade e agressividade, foi um choque profundo e íntimo. Se ela não tivesse sentido desprezo por mim antes, fatalmente sentiria depois de Adrian ter mostrado a ela o que eu escrevi. E carregaria esse ressentimento ao longo dos anos e o usaria para justificar o

fato de não entregar, e até mesmo destruir, o diário de Adrian.

Eu estava dizendo, confiantemente, que a principal característica do remorso é que nada pode ser feito contra ele: que o tempo passou para desculpas ou reparações. Mas e se eu estiver errado? E se, de algum modo, o remorso puder refluir para o passado, ser transformado em simples culpa, a pessoa pedir desculpas e então ser perdoada? E se você puder provar que não era o cara mau que ela achou que você era, e ela estiver disposta a aceitar sua prova?

Ou talvez meu motivo viesse de uma direção inteiramente oposta, e não fosse sobre o passado e, sim, sobre o futuro. Como a maioria das pessoas, eu tenho superstições ligadas a viajar. Nós podemos saber que andar de avião é mais seguro do que andar até a loja da esquina. Mesmo assim, antes de viajar, eu faço coisas como pagar contas, colocar em dia a correspondência, telefonar para alguém próximo.

— Susie, vou viajar amanhã.

— Sim, eu sei, papai. Você me disse.

— Eu disse?

— Sim.

— Bem, só quero dizer até logo.

— Desculpe, papai, as crianças estão fazendo um barulhão. O que foi que você disse?

— Ah, nada, manda um beijo para elas.

Você está fazendo isso por você mesmo, é claro. Você quer deixar aquela última lembrança, e quer que ela seja uma lembrança agradável. Você quer ser bem lembrado — caso o seu avião seja exatamente aquele que é menos seguro do que andar até a loja da esquina.

E se é assim que nos comportamos antes de uma estada de cinco dias em Maiorca durante o inverno, então por que não haveria um processo mais amplo em funcionamento mais para o final da vida, quando a última viagem — a lenta passagem através das cortinas do crematório — estiver se aproximando? Não pense mal de mim, lembre-se de mim com carinho. Diga às pessoas que você gostava de mim, que você me amava, que eu não era um cara ruim. Mesmo que, quem sabe, nada disso fosse verdade.

Eu abri um velho álbum de retratos e contemplei a foto que ela pedira para eu tirar em Trafalgar Square. “Um retrato com os seus amigos.” Alex e Colin estão com expressões um tanto exageradas tipo “para ficar nos anais da história”, Adrian está sério como sempre, enquanto Veronica — eu nunca

notei isso antes — está um pouquinho virada para ele. Não está olhando para ele, mas também não está olhando para a câmera. Em outras palavras, não está olhando para mim. Eu tinha ficado com ciúmes naquele dia. Eu queria apresentá-la aos meus amigos, queria que ela gostasse deles e eles dela, embora, é claro, não mais do que gostavam de mim. O que pode ter sido uma expectativa juvenil, bem como irrealista. Então, quando ela começou a fazer perguntas a Adrian, eu fiquei emburrado; e quando, mais tarde, no bar do hotel, Adrian criticou o irmão Jack e seus amigos, eu me senti imediatamente melhor.

Eu pensei brevemente em procurar Alex e Colin. Imaginei pedir a eles suas lembranças e sua corroboração. Mas eles não tiveram um papel importante na história; eu não esperava que a memória deles fosse melhor do que a minha. E se a corroboração deles fosse o oposto de útil? Na verdade, Tony, acho que não vai fazer mal contar a verdade depois de tantos anos, mas Adrian sempre foi muito mordaz em relação a você pelas suas costas. Ah, que interessante. Sim, nós dois notamos isso. Ele disse que você não era nem tão bom nem tão inteligente quanto achava que era. Entendo; mais alguma coisa? Sim, ele disse que o modo como você deixava claro que se considerava o melhor amigo dele — pelo menos mais íntimo do que nós dois — era absurdo e incompreensível. Certo, só isso? Ainda não: qualquer um podia ver que a garota estava enrolando você até surgir alguém melhor. Você não notou como ela flertou com Adrian no dia em que fomos apresentados a ela? Nós dois ficamos bastante chocados com isso. Ela praticamente enfiou a língua na orelha dele.

Não, eles não iriam ajudar em nada. E a Sra. Ford estava morta. E o irmão Jack estava fora de cena. A única testemunha possível, a única pessoa que poderia confirmar os fatos, era Veronica.

Eu disse que queria irritá-la, não disse? Existe uma expressão esquisita para isso, “entrar debaixo de sua pele”, que sempre me faz pensar na maneira de Margaret assar um frango. Ela soltava delicadamente a pele do peito e das coxas, depois passava manteiga e ervas por baixo. Estragão, provavelmente. Talvez um pouco de alho também, não tenho certeza. Eu nunca experimentei essa receita, nem na época e nem depois; meus dedos são muito desajeitados, e eu os imagino rasgando a pele.

Margaret me falou do modo francês de fazer isso que é ainda mais rebuscado. Eles colocam pedaços de trufas pretas debaixo da pele — e sabe como eles chamam este prato? Frango de Meio Luto. Suponho que a receita

seja do tempo em que as pessoas usavam apenas preto por alguns meses, cinza por mais alguns meses, e só voltavam a usar cores vivas aos poucos. Luto fechado, meio luto, um quarto de luto. Eu não sei se esses eram os termos, mas sei que a gradação da roupa era bem definida. Hoje em dia, quanto tempo as pessoas usam luto? Meio dia na maioria dos casos — apenas o tempo que durar o funeral ou a cremação e os drinques depois.

Desculpe, eu saí um pouco do assunto. Eu queria irritá-la, foi isso que eu disse, não foi? Será que eu quis dizer isso, ou uma outra coisa? “I’ve Got You Under My Skin” — essa é uma canção de amor, não é?

Eu não quero culpar Margaret de jeito nenhum. Nem um pouquinho. Mas, falando bem claramente, se eu estava por minha conta, então quem tinha sobrado? Hesitei alguns dias antes de mandar um novo e-mail para Veronica. Nele, eu perguntei sobre os pais dela. O pai ainda estava vivo? A morte da mãe dela tinha sido tranquila? Eu acrescentei que, embora só os tivesse encontrado uma vez, guardava boas lembranças. Bem, isso era 50% verdade. Eu não entendi realmente por que estava fazendo aquelas perguntas. Suponho que eu quisesse fazer algo normal, ou pelo menos fingir que algo era normal mesmo que não fosse. Quando se é jovem — quando eu era jovem — queremos que nossas emoções sejam iguais às que lemos nos livros. Queremos que elas transformem nossa vida, criem e definam uma nova realidade. Mais tarde, eu acho, queremos que elas façam algo mais suave, mais prático: desejamos que elas sustentem nossa vida como ela é e se tornou. Queremos que elas digam que as coisas estão bem. E há algo de errado nisso?

A resposta de Veronica foi uma surpresa e um alívio. Ela não tratou as minhas perguntas como impertinentes. Foi quase como se ela tivesse ficado feliz por eu perguntar. O pai dela tinha morrido havia mais de 35 anos. Ele tinha passado a beber cada vez mais; o resultado foi que teve câncer no esôfago. Eu parei ao ler isso, sentindo-me culpado porque minhas últimas palavras para Veronica na ponte Wobbly tinham sido palavras irreverentes sobre alcoólatras carecas.

Depois da morte dele, a mãe tinha vendido a casa em Chislehurst e se mudado para Londres. Ela fez cursos de arte, passou a fumar e aceitava inquilinos, mesmo tendo ficado com uma boa pensão. Estava bem de saúde até mais ou menos um ano atrás, quando sua memória começou a falhar. Suspeitaram de um pequeno derrame. Então ela começou a colocar o chá na geladeira e os ovos na cesta de pão, esse tipo de coisa. Uma vez ela quase

incendiou a casa porque deixou um cigarro aceso. Ela permaneceu alegre durante todo esse tempo, até que de repente teve uma queda brusca. Os últimos meses foram muito difíceis, e a morte dela não foi nada tranquila, embora tenha sido uma bênção.

Reli diversas vezes esse e-mail. Eu estava procurando armadilhas, ambiguidades, insultos implícitos. Não havia nada disso — a menos que a franqueza pudesse ser uma armadilha. Era uma história comum, triste — bastante conhecida — e contada de forma simples.

*

Quando você começa a esquecer as coisas — não estou falando de Alzheimer, só da consequência previsível do envelhecimento — há maneiras diferentes de reagir. Você pode parar tudo e ficar tentando forçar sua memória a fornecer o nome daquele conhecido, flor, estação de trem, astronauta... Ou você admite o fracasso e toma medidas práticas como consultar uma enciclopédia e a internet. Ou você pode simplesmente deixar para lá — esquecer de lembrar — e então às vezes você percebe que o fato esquecido volta à superfície uma hora ou um dia depois, normalmente durante aquelas longas noites em claro que a idade impõe. Bem, nós todos aprendemos isso, aqueles de nós que esquecem coisas.

Mas aprendemos também uma outra coisa: que o cérebro não gosta de ser tipificado. Quando você acha que tudo é uma questão de decréscimo, de subtração e divisão, o seu cérebro, a sua memória, podem surpreender você. Como se estivessem dizendo: não imagine que você pode confiar em algum processo confortável de declínio gradual — a vida é *muito* mais complicada do que isso. E então o cérebro atira migalhas para você de vez em quando, e até desata aqueles famosos nós da memória. Foi isso que eu vi, consternado, acontecer comigo. Eu comecei a me lembrar, sem nenhuma ordem específica ou sentido de importância, de detalhes há muito enterrados daquele distante fim de semana com a família Ford. Meu quarto no sótão tinha uma vista dos telhados até a mata; lá embaixo eu podia ouvir um relógio marcando a hora com exatamente cinco minutos de atraso. A Sra. Ford jogou o ovo cozido quebrado na lata de lixo com um ar de preocupação — com ele, não comigo. O marido tentou me fazer tomar um conhaque depois do jantar e, quando recusei, ele perguntou se eu era um homem ou um rato. Irmão Jack se dirigia à Sra. Ford como “a Mãe”, como por exemplo em “Quando a Mãe acha que vai ter comida para a tropa faminta?”. E na segunda noite, Veronica fez mais do que subir até o quarto comigo. Ela disse “Eu vou levar o Tony para o

quarto dele”, e pegou minha mão na frente da família. Irmão Jack disse: “E o que a Mãe acha disso?” Mas a Mãe simplesmente sorriu. Meu boa-noite para a família naquela noite foi apressado e eu senti uma ereção chegando. Nós subimos devagar até o meu quarto, onde Veronica me empurrou contra a porta, me beijou na boca e disse no meu ouvido: “Durma o sono dos maus.” E aproximadamente quarenta segundos depois, eu me lembro agora, eu estava me masturbando no pequeno lavatório e deixando escorrer o meu esperma pelos canos da casa.

Impulsivamente digitei Chislehurst no Google. E descobri que nunca houve uma igreja de St. Michael na cidade. Então o passeio guiado do Sr. Ford deve ter sido fantasioso — alguma piada particular, ou uma forma de me enganar. Duvido muito que houvesse um Café Royal também. Depois fui para o Google Earth e dei um zoom para varrer a cidade. Mas a casa que eu estava procurando parecia não existir mais.

Numa outra noite, eu me permiti mais um drinque, liguei meu computador e cliquei na única Veronica que tinha na minha lista de contatos. Sugeri que nos encontrássemos de novo. Pedi desculpas por qualquer coisa que eu pudesse ter feito para dificultar as coisas na ocasião anterior. Garanti que não queria falar sobre o testamento da mãe dela. Isso era mesmo verdade; embora só quando escrevi essa última frase foi que percebi que mal tinha pensado em Adrian e no diário dele nos últimos dias.

“Trata-se de fechar um ciclo?”, veio a resposta dela.

“Não sei”, escrevi de volta. “Mas não pode fazer mal, pode?”

Ela não respondeu a pergunta, mas na hora eu não notei ou não liguei.

Não sei por quê, mas uma parte minha achou que ela iria sugerir encontrar-se comigo de novo na ponte. Ou lá ou em algum lugar aconchegante e promissora pessoalmente: um pub esquecido, um restaurante sossegado, até mesmo o bar do Charing Cross Hotel. Ela escolheu a brasserie no terceiro andar do John Lewis na Oxford Street.

Na verdade, isso tinha seu lado conveniente: eu precisava de alguns metros de corda para consertar uma persiana, de limpador de chaleira e daqueles remendos que você gruda com ferro de passar no lado do avesso da calça quando o joelho rasga. É difícil achar essas coisas aqui por perto: onde eu moro, a maioria das lojinhas que vendiam essas utilidades se transformaram em cafés ou imobiliárias.

No trem a caminho da cidade, havia um moça sentada em frente a mim, usando fones de ouvido, os olhos fechados, isolada do mundo, balançando a

cabeça no ritmo de uma música que só ela podia ouvir. E, de repente, uma lembrança me vem à mente: de Veronica dançando. Sim, ela não dançava — foi isso que eu disse —, mas houve uma noite no meu quarto em que ela ficou toda assanhada e começou a mexer nos meus discos de música pop.

— Ponha um desses e deixa eu ver você dançar — disse ela.

Eu sacudi a cabeça. — É preciso dois para dançar.

— Tudo bem, você me mostra como é e eu danço junto.

Então eu coloquei vários 45 na vitrola, me aproximei dela, sacudi os ombros para soltar o esqueleto, semicerrei os olhos, como se estivesse respeitando a privacidade dela, e comecei. Comportamento masculino básico da época, determinadamente individualista, mas na realidade dependente de uma estrita imitação das normas vigentes: a cabeça balançando e os pés se movendo velozmente, os ombros sacudindo e a pélvis se projetando para a frente, tudo isso acompanhado de braços erguidos com entusiasmo e gemidos ocasionais. Passado um tempinho, eu abri os olhos, esperando que ela estivesse ainda sentada no chão e rindo de mim. Mas lá estava ela, pulando de um jeito que me fez desconfiar que ela tivera aulas de balé, o cabelo cobrindo o rosto e as barrigas das pernas retesadas. Eu fiquei olhando um pouco para ela, sem saber se estava me imitando ou se estava realmente se divertindo ao som dos Moody Blues. Na verdade, eu não estava ligando — eu estava me divertindo e me sentindo um tanto vitorioso. Isto continuou por algum tempo; depois cheguei mais perto dela quando a canção de Jack Miller, “From a Jack to a King”, foi substituída por “Elusive Butterfly” na voz de Bob Lind. Mas ela não notou e, girando, me deu um encontrão e quase perdeu o equilíbrio. Eu a segurei e abracei.

— Está vendo, não é difícil.

— Ah, eu nunca achei que fosse difícil — respondeu ela. — Bom. Sim. Obrigada — disse ela formalmente, depois tornou a sentar no chão. — Continue, se quiser. Para mim já está mais do que suficiente.

Mesmo assim, ela havia dançado.

Eu fiz minhas compras nos departamentos de miudezas, de cozinha e de cortinas, depois fui para a brasserie. Eu estava dez minutos adiantado, mas é claro que Veronica já estava lá, de cabeça baixa, lendo, confiante de que eu a encontraria. Quando larguei as sacolas, ela ergueu os olhos e sorriu de leve. Eu pensei: você não está parecendo tão acabada e descabelada, afinal de contas.

— Eu ainda estou careca — disse.

Ela se apegou a um quarto de sorriso.

— O que você está lendo?

Ela virou a capa do livro para eu ver. Alguma coisa de Stefan Zweig.

— Então você finalmente chegou ao final do alfabeto. Não pode restar ninguém depois dele. — Por que eu estava nervoso de repente? Eu estava falando como um garoto de vinte anos outra vez. Além disso, eu não tinha lido nada de Stefan Zweig.

— Eu vou querer a massa — disse ela.

Bem, pelo menos isso não era um passa-fora.

Enquanto eu examinava o cardápio, ela continuou lendo. A mesa dava para um zigue-zague de escadas rolantes. Pessoas subindo, pessoas descendo; todo mundo comprando alguma coisa.

— No trem, eu estava lembrando quando você dançou. No meu quarto. Em Bristol.

Eu achei que ela fosse me contradizer, ou se ofender por algum motivo indecifrável. Mas ela disse apenas: — Não sei por que você se lembrou disso. — E com este momento de corroboração, eu comecei a sentir minha confiança voltando. Ela estava mais bem-vestida desta vez; seu cabelo estava sob controle e parecia menos grisalho. Ela conseguia parecer, aos meus olhos, alguém de vinte e sessenta anos ao mesmo tempo.

— Então, como foi que os últimos quarenta anos trataram você? — perguntei.

Ela olhou para mim. — Você primeiro.

Contei-lhe a história da minha vida. A versão que conto a mim mesmo, o relato que se sustenta. Ela perguntou sobre “aqueles seus dois amigos que eu conheci”, sem, ao que pareceu, ser capaz de lembrar dos nomes deles. Eu disse que tinha perdido contato com Colin e Alex. Então contei sobre Margaret e Susie e sobre ser avô, enquanto tentava afastar da minha cabeça a voz de Margaret sussurrando: “Como vai a Doida?” Falei da minha vida profissional, da minha aposentadoria, de me manter ocupado e das viagens que fazia durante o inverno — este ano eu estava pensando em São Petersburgo na neve para variar... eu tentei parecer contente com a minha vida, mas não complacente. Eu estava no meio da descrição dos meus netos quando ela levantou os olhos, tomou o café de um gole só, pôs algum dinheiro em cima da mesa e se levantou. Eu comecei a me preparar para sair quando ela disse: — Não, fica aí e termina o seu café.

Eu estava decidido a não fazer nada que pudesse ofendê-la, então tornei

a me sentar.

— Bem, agora é sua vez — disse. Querendo dizer: de contar a vida dela.

— Minha vez de quê? — perguntou ela, mas foi embora antes que eu pudesse responder.

Sim, eu sabia o que ela fez. Ela conseguira passar uma hora na minha companhia sem revelar um único fato, muito menos um segredo, sobre si mesma. Onde morava e como, se vivia com alguém, ou se tinha filhos. No dedo anular da mão esquerda usava um anel de vidro vermelho, que era tão enigmático quanto o resto dela. Mas não me importei; na verdade, me vi reagindo como se tivesse ido a um primeiro encontro com alguém e escapado sem ter feito nada catastrófico. Mas é claro que não foi nada disso. Depois de um primeiro encontro, você não se senta num trem e vê sua cabeça inundada com a verdade esquecida sobre a vida sexual de vocês dois quarenta anos antes. O quanto um tinha se sentido atraído pelo outro; como ela parecia leve no meu colo; como sempre foi tão excitante; como, embora nós não estivéssemos fazendo “sexo completo”, todos os elementos dele — o desejo, a ternura, a sinceridade, a confiança — estavam lá. E como uma parte minha não tinha se importado de não “ir até o fim”, não tinha ligado para os arroubos apocalípticos de masturbação depois de deixá-la em casa, não tinha ligado para o fato de dormir na cama de solteiro apenas com as lembranças e uma nova ereção. Esta aceitação de menos do que os outros tinham se devia também ao medo, é claro: medo de uma gravidez, medo de dizer ou fazer a coisa errada, medo de uma intimidade opressiva com a qual eu não soubesse lidar.

A semana seguinte foi muito calma. Consertei minha persiana, limpei a chaleira, remendei o rasgão numa velha calça jeans. Susie não ligou. Margaret, eu sabia, ia ficar calada a menos que eu entrasse em contato com ela. E então o que ela esperava? Que eu me desculpasse, rastejasse? Não, ela não era punitiva; ela sempre aceitara um sorriso arrependido da minha parte como reconhecimento de sua sabedoria superior. Mas esse talvez não fosse o caso desta vez. De fato, talvez eu passasse algum tempo ser ver Margaret. Uma parte minha se sentia meio culpado em relação a ela. A princípio não consegui entender isto: ela é que tinha me dito que agora eu estava por minha conta. Mas então me lembrei de uma coisa que tinha acontecido muito tempo atrás, nos primeiros anos do nosso casamento. Um cara do trabalho deu uma festa e me convidou; Margaret não quis ir. Eu flertei com uma garota e ela flertou comigo. Bem, foi mais do que um flerte — embora ficasse muito

abaixo de até mesmo um infrassexo —, mas eu pus um fim naquilo assim que fiquei sóbrio. Entretanto, o episódio me fez sentir excitação e culpa em proporções iguais. E agora, percebi, eu estava sentindo a mesma coisa. Eu levei algum tempo para entender isso. No fim, eu disse a mim mesmo: hum-hum, então você está se sentindo culpado em relação à sua ex-mulher, que se divorciou de você vinte anos atrás, e excitado com uma ex-namorada que não via fazia quarenta anos. Quem disse que a vida não reservava mais surpresas?

Eu não queria pressionar Veronica. Achei melhor esperar que ela entrasse em contato desta vez. Eu verificava meus e-mails com uma certa assiduidade. É claro que não estava esperando uma grande efusão, mas alimentava uma certa esperança de receber, quem sabe, uma mensagem cortês dizendo que tinha sido agradável se encontrar comigo depois de tantos anos.

Bem, talvez não tivesse sido. Talvez ela tivesse viajado. Talvez seu servidor tivesse pifado. Quem foi que disse aquilo sobre a eterna esperança do coração humano? Sabe essas histórias que você lê de vez em quando sobre o que os jornais costumam chamar de “amor que floresce tardiamente”? Normalmente sobre um casal de velhos num asilo? Ambos viúvos, mostrando as dentaduras num sorriso e com as mãos artríticas entrelaçadas? Geralmente eles ainda falam com o que parece a linguagem inadequada do amor da juventude. “Assim que pus os olhos nele/nela, eu soube que ele/ela era a pessoa certa para mim” — esse tipo de coisa. Uma parte minha sempre fica comovida e quer aplaudir; mas uma outra parte se sente desconfiada e confusa. Por que passar por isso de novo? Não conhecemos a regra: gato escaldado tem medo de água fria? Mas agora eu me vejo revoltado contra meu próprio... o quê? Convencionalismo, falta de imaginação, expectativa de decepção? Além disso, eu pensei, eu ainda tenho meus próprios dentes.

Naquela noite, um grupo foi a Minsterworth em busca da Severn Bore. Veronica estava ao meu lado. Meu cérebro deve ter apagado isso da memória, mas agora eu tinha certeza. Ela estava lá comigo. Nós nos sentamos numa manta úmida na margem úmida do rio, de mãos dadas; ela havia levado uma garrafa de chocolate quente. Tempos inocentes. O luar iluminou a onda quando ela se aproximou. Os outros gritaram de alegria quando ela chegou, e saíram gritando atrás dela, perseguindo-a no meio da noite numa confusão de lanternas se cruzando. Sozinhos, eu e ela comentamos que às vezes coisas impossíveis acontecem, coisas em que não teríamos acreditado se não tivéssemos visto com nossos próprios olhos. Nós estávamos pensativos,

melancólicos até, mais do que extasiados.

Pelo menos, é assim que me lembro disso agora. Embora se você me colocasse num tribunal eu duvido que me saísse muito bem ao ser interrogado. “E no entanto o senhor alega que esta lembrança esteve bloqueada por quarenta anos?” “Sim.” “E só voltou à sua mente recentemente?” “Sim.” “O senhor é capaz de explicar por que ela voltou?” “Não.” “Então, permita-me sugerir, Sr. Webster, que este suposto incidente é uma criação da sua imaginação que tem por objetivo justificar alguma ligação romântica que o senhor parece ter estabelecido com minha cliente, uma pretensão que, o tribunal precisa saber, minha cliente considera inteiramente repugnante.” “Sim, talvez. Mas...” “Mas o quê, Sr. Webster?” “Mas nós não amamos muitas pessoas na vida. Uma, duas, três? E às vezes não reconhecemos isso até ser tarde demais. Só que não é, necessariamente, tarde demais. O senhor leu aquela história sobre o amor florescendo tardiamente num asilo de velhos em Barnstaple?” “Ah, por favor, Sr. Webster, poupe-nos de suas elucubrações sentimentais. Isto aqui é um tribunal, que lida com fatos. Quais são exatamente os fatos no caso?”

Eu só pude responder que acho — por hipótese — que alguma coisa — alguma outra coisa — acontece com a memória ao longo do tempo. Durante anos você sobrevive com as mesmas sequências, os mesmos fatos e emoções. Eu aperto um botão marcado Margaret ou Veronica, a fita corre, a mesma coisa de sempre aparece. Os eventos reconfirmam as emoções — ressentimento, uma sensação de injustiça, alívio — e vice-versa. Não parece haver um jeito de acessar outra coisa; o caso está encerrado. É por isso que você busca corroboração, mesmo que acabe sendo contradição. Mas e se, mesmo num período tardio, suas emoções acerca daqueles fatos e pessoas do passado mudarem? Aquela feia carta que eu escrevi provocou remorso em mim. O relato de Veronica a respeito da morte dos seus pais — sim, até mesmo do pai — tinha me tocado mais do que eu teria imaginado possível. Eu senti uma nova afinidade em relação a eles, e a ela. Então, pouco tempo depois, comecei a me lembrar de coisas esquecidas. Não sei se existe uma explicação científica para isso — que tenha a ver com novos estados afetivos reabrindo vias neurais bloqueadas. Só o que posso dizer é que isso aconteceu, e eu fiquei atônito.

Então, apesar do advogado fazendo perguntas em minha cabeça, eu passei um e-mail para Veronica e sugeri um novo encontro. Pedi desculpas por ter monopolizado tanto a conversa. Queria saber mais a respeito da vida e

da família dela. Eu teria que ir a Londres algum dia nas próximas semanas. Ela concordaria com a mesma hora e o mesmo lugar?

Como é que, antigamente, as pessoas conseguiam aguentar quando as cartas custavam tanto para chegar? Suponho que três semanas esperando pelo carteiro deviam se igualar a três dias esperando por um e-mail. Quanto tempo podem parecer três dias? Tempo suficiente para você se sentir gratificado. Veronica não tinha nem mesmo apagado o meu assunto — “Olá de novo?” —, o que agora me parecia bastante simpático. Mas ela não deve ter ficado ofendida, porque estava concordando em se encontrar comigo dali a uma semana, às cinco da tarde, numa estação de metrô que eu não conhecia, no norte de Londres.

Eu achei isso empolgante. Quem não acharia? Realmente, não era nada do tipo, “Traga uma muda de roupas e o seu passaporte”, mas você chega numa etapa da vida em que as variações parecem extremamente limitadas. Mais uma vez, meu instinto foi ligar para Margaret; depois pensei melhor e desisti. De qualquer maneira, Margaret não gosta de surpresas. Ela era — é — uma pessoa que gosta de planejar as coisas. Antes de termos Susie, ela costumava monitorar seu ciclo fértil e sugerir quando seria mais propício fazer sexo. O que ou me deixava num estado de expectativa ansiosa ou — quase sempre — tinha o efeito oposto. Margaret jamais marcaria um encontro misterioso com você numa linha distante do metrô. Era muito mais provável que marcasse um encontro debaixo do relógio da estação de Paddington por uma razão bem específica. Não que eu não quisesse viver minha vida assim na época, entenda.

Eu passei uma semana tentando libertar novas lembranças de Veronica, mas não surgiu nada. Talvez eu estivesse tentando demais, pressionando demais o meu cérebro. Então, em vez disso, revi as lembranças que tinha, as imagens muito antigas e as recém-chegadas. Eu as coloquei contra a luz, revirando-as em meus dedos, tentando ver se elas agora significavam algo diferente. Comecei a reexaminar o meu eu mais jovem, até onde é possível fazer isso. É claro que eu tinha sido estúpido e ingênuo — todos nós somos; mas eu sabia que não devia exagerar estas características, porque isso é apenas um modo de você elogiar a si mesmo por aquilo que você se tornou. Eu tentei ser objetivo. A versão do meu relacionamento com Veronica, a que eu tinha carregado comigo durante anos, era a que eu tinha precisado na época. O jovem coração traído, o jovem corpo usado como brinquedo, o jovem ser social tratado com condescendência. O que o Velho Joe Hunt tinha

respondido quando eu afirmei arrogantemente que a história era feita das mentiras dos vitoriosos? “Desde que você se lembre de que ela é feita também das ilusões dos derrotados.” Será que nos lembramos suficientemente disso quando se trata de nossa vida pessoal?

Os que negam o tempo dizem: quarenta anos não são nada, aos cinquenta você está na flor da idade, sessenta são os novos quarenta, e assim por diante. Eu sei de uma coisa: que existe o tempo objetivo, mas que também existe o tempo subjetivo, do tipo que usamos na face interna do pulso, perto do lugar onde se medem as pulsações. E este tempo pessoal, que é o verdadeiro tempo, é medido na sua relação com a memória. Então, quando esta coisa estranha aconteceu — quando estas novas lembranças surgiram de repente em minha mente —, foi como se, naquele momento, o tempo tivesse sido colocado em marcha a ré. Como se, por um momento, o rio corresse contra a corrente.

É claro que eu estava muito adiantado, então saltei do trem uma parada antes e me sentei num banco para ler um jornal gratuito. Ou, pelo menos, fiquei olhando para ele. Depois tomei um trem para a estação seguinte, onde uma escada rolante me levou até um saguão de venda de bilhetes numa parte de Londres desconhecida para mim. Quando passei pela grade, avistei imediatamente uma forma e uma postura familiares. Imediatamente, ela se virou e saiu andando. Eu a segui pela rua, passando por um ponto de ônibus, e ela entrou numa rua lateral e abriu a porta de um carro. Eu entrei no lado do carona e olhei para ela. Ela já estava ligando o motor.

— Que engraçado. Eu também tenho um Polo.

Ela não respondeu. Eu não devia ter ficado surpreso. Pelo meu conhecimento e lembrança dela, mesmo bastante obsoletos, conversar em automóveis jamais seria a preferência de Veronica. Também não era a minha — embora eu não fosse bobo de dizer isso.

A tarde ainda estava quente. Eu abri o vidro da janela. Ela olhou para mim de cara feia. Eu fechei o vidro. Tudo bem, eu disse para mim mesmo.

— Outro dia eu estava pensando naquela vez que vimos a Severn Bore.

Ela não respondeu.

— Você se lembra disso? — Ela sacudiu negativamente a cabeça. — Não mesmo? Havia um grupo de gente, lá em Minsterworth. Havia uma lua e...

— Dirigindo — disse ela.

— Tudo bem. — Se era assim que ela queria. Afinal de contas, a

expedição era dela. Então eu olhei pela janela. Lojas de artigos de conveniência, restaurantes baratos, uma loja de apostas, uma fila de pessoas diante de um caixa eletrônico, mulheres com pedaços de carne jorrando das dobras de suas roupas, um monte de lixo, um maluco gritando, uma mãe obesa com três filhos obesos, rostos de todas as raças: uma rua de uso generalizado, tipicamente londrina.

Após alguns minutos, chegamos a um trecho mais elegante: casas não geminadas, jardins na frente, uma colina. Veronica dobrou uma esquina e estacionou. Eu pensei: OK, você é que está no comando — vou esperar pelas regras, quaisquer que sejam. Mas uma parte de mim pensou também: foda-se, eu não vou parar de ser eu mesmo só porque você está de volta ao estado de espírito que demonstrou na ponte Wobbly.

— Como vai o irmão Jack? — perguntei animadamente. Ela não ia poder responder “Dirigindo” a essa pergunta.

— Jack é Jack — respondeu ela, sem olhar para mim.

Bem, isso é filosoficamente autoevidente, como costumávamos dizer no tempo de Adrian.

— Você se lembra...

— Esperando — interrompeu ela.

Bem, bem, eu pensei. Primeiro encontrar, depois dirigir, agora esperar. O que vem em seguida? Fazer compras, cozinhar, comer e beber, acariciar, masturbar e foder? Eu duvidava muito. Mas ali sentados lado a lado, um homem careca e uma mulher descabelada, eu compreendi o que deveria ter percebido imediatamente. De nós dois, Veronica era quem estava mais nervosa. E embora eu me sentisse nervoso por causa dela, ela claramente não estava nervosa por minha causa. Eu era apenas um fator secundário. Mas por que eu era necessário?

Eu fiquei esperando. Fiquei com pena de ter deixado aquele jornal gratuito no trem. Imaginei por que não tinha ido de carro até lá. Provavelmente porque não sabia quais seriam as restrições de estacionamento na área. Eu estava com sede. Também estava com vontade de urinar. Eu baixei o vidro da janela. Desta vez, Veronica não reclamou.

— Olha.

Eu olhei. Um pequeno grupo de pessoas vinha andando pela calçada na direção do meu lado do carro. Eu contei cinco pessoas. Na frente estava um homem que, apesar do calor, usava camadas de lã grossa, inclusive um colete e uma espécie de boné de caça. Seu paletó e seu chapéu estavam cobertos de

distintivos de metal, uns trinta ou quarenta deles, alguns brilhando ao sol; havia uma corrente de relógio pendurada entre os bolsos do seu colete. A expressão dele era alegre: ele parecia alguém com uma função obscura num circo ou num parque de diversões. Atrás dele vinham dois homens: o primeiro tinha um bigode preto e mancava; o segundo era pequeno e malformado, com um ombro bem mais alto do que o outro — ele parou para cuspir num jardim. E atrás deles havia um cara alto e retardado, segurando a mão de uma mulher gorda com traços indianos.

— Pub — disse o homem de bigode quando se aproximaram do carro.

— Não, pub não — respondeu o homem com os distintivos.

— Pub — insistiu o primeiro homem.

— Loja — disse a mulher.

Todos falavam muito alto, como crianças que tivessem acabado de sair da escola.

— Loja — repetiu o homem torto, cuspidando numa cerca.

Eu estava olhando com toda a atenção, porque tinha sido instruído a fazer isso. Eles deviam ter, todos, entre trinta e cinquenta anos, eu acho, mas ao mesmo tempo tinham uma espécie de aparência fixa, sem idade definida. E também uma óbvia timidez, enfatizada pelo modo como o casal de trás caminhava, de mãos dadas. Aquilo não parecia um gesto amoroso, mas, sim, uma defesa contra o mundo. Eles passaram a poucos passos de nós, sem olhar para o carro. Alguns metros atrás vinha um jovem de short e camiseta; não pude perceber se ele os estava acompanhando ou se não tinha nada a ver com eles.

Houve um longo silêncio. Claramente, eu ia ter que fazer todo o trabalho.

— E então?

Ela não respondeu. Talvez a pergunta tivesse sido genérica demais.

— O que há de errado com eles?

— O que há de errado com você?

Essa não me pareceu ser uma resposta relevante, apesar do tom ressentido. Então eu insisti: — Aquele cara mais jovem estava com eles?

Silêncio.

— Eles são de algum programa de assistência comunitária ou algo assim?

Minha cabeça bateu no apoio do banco quando Veronica soltou subitamente o freio de mão. Ela avançou um ou dois quarteirões, acelerando

e desacelerando o carro. Sua mudança de marcha, ou a falta dela, era terrível. Isso durou uns quatro minutos, então ela estacionou, subindo com uma das rodas na calçada e depois tornando a descer.

Eu me vi pensando: Margaret sempre foi uma boa motorista. Não apenas cuidadosa, mas que tratava bem do carro. Quando eu aprendi a dirigir, meu instrutor explicou que quando você muda de marcha deve lidar com a embreagem e a alavanca de câmbio de uma forma delicada e imperceptível, de modo que a cabeça do seu passageiro não balance nem um centímetro sobre o pescoço. Eu tinha ficado muito impressionado com isso e costumava prestar atenção nisso quando andava com outras pessoas dirigindo. Se eu vivesse com Veronica, ia ter que ir ao osteopata toda semana.

— Você simplesmente não entende, não é? Nunca entendeu e nunca entenderá.

— Você não está exatamente me ajudando a entender.

Então eu os vi — quem quer que fossem eles — vindo na minha direção. Por isso a manobra: para passar a frente deles de novo. Nós estávamos ao lado de uma loja e de uma lavanderia, com um pub do outro lado da rua. O homem com os distintivos — “pregoeiro” era a palavra que eu estava procurando, o cara agitado na entrada de um parque de diversões que anima você a entrar para ver a mulher barbada ou o panda de duas cabeças — ainda estava na frente. Os outros quatro estavam agora ao redor do rapaz de short, então ele devia estar com eles. Devia ser algum tipo de cuidador. Eu o ouvi dizer: — Não, Ken, nada de pub hoje. Pub é na sexta-feira à noite.

— Sexta — repetiu o homem de bigode.

Eu percebi que Veronica tinha tirado o cinto e estava abrindo a porta. Quando comecei a fazer o mesmo, ela disse, “Fique!”, como se eu fosse um cachorro.

A discussão pub versus loja ainda estava ocorrendo quando um deles notou a presença de Veronica. O homem de roupa de lã tirou o chapéu e o segurou contra o coração, depois fez uma reverência. O cara torto começou a saltar no mesmo lugar. O cara desengonçado soltou a mão da mulher. O cuidador sorriu e estendeu a mão para cumprimentar Veronica. Num instante ela estava cercada por eles. A mulher indiana agora estava segurando a mão de Veronica, e o homem que queria ir ao pub estava com a cabeça encostada no ombro dela. Ela não parecia se importar nem um pouco com essa atenção. Eu a vi sorrir pela primeira vez naquela tarde. Tentei ouvir o que eles estavam dizendo, mas havia vozes demais falando ao mesmo tempo. Então eu

vi Veronica se virar e a ouvi dizer: — Tchau.

— Tchau — repetiram dois ou três.

O cara torto deu mais alguns pulos no mesmo lugar, o desengonçado abriu um sorriso apatetado e gritou: “Tchau, Mary!” Eles começaram a segui-la até o carro, então me viram no banco do carona e pararam na mesma hora. Quatro deles começaram a acenar freneticamente, enquanto o homem vestido de lã se aproximou corajosamente do carro. Ele ainda estava com o chapéu apertado contra o coração. Ele estendeu a outra mão pela janela do carro e eu a sacudi.

— Nós vamos até a loja — disse-me ele formalmente.

— O que vocês vão comprar? — perguntei com igual solenidade.

Isso o pegou desprevenido, e ele pensou um pouco.

— Coisas que precisamos — respondeu ele finalmente. Ele balançou a cabeça e acrescentou: — Artigos indispensáveis.

Então ele fez aquela sua reverência formal, virou-se e pôs o chapéu de volta na cabeça.

— Ele parece ser um cara muito simpático — comentei.

Mas ela estava passando a marcha com uma das mãos e acenando com a outra. Eu notei que ela estava suando. Sim, o dia estava quente, mas mesmo assim.

— Eles ficaram todos muito contentes em ver você.

Eu vi que ela não ia responder a nada que eu dissesse. E que ela estava furiosa — certamente comigo, mas consigo mesma também. Eu não posso dizer que achei que tivesse feito alguma coisa errada. Eu já ia abrir a boca quando vi que ela estava indo na direção de uma lombada, sem desacelerar, e me passou pela cabeça que eu poderia morder a língua com o impacto. Então esperei o carro passar por cima da lombada e disse: — Não sei quantos distintivos aquele cara tinha.

Silêncio. Sacudidela.

— Eles todos moram na mesma casa?

Silêncio. Sacudidela.

— Então a noite de ir ao pub é sexta-feira.

Silêncio. Sacudidela.

— Sim, nós fomos juntos a Minsterworth. Havia uma lua naquela noite.

Silêncio. Sacudidela. E nós entramos na avenida, sem nada exceto o asfalto entre nós e a estação, até onde eu me lembrava.

— Esta é uma parte muito interessante da cidade. — Eu achei que

poderia conseguir alguma coisa se a deixasse irritada, só não sabia bem o quê. Tratá-la como uma companhia de seguros tinha ficado bem para trás.

— Sim, você tem razão, eu tenho que voltar cedo.

— Mas foi agradável conversar com você outro dia no almoço.

— E tem algum livro em especial do Stefan Zweig que você gostaria de recomendar?

— Há um bocado de gente gorda atualmente. Obesa. Essa foi uma das coisas que mudou desde que éramos jovens, não foi? Eu não me lembro de ninguém que fosse obeso lá em Bristol.

— Por que aquele cara retardado chamou você de Mary?

Pelo menos eu estava usando o cinto de segurança. Desta vez a técnica de estacionar de Veronica consistiu em subir com as duas rodas na calçada a uma velocidade de cerca de 30km por hora e depois pisar no freio.

— Fora — disse ela, olhando para a frente.

Eu assenti com a cabeça, tirei o cinto de segurança e saí lentamente do carro. Fiquei mais tempo do que o necessário com a porta aberta, só para irritá-la mais um pouco, e disse: — Você vai acabar com os pneus se continuar fazendo isso.

A porta foi arrancada da minha mão quando ela saiu com o carro.

Fiquei sentado no trem de volta para casa sem pensar em nada, na verdade, apenas sentindo. E nem mesmo pensando no que estava sentindo. Só naquela noite foi que eu comecei a me deter no que tinha acontecido.

O principal motivo por eu me sentir tolo e humilhado era — como eu tinha descrito isso para mim mesmo, poucos dias antes? — “a eterna esperança do coração humano”. E antes disso, “a atração de superar o desprezo de alguém”. Eu não acho que normalmente eu seja vaidoso, mas eu tinha claramente ficado mais magoado do que imaginava. O que tinha começado como uma determinação em receber um bem que me havia sido deixado em testamento tinha se transformado em algo muito maior, algo que tinha a ver com minha vida como um todo, com tempo e memória. E desejo. Eu achei — em algum nível do meu ser, eu realmente achei — que podia voltar ao começo e mudar as coisas. Que podia fazer o sangue correr para trás. Eu tive a vaidade de imaginar — mesmo não tendo ido mais longe do que isso — que podia fazer Veronica gostar de novo de mim, e que era importante fazer isso. Quando ela mandou o e-mail falando em “fechar o ciclo”, eu fracassei completamente em perceber seu tom sarcástico e zombeteiro, e o interpretei como sendo um convite, quase uma cantada.

A atitude dela em relação a mim, pensando bem, tinha sido coerente — não só nos últimos meses, mas ao longo de muitos anos. Ela me achava carente, preferiu Adrian, e sempre considerou esses julgamentos corretos. Isto era, eu percebia agora, autoevidente, fosse num sentido filosófico ou em outro sentido qualquer. Mas, sem entender meus próprios motivos, eu quis provar a ela, mesmo neste estágio tão tardio, que ela me julgara mal. Ou melhor, que a visão inicial que ela teve de mim — quando estávamos nos familiarizando com nossos corpos e corações, quando ela aprovou alguns dos meus livros e discos, quando ela gostou de mim o suficiente para me levar para casa — estava correta. Eu achei que poderia superar o desprezo e fazer o remorso voltar a ser culpa, e depois ser perdoado. Eu tinha sido tentado, de alguma forma, pela ideia de que nós podíamos extirpar a maior parte do tempo que passamos separados, podíamos cortar e colar a fita magnética na qual nossas vidas estão gravadas, voltar àquele cruzamento e tomar a estrada menos percorrida, ou melhor, ainda não percorrida. Em vez disso, eu tinha simplesmente deixado para trás o bom-senso. Velho tolo, eu disse a mim mesmo. E não existe ninguém mais tolo do que um velho tolo: era isso que a minha mãe há muito tempo morta costumava murmurar quando lia histórias no jornal sobre homens mais velhos se apaixonando por mulheres mais jovens e jogando para o alto seus casamentos por um sorriso afetado, um cabelo oxigenado e um par de seios empinados. Não que ela fosse capaz de se expressar dessa forma. E eu não podia nem dar a desculpa do clichê, que estava fazendo apenas o que outros homens da minha idade costumavam fazer. Não, eu era um velho tolo mais esquisito, enxertando patéticas esperanças de afeto no recipiente menos apropriado do mundo.

A semana seguinte foi uma das mais solitárias da minha vida. Parecia não haver mais nada que eu pudesse esperar do futuro. Eu estava sozinho com duas vozes falando claramente na minha cabeça: a de Margaret, dizendo “Tony, você está por sua conta agora”, e a de Veronica, dizendo “Você simplesmente não entende... Você nunca entendeu e jamais entenderá”. E o fato de saber que Margaret não cantaria de galo se eu ligasse para ela — que aceitaria alegremente o convite para mais um de nossos almoços, e que nós continuaríamos exatamente como antes —, fez com que eu me sentisse mais solitário ainda. Quem foi que disse que quanto mais se vive menos se compreende?

Ainda assim, como tendo a repetir, eu tenho um certo instinto de sobrevivência, de autopreservação. E acreditar que você tem esse instinto é

quase tão bom quanto ter realmente, porque significa que você age do mesmo jeito. Então, passado algum tempo, eu me recuperei. Eu sabia que tinha de voltar a ser como era antes que aquela fantasia tola e senil tivesse se apoderado de mim. Eu tinha que cuidar dos meus assuntos, fossem eles quais fossem, além de arrumar meu apartamento e administrar a biblioteca do hospital local. Ah, sim, e eu podia tornar a me concentrar em conseguir o que era meu.

“Caro Jack”, eu escrevi. “Talvez você pudesse me dar mais uma ajuda com Veronica. Ela me pareceu tão desconcertante quanto antigamente. Bem, será que nunca aprendemos? De todo modo, ela não cedeu no que se refere ao diário do meu velho amigo que sua mãe deixou para mim em testamento. Algum conselho a respeito disso? E um outro enigma. Eu tive um almoço agradável com Veronica na cidade umas semanas atrás. Depois ela me convidou para ir ao norte de Londres uma tarde. Parece que ela queria me mostrar umas pessoas que estão sob cuidados da comunidade, e depois ficou zangada. Será que você pode lançar alguma luz sobre isso? Espero que esteja tudo bem com você. Lembranças. Tony W.”

Eu torci para que a cordialidade não parecesse tão falsa para ele quanto parecia para mim. Depois escrevi para o Sr. Gunnell, pedindo a ele para me representar na questão do testamento da Sra. Ford. Contei a ele — confidencialmente — que meus contatos recentes com a filha da testadora tinham sugerido uma certa instabilidade, e que eu agora achava melhor que um colega advogado escrevesse para a Sra. Marriott e pedisse uma solução rápida para o caso.

Eu permiti a mim mesmo um adeus nostálgico. Pensei em Veronica dançando, com o cabelo cobrindo o rosto. Pensei nela anunciando para a família, “Vou levar o Tony até o quarto dele”, cochichando no meu ouvido para eu dormir o sono dos maus, e eu me masturbando imediatamente no lavatório, antes mesmo que ela tivesse chegado lá embaixo. Pensei na face interna do meu pulso brilhando, na manga da minha camisa arregaçada até o cotovelo.

O Sr. Gunnell escreveu para dizer que ia fazer o que eu tinha pedido. O irmão Jack nunca respondeu.

Eu tinha notado — bem, eu notaria — que só havia restrições para estacionar entre dez e meio-dia. Provavelmente para desencorajar as pessoas a virem de carro para a cidade, largando seus carros ali o dia inteiro e prosseguindo de metrô. Então eu resolvi ir de carro dessa vez: um VW Polo

cujos pneus iriam durar muito mais tempo do que os de Veronica. Depois de penar uma hora ou mais na Circular Norte, eu cheguei, estacionei onde tínhamos estado antes, de frente para a ladeira de uma rua suburbana, com o sol do fim da tarde iluminando a poeira de uma cerca viva. Bandos de colegiais voltavam para casa, meninos com as camisas para fora das calças, meninas com saias curtas provocantes; muitos falando no celular, alguns comendo, uns poucos fumando. Quando eu estava na escola, nos diziam que enquanto estivéssemos de uniforme tínhamos que nos comportar de um modo que refletisse bem a instituição. Então não era permitido comer ou beber na rua; e se alguém fosse apanhado fumando levaria uma surra. E também não era permitido confraternizar com o sexo oposto: a escola das meninas que ficava ao lado e se ligava à nossa deixava as meninas sair quinze minutos antes dos meninos, dando tempo a elas de se afastar bastante de seus pares masculinos, predatórios e fálicos. Eu fiquei ali sentado me lembrando de tudo isso, registrando as diferenças, sem chegar a nenhuma conclusão. Nem aplaudi nem censurei. Fiquei indiferente; eu tinha suspenso o meu direito a ideias e julgamentos. Tudo o que me importava era saber por que eu tinha sido levado àquela rua duas semanas antes. Então fiquei sentado no carro com o vidro abaixado, esperando.

Depois de cerca de duas horas, desisti. Voltei no dia seguinte e no outro, sem sucesso. Então fui até a rua onde ficavam o pub e a loja, e estacionei em frente. Esperei, entrei na loja e comprei algumas coisas, esperei mais um pouco, voltei para casa. Eu não tinha a menor sensação de estar desperdiçando o meu tempo: pelo contrário, tinha a sensação de que era para isso que o meu tempo servia agora. E em todo caso, a loja acabou se mostrando bastante útil. Era um desses lugares que vão de delicatessen a loja de ferragens. Nesse período eu comprei legumes e sabão para máquina de lavar louça, frios e papel higiênico; usei o caixa eletrônico e comprei um estoque de bebidas. Passados os primeiros dias, eles passaram a me chamar de “companheiro”.

Num determinado momento pensei em entrar em contato com o serviço social do bairro e perguntar se eles tinham uma casa comunitária que abrigasse um homem todo coberto de distintivos; mas achei que isso não me levaria a lugar algum. Eu iria empacar na primeira pergunta deles: por que o senhor quer saber? Eu não sabia por que eu queria saber. Mas, como disse, eu não estava com nenhuma pressa. Era como não pressionar o cérebro para lembrar de alguma coisa. Se eu não pressionasse — o quê? — o tempo, então

alguma coisa, talvez até mesmo uma solução, me viesse à mente.

E no devido tempo eu me lembrei das palavras que tinha ouvido. “Não, Ken, nada de pub hoje. A noite de sexta é a noite de ir ao pub.” Então na sexta-feira seguinte eu fui até lá e me sentei com um jornal no William IV. Era um desses pubs melhorados por causa da pressão econômica. Havia um cardápio com grelhados, um aparelho de TV sintonizado na BBC e quadros-negros por toda parte: um anunciando o enigma semanal, outro o clube do livro mensal, um terceiro, o próximo programa esportivo na televisão, enquanto um quarto anunciava o pensamento do dia, sem dúvida copiado de algum livro de citações. Eu bebi cerveja enquanto fazia palavras cruzadas, mas ninguém apareceu.

Na segunda sexta-feira, eu pensei: eu bem que posso jantar aqui, então pedi peixe grelhado com batatas e uma taça grande de Sauvignon branco, chileno. Não estava nada mau. Então, na terceira sexta-feira, quando eu estava começando a comer meu penne com molho de gorgonzola e nozes, o homem torto e o cara de bigode entraram. Eles se sentaram bem à vontade numa mesa, e o barman, naturalmente acostumado com os pedidos deles, trouxe um copo de cerveja para cada um, que eles começaram a bebericar, pensativos. Eles não olharam em volta e nem procuraram fazer contato visual com ninguém; em troca, ninguém tomou conhecimento deles. Uns vinte minutos depois, uma mulher negra com ar maternal entrou no pub, foi até o bar, pagou a conta e levou os dois gentilmente embora. Eu apenas observei e esperei. O tempo estava do meu lado, estava sim. Às vezes as canções falam a verdade.

Eu me tornei um cliente regular do pub e também da loja. Não entrei para o clube do livro e nem tomei parte na solução do enigma da noite, mas me sentava regularmente numa mesinha perto da janela e examinava o cardápio. O que eu estava esperando? Provavelmente conseguir conversar em algum momento com o jovem cuidador que eu tinha visto acompanhando o quinteto naquela primeira tarde; e até, quem sabe, com o homem dos distintivos, que parecia mais afável e acessível. Eu era paciente sem me dar conta disso; eu não contava mais as horas; e então, uma noite, ainda cedo, eu vi os cinco se aproximando, acompanhados pela mesma mulher. De certa forma, não fiquei surpreso. Os dois clientes habituais entraram no pub; os outros três foram para a loja com a acompanhante.

Eu me levantei, deixando minha esferográfica e meu jornal na mesa para mostrar que ia voltar. Na entrada da loja, peguei uma cesta de plástico

amarela e comecei a andar devagar. No final de um corredor, os três estavam juntos na frente de um sortimento de artigos de limpeza, debatendo gravemente o que comprar. O espaço era apertado, e eu disse alto “Com licença” ao me aproximar. O cara desengonçado de óculos se encostou imediatamente, com a cara para dentro, nas prateleiras de artigos de cozinha, e os três ficaram calados. Quando eu passei, o homem com os distintivos me encarou. “Boa-noite”, eu disse com um sorriso. Ele continuou olhando, depois fez uma reverência. Eu não insisti e voltei para o pub.

Alguns minutos depois, os três se juntaram aos outros dois. A acompanhante entrou no bar e fez os pedidos. Eu percebi que, embora eles fossem barulhentos e infantis na rua, eram tímidos e falavam baixinho na loja e no pub. Refrigerantes foram levados para os recém-chegados. Eu achei ter ouvido a palavra “aniversário”, mas posso ter me enganado. Resolvi que estava na hora de pedir a comida. Meu caminho até o bar me levaria para perto deles. Eu não tinha nenhum plano. Os três que tinham vindo da loja ainda estavam em pé e se viraram ligeiramente quando eu me aproximei. Eu dei outro alegre “boa-noite” para o homem dos distintivos, que respondeu como antes. O cara desengonçado estava agora na minha frente e quando eu estava passando por ele, parei e olhei direito para ele. Ele tinha uns quarenta anos, mais de um metro e oitenta, pele pálida e óculos de lentes grossas. Eu vi que ele estava louco para virar de costas de novo. Mas em vez disso ele fez uma coisa inesperada. Ele tirou os óculos e me olhou direto no rosto. Os olhos dele eram castanhos e doces.

Quase sem pensar, eu disse baixinho para ele: — Eu sou amigo de Mary.

Eu vi quando ele esboçou um sorriso e logo em seguida ficou apavorado. Ele se virou, gemeu baixinho, foi para perto da mulher indiana e deu a mão para ela. Eu fui até o bar, coloquei metade da bunda na banquetta e comecei a examinar o cardápio. Momentos depois, eu me dei conta da acompanhante negra ao meu lado.

— Desculpe — disse. — Espero não ter feito nada errado.

— Não estou certa — respondeu ela. — Não é bom assustá-lo. Especialmente agora.

— Eu o conheci antes, junto com Mary, quando ela esteve aqui uma tarde. Eu sou amigo dela.

Ela olhou para mim, como que tentando avaliar meus motivos e minha sinceridade. — Então o senhor é capaz de entender — disse ela calmamente —, não é?

— Sou sim.

E a verdade é que entendi. Eu não precisei falar nem com o homem do distintivo e nem com o cuidador. Agora eu sabia.

Eu vi no rosto dele. Nem sempre isso é verdade, é? Pelo menos, não para mim. Nós ouvimos o que as pessoas dizem, nós lemos o que elas escrevem — é isso que serve de prova, de confirmação. Mas, se o rosto contradiz as palavras, nós interrogamos o rosto. Um olhar fugidio, um rubor nas faces, o tremor incontrollável de um músculo facial — e aí nós sabemos. Nós identificamos a hipocrisia ou a mentira, e a verdade surge, clara, diante de nós.

Mas isto foi diferente, mais simples. Não houve contradição — eu vi simplesmente no rosto dele. Nos olhos, em sua cor e expressão, e nas faces, na sua palidez e na estrutura óssea. A confirmação veio da altura dele, e do modo como seus ossos e músculos estavam configurados. Aquele era o filho de Adrian. Eu não precisava de certidão de nascimento nem de teste de DNA — eu vi e senti. E é claro que as datas combinavam: ele teria mais ou menos esta idade agora.

Minha primeira reação foi, eu admito, solipsista. Eu não pude deixar de lembrar do que eu tinha escrito na parte da minha carta endereçada a Veronica: “É só uma questão de saber se você conseguirá engravidar antes de ele descobrir que você é uma chata.” Eu nem tinha dito isso com sinceridade na época — eu só estava buscando uma forma de magoá-la. Na verdade, o tempo todo em que saí com Veronica, eu a achei muitas coisas — atraente, misteriosa, crítica —, mas nunca chata. E mesmo nos contatos mais recentes com ela, embora os adjetivos pudessem ser atualizados — irritante, teimosa, arrogante, e no entanto, ainda, de certa forma, atraente —, eu nunca a achei chata. Então aquilo foi ofensivo e falso.

Mas isso era só a metade. Quando eu estava tentando ofendê-los, eu tinha escrito: “Uma parte de mim torce para que vocês tenham um filho, porque eu acredito muito na vingança do tempo. Mas a vingança deve cair sobre as pessoas certas, i. e., vocês dois.” E depois: “Então eu não lhes desejo isso. Seria injusto infligir a um feto inocente a possibilidade de descobrir que ele foi o fruto do vosso ventre, se me permitem a licença poética.” Remorso, etimologicamente, é o ato de morder de novo: é isso que o sentimento causa em você. Imagine a força da mordida quando eu reli minhas palavras. Elas pareciam uma velha maldição que eu tinha esquecido de ter lançado. É claro que eu não acreditava — não acredito — em maldições. Isto é, que as

palavras possam fazer acontecer. Mas a própria ação de dizer algo que depois acontece — de desejar um determinado mal, e este mal vir a acontecer —, isto tem algo de sobrenatural que nos causa calafrios. O fato de o jovem eu que rogou uma praga e do velho eu que testemunhou o resultado da praga terem sentimentos muito diferentes era monstruosamente irrelevante. Se, pouco antes de tudo isso começar, você tivesse me dito que Adrian, em vez de se matar, tinha, ao contrário, se casado com Veronica, que eles tinham tido um filho juntos, depois, talvez, outros, e depois netos, eu teria respondido: que ótimo, cada um com a sua vida; você seguiu a sua vida, eu segui a minha, sem ressentimentos. E agora estes clichês entraram em conflito com a verdade irrefutável do que aconteceu. A vingança do tempo contra um feto inocente. Eu pensei naquele pobre homem prejudicado virando de costas para mim na loja e apertando o rosto contra os rolos de toalha de papel e pacotes enormes de papel higiênico como que para evitar a minha presença. Bem, o instinto dele tinha sido verdadeiro: eu era um homem ao qual se devia dar as costas. Se a vida recompensava o mérito, então eu merecia ser evitado.

Poucos dias antes eu estava tendo fantasias a respeito de Veronica, admitindo o tempo todo que não sabia nada da vida dela nos mais de quarenta anos em que ficara sem vê-la. Agora eu tinha algumas respostas às perguntas que não havia feito. Ela engravidara de Adrian, e — quem sabe? — talvez o trauma do suicídio dele tivesse afetado a criança em seu útero. Ela teve um filho que em algum momento tinha sido diagnosticado como... o quê? Como não sendo capaz de viver autonomamente na sociedade; como precisando de constante apoio emocional e financeiro. Eu imaginei quando o diagnóstico teria sido feito. Foi logo depois do nascimento, ou teria havido uma pausa de alguns anos, durante os quais Veronica pôde se consolar com o que tinha sido salvo dos escombros? Mas depois — durante quanto tempo ela sacrificara a sua vida por ele, talvez aceitando algum emprego porcaria de meio expediente enquanto ele frequentava uma escola para crianças com necessidades especiais? E então, presumivelmente, ele tinha ficado maior e mais difícil de lidar, e no fim o esforço se tornou impossível e ela permitiu que ele fosse levado. Imagine como ela deve ter se sentido; imagine a perda, a sensação de fracasso, a culpa. E aqui estou eu, reclamando porque a minha filha às vezes se esquecia de me mandar um e-mail. Eu também me lembrei dos pensamentos ingratos que tive desde que reencontrei Veronica na ponte Wobbly. Eu a achei um tanto maltratada e descabelada; achei que ela foi difícil, antipática, desagradável. Na verdade, tive sorte de ela me conceder

um pedaço do seu dia. E eu tinha esperado que ela me entregasse o diário de Adrian? No lugar dela, eu provavelmente também o teria queimado, como acredito agora que ela tenha feito.

Não houve ninguém para quem eu pudesse contar isto — por muito tempo. Como Margaret disse, eu estava por minha conta — e era assim que devia ser. Principalmente porque eu tinha que reavaliar uma boa parte do meu passado, tendo apenas o remorso por companhia. E depois de repensar a vida e o caráter de Veronica, eu teria que voltar ao meu passado e lidar com Adrian. Meu amigo filósofo, que olhou a vida de frente e decidiu que qualquer indivíduo responsável, capaz de pensar, deveria ter o direito de rejeitar este presente que nunca fora pedido — e cujo nobre gesto reforçava, a cada década que passava, a acomodação e a insignificância da maioria das vidas. “Maioria das vidas”: minha vida.

Então a imagem dele — esta reprovação viva, morta de mim e do resto da minha existência — agora estava destruída. “Diploma de primeira classe, suicídio de primeira classe”, Alex e eu tínhamos concordado. Que tipo de Adrian eu tinha agora? Um que engravidou a namorada, foi incapaz de enfrentar as consequências e “escolheu a saída mais fácil”, como costumavam dizer. Não que possa haver algo de fácil nisso, nesta afirmação final da individualidade contra a grande generalidade que a oprime. Mas agora eu tinha que recalibrar Adrian, transformá-lo de um renegado que citava Camus, para quem o suicídio era a única questão filosófica verdadeira, em... o quê? Nada além do que uma versão de Robson, que “não era exatamente do tipo Eros e Thanatos”, como Alex tinha dito, quando aquele até então insignificante membro da Sexta de Ciência tinha deixado este mundo com um “Desculpe, mamãe”.

Na época, nós quatro tínhamos especulado a respeito da namorada de Robson — desde virgem pudica até prostituta sofrendo de doenças venéreas. Nenhum de nós tinha pensado na criança, ou no futuro. Agora, pela primeira vez, eu imaginei o que teria acontecido com a namorada de Robson, e com o filho deles. A mãe deveria ter mais ou menos a minha idade, e era bem provável que ainda estivesse viva, enquanto o filho deveria estar beirando os cinquenta. Será que ele ainda acreditava que o “papai” tinha morrido num acidente? Talvez ele tivesse sido dado para adoção, e tivesse crescido se achando indesejado. Mas hoje em dia os adotados têm o direito de saber quem foram suas mães biológicas. Eu imaginei isso acontecendo, e o encontro difícil e triste que deveria ter resultado disso. Eu me vi desejando,

mesmo tanto tempo depois, pedir desculpas à namorada de Robson pelo modo leviano com que tínhamos falado dela, sem avaliar sua dor e sua vergonha. Uma parte de mim desejou entrar em contato com ela e pedir desculpas por nossos erros de tanto tempo atrás — muito embora ela os ignorasse na época.

Mas pensar em Robson, e na namorada de Robson, era apenas um meio de evitar o que agora era a verdade a respeito de Adrian. Robson tinha 15, 16 anos? Ainda morava em casa, com pais que sem dúvida não eram exatamente liberais. E se a namorada dele tivesse menos de 16 anos, ele poderia enfrentar também uma acusação de estupro. Então não havia mesmo comparação. Adrian tinha crescido, tinha saído de casa e era muito mais inteligente do que o pobre Robson. Além disso, naquela época, se você engravidasse uma moça, e se ela não quisesse fazer um aborto, você se casava com ela: essas eram as regras. Entretanto, Adrian não pôde nem enfrentar esta solução convencional. “Você acha que foi porque ele era inteligente demais?”, minha mãe tinha perguntado, irritada. Não, não tinha nada a ver com inteligência; e menos ainda com coragem moral. Ele não recusou grandiosamente um presente existencial; ele teve medo do berço na sala.

O que eu sabia da vida, eu que tinha vivido tão cautelosamente? Que não tinha ganhado nem perdido, mas apenas deixado a vida acontecer? Que tinha as ambições costumeiras e que havia me conformado tão depressa com o fato de elas não se realizarem? Que evitava o sofrimento e chamava a isso de capacidade de sobreviver? Que pagava as contas, mantinha boas relações com todo mundo na medida do possível, e para quem êxtase e desespero logo se tornaram simplesmente palavras um dia lidas em romances? Uma pessoa cuja autocrítica nunca causou realmente dor? Bem, havia tudo isso para pensar, enquanto eu suportava um tipo especial de remorso: um sofrimento imposto finalmente a alguém que sempre achou que sabia como evitar o sofrimento — e imposto exatamente por esse motivo.

“Fora!”, Veronica tinha ordenado, após subir no meio-fio a 30km por hora. Agora eu dava à palavra a sua ressonância mais ampla: fora da minha vida, eu jamais quis que você se aproximasse de novo de mim para começo de conversa. Eu jamais deveria ter concordado em me encontrar com você, muito menos almoçar, muito menos levar você para ver o meu filho. Fora, fora!

Se eu soubesse o endereço dela, teria mandado uma carta decente. Eu intitulei o meu e-mail “Pedido de desculpas” e depois mudei para “PEDIDO

DE DESCULPAS”, mas isso pareceu enfático demais, então eu voltei ao anterior. Eu tinha que ser direto e objetivo.

Cara Veronica, Eu sei que sou provavelmente a última pessoa de quem você quer ter notícia, mas espero que leia esta mensagem até o fim. Eu não aguardo uma resposta sua. Mas passei algum tempo reavaliando as coisas e gostaria de me desculpar com você. Não espero que você passe a me achar uma pessoa melhor — mas dificilmente você poderia me achar uma pessoa pior. Aquela minha carta foi imperdoável. Tudo o que posso dizer é que minhas palavras desprezíveis foram a expressão de um momento. Foi um choque para mim relê-las depois de todos estes anos.

Não espero que você me entregue o diário de Adrian. Se você o queimou, ponto final. Se não o queimou, então, obviamente, como ele foi escrito pelo pai do seu filho, ele pertence a você. Não entendo por que sua mãe o deixou para mim, mas isso não importa.

Peço desculpas por ter sido tão irritante. Você estava tentando me mostrar alguma coisa e eu fui burro demais para entender. Gostaria de desejar a você e ao seu filho uma vida serena, tanto quanto possível considerando as circunstâncias. E se em algum momento eu puder fazer algo por vocês, espero que não hesite em me procurar.

Sinceramente, Tony

Foi o melhor que pude fazer. Não ficou tão bom quanto eu gostaria, mas pelo menos eu tinha sido totalmente sincero. Eu não tive nenhuma segunda intenção. Não esperava conseguir nada com aquilo. Nem um diário, nem as boas graças de Veronica, nem mesmo que ela aceitasse minhas desculpas.

Não sei dizer se me senti melhor ou pior depois de mandar o e-mail. Eu não sentia muita coisa. Estava exausto, vazio. Não tive nenhuma vontade de contar a Margaret o que tinha acontecido. Pensava mais em Susie, e da sorte que os pais têm quando um filho nasce com dois braços e duas pernas, um cérebro normal, e a estrutura emocional que permite que a criança, a menina, a mulher tenham uma vida. Que você seja uma pessoa comum, como o poeta desejou uma vez ao recém-nascido.

Minha vida prosseguiu. Eu recomendava livros para os doentes, para os convalescentes, para os moribundos. Eu mesmo li um ou dois livros. Eu punha para fora o meu lixo reciclável. Escrevi ao Sr. Gunnell e pedi a ele para não prosseguir com a questão do diário. Um dia, no final da tarde, impulsivamente, eu fui até a Circular Norte, fiz umas compras e jantei no William IV. Perguntaram se eu tinha viajado de férias. Na loja eu disse que sim, no pub eu disse que não. As respostas não me pareceram importantes. Nada parecia importante. Eu pensava nas coisas que tinham acontecido comigo ao longo dos anos, e do pouco que eu tinha feito acontecer.

A princípio achei que fosse um e-mail antigo, reenviado por engano. Mas o meu título do assunto tinha ficado lá, “Pedido de desculpas”. Abaixo, minha mensagem não fora apagada. A resposta dela dizia: “Você ainda não entendeu. Você nunca entendeu e jamais entenderá. Então pare de tentar.”

Eu deixei a mensagem na minha caixa de entrada e de vez em quando a relia. Se não tivesse tomado a decisão de ser cremado e ter minhas cinzas espalhadas, eu poderia ter usado a frase como um epitáfio numa sepultura de mármore ou de pedra: “Tony Webster — Ele Jamais Entendeu.” Mas isso seria melodramático demais, até mesmo piegas. Que tal: “Ele está por sua própria conta agora?” Isso seria melhor, mais verdadeiro. Ou talvez eu insistisse com: “Todo dia é domingo.”

*

Às vezes eu ia até a loja e o pub. Aqueles eram lugares onde eu sempre tinha uma sensação de calma, por mais estranho que isso possa parecer; e também uma sensação de propósito, talvez o último propósito da minha vida. Como antes, eu não achava que estava desperdiçando o meu tempo. Talvez para isso é que servisse o meu tempo. E ambos eram lugares agradáveis — pelo menos mais agradáveis do que seus equivalentes onde eu morava. Eu não tinha nenhum plano: e daí? Eu não tinha um “plano” há anos. E o retorno dos meus sentimentos — se tivesse sido isso — em relação a Veronica não podia ser caracterizado como um plano. Mais como um impulso breve, mórbido, um apêndice para uma curta história de humilhação.

Um dia, eu disse ao barman: — Você acha que poderia me preparar batatas fritas finas para variar?

— Como assim?

— Você sabe, como na França, aquelas fininhas.

— Não, aqui não fazemos desse tipo.

— Mas no cardápio diz que elas são cortadas à mão.

— Sim.

— Bem, não dá para cortá-las mais finas?

A costureira afabilidade do barman fez uma pausa. Ele me olhou como se não soubesse ao certo se eu era um pedante ou um idiota, ou talvez as duas coisas.

— Batatas cortadas à mão significa batatas grossas.

— Mas se você corta batatas à mão, não poderia cortá-las mais finas?

— Nós não as cortamos. Elas vêm assim.

— Elas não são cortadas aqui?

— Foi o que eu disse.

— Então o que vocês chamam de “batatas cortadas à mão” são na verdade batatas cortadas em outro lugar, e muito provavelmente por uma máquina?

— O senhor é fiscal da prefeitura, ou algo assim?

— De jeito nenhum. Eu só estou intrigado. Eu nunca me dei conta de que “cortada à mão” significava “grossa” e não “necessariamente cortada à mão”.

— Bem, agora o senhor sabe.

— Desculpe. Eu não tinha entendido.

Eu voltei para a minha mesa e esperei o meu jantar.

E então, inesperadamente, os cinco entraram, acompanhados pelo jovem cuidador que eu tinha visto de dentro do carro de Veronica. O homem dos distintivos parou ao passar pela minha mesa e me fez aquela pequena reverência; alguns dos distintivos do seu chapéu de caçador se chocaram. Os outros seguiram em frente. Quando o filho de Adrian me viu, ele virou o ombro como se quisesse afastar a mim e ao azar. Os cinco foram até a outra extremidade do pub mas não se sentaram. O cuidador foi até o bar e pediu bebidas.

Meu peixe com batatas cortadas à mão chegou, estas últimas vieram numa vasilha de metal forrada de jornal. Talvez eu estivesse sorrindo para mim mesmo quando o rapaz chegou na minha mesa.

— Posso falar com o senhor?

— Claro.

Eu indiquei a cadeira em frente. Quando ele se sentou, eu notei, por cima do ombro dele, os cinco me olhando, segurando seus copos, sem beber.

— Eu sou o Terry.

— Tony.

Nós trocamos um aperto de mãos daquele jeito estranho, com os cotovelos erguidos, que o fato de estar sentado impõe. A princípio ele ficou calado.

— Aceita uma batata? — perguntei.

— Não, obrigado.

— Sabia que quando eles colocam “batatas cortadas à mão” no cardápio isso significa apenas “grossas”, e não realmente cortadas à mão?

Ele me olhou do mesmo jeito que o barman tinha me olhado.

— É sobre o Adrian.

— Adrian — repeti. Por que eu nunca tinha pensado qual seria o nome dele? E que outro nome ele poderia ter?

— A sua presença o deixa nervoso.

— Desculpe — respondi. — A última coisa que eu quero fazer é deixá-

lo nervoso. Eu nunca mais quero perturbar ninguém. *Nunca mais*. — Ele me olhou como se desconfiasse que eu estivesse sendo irônico. — Tudo bem. Ele não vai tornar a me ver. Vou terminar minha comida e vou embora, e nenhum de vocês jamais tornará a me ver.

Ele assentiu com a cabeça. — O senhor se importa de me dizer quem o senhor é?

Quem eu sou? — É claro que não. Meu nome é Tony Webster. Muitos anos atrás, eu fui amigo do pai de Adrian. Fui colega dele de escola. Eu também conheci a mãe de Adrian — Veronica. Muito bem. Depois nós perdemos contato. Mas temos nos visto bastante nas últimas semanas. Não, meses, na verdade.

— Semanas e meses?

— Sim — disse. — Mas também não tornarei a ver Veronica. Ela não quer mais falar comigo. — Eu tentei fazer isso parecer natural em vez de patético.

Ele olhou para mim. — O senhor entende que nós não podemos falar sobre as histórias dos nossos pacientes. Que se trata de uma questão confidencial.

— É claro.

— Mas o que o senhor acabou de dizer não faz sentido.

Eu pensei um pouco. — Ah, Veronica, sim, desculpe. Eu me lembro que ele, Adrian, chamou-a de Mary. Suponho que ela use esse nome com ele. É o segundo nome dela. Mas eu a conheci, a conheço, como Veronica.

Por cima do ombro dele, eu podia ver os cinco ali parados com expressões ansiosas, ainda sem beber, observando-nos. Eu senti vergonha por minha presença incomodá-los.

— Se o senhor foi amigo do pai dele...

— E da mãe.

— Então eu acho que o senhor não entende. — Pelo menos ele disse isso de um modo diferente dos outros.

— Não?

— Mary não é mãe dele. Mary é irmã dele. A mãe de Adrian morreu cerca de seis meses atrás. Isso foi um baque para ele. É por isso que ele vem... tendo problemas ultimamente.

Automaticamente, eu comi uma batata frita. Depois outra. Havia pouco sal nelas. Essa é a desvantagem das batatas fritas grossas. Elas têm batata demais por dentro. Com as batatas finas, não só o lado de fora fica mais

crocante como o sal fica mais bem distribuído.

Tudo o que eu pude fazer foi estender a mão para Terry e repetir minha promessa. — Espero que ele fique bem. Tenho certeza de que vocês cuidam muito bem dele. Eles parecem se dar muito bem, todos os cinco.

Ele se levantou. — Bem, nós fazemos o possível, mas sofremos cortes de orçamento quase todo ano.

— Boa sorte para vocês — disse.

— Obrigado.

Quando eu paguei, deixei o dobro da gorjeta que costumava deixar. Pelo menos esta era uma maneira de ser útil.

*

E mais tarde, em casa, pensando em tudo aquilo, passado algum tempo eu entendi. Eu entendi tudo. Por que a Sra. Ford tinha o diário de Adrian. Por que ela havia escrito: “P.S. Pode parecer estranho, mas eu acho que os últimos meses da vida dele foram felizes.” O que a segunda cuidadora quis dizer quando falou “Especialmente agora”. Até o que Veronica quis dizer com “dinheiro sujo de sangue”. E, finalmente, o que Adrian estava dizendo na página que eu tivera permissão de ver. “Assim, como você expressaria uma acumulação contendo os números inteiros b , a^1 , a^2 , s , v ?” E em seguida algumas fórmulas expressando possíveis acumulações. Estava óbvio agora. O primeiro a era Adrian; e o outro era eu, Anthony — como ele costumava dirigir-se a mim quando queria que eu ficasse sério. E b significava “bebê”. Um bebê que nasceu numa idade perigosamente tardia para uma mãe — “A Mãe”. Uma criança deficiente como resultado disso. Que agora era um homem de quarenta anos, mergulhado na tristeza. E que chamava a irmã de Mary. Eu olhei para a cadeia de responsabilidade. Eu vi minha inicial lá. Eu me lembrei de que na minha feia carta eu tinha incentivado Adrian a consultar a mãe de Veronica. Eu revi as palavras que me assombrariam para sempre. Assim como a frase inacabada de Adrian. “Então, por exemplo, se Tony...” Eu sabia que não podia mudar, ou consertar, nada.

Você se aproxima do final da vida — não, não da vida em si, mas de outra coisa: de qualquer possibilidade de mudança nessa vida. Você tem permissão para desfrutar de uma longa pausa, tempo suficiente para perguntar: o que mais eu fiz de errado? Eu pensei num bando de garotos em Trafalgar Square. Pensei numa jovem dançando pela primeira vez na vida. Pensei no que não podia saber ou compreender agora, em tudo que jamais poderia ser conhecido ou compreendido. Pensei na definição de história de

Adrian. Pensei no filho dele enfiando o rosto numa prateleira cheia de rolos de papel higiênico para evitar olhar para mim. Pensei numa mulher fritando ovos de um jeito despreocupado, descuidado, indiferente ao ver que um deles tinha quebrado na frigideira; depois a mesma mulher, mais tarde, fazendo um gesto secreto, horizontal sob uma glicínia banhada de sol. E pensei numa onda se erguendo, banhada pela lua, descendo e desaparecendo corrente acima, perseguida por um bando de estudantes barulhentos cujas lanternas faziam zigue-zagues na escuridão.

Existe acumulação. Existe responsabilidade. E além de tudo isso, existe inquietude. Existe grande inquietude.

Título original
THE SENSE OF AN ENDING
Copyright © Julian Barnes, 2011

Julian Barnes assegurou seus direitos de ser identificado como autor desta obra sob o Copyright,
Designs and Patents Act 1988.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida sob qualquer forma sem
autorização do editor.

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação
do autor, foram usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não,
negócios, empresas, acontecimentos, ou localidades, é mera coincidência.

Direitos desta edição reservados à

EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar

20030-021 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br/www.rocco.com.br

Preparação de originais: Maira Parula

CIP-Brasil. Catalogação na fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

B241s Barnes, Julian, 1946—

O sentido de um fim [recurso eletrônico] / Julian Barnes ; tradução Léa Viveiros de
Castro. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2013.
recurso digital

Tradução de: The sense of an ending

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8122-158-8 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa 2. Livros eletrônicos. I. Castro, Léa
Viveiros de. II. Título.

12-8384. CDD: 823

CDU: 821.111-3

Embora o autor tenha feito todos os esforços para fornecer números precisos de telefones e endereços
de internet na ocasião da publicação da obra, nem a editora nem o autor assumem a responsabilidade
por erros ou por mudanças que ocorreram após a publicação da obra. Além disso, o editor não tem
controle e não assume a responsabilidade pelas informações do autor ou por parte de sites de terceiros
ou conteúdo desses sites.

Edição digital: novembro 2012

Arquivo ePub produzido pela [Simplíssimo Livros](#)

JULIAN BARNES é um dos mais elogiados escritores ingleses em atividade. O sentido de um fim é seu 11º- livro, e também o que lhe valeu o prestigioso Man Booker Prize em 2011. A Rocco publica sua obra no Brasil.

Table of Contents

[Um](#)

[Dois](#)

[Créditos](#)